Estêvão Zizzi, com sua escrita de sensibilidade ímpar, é apaixonado por histórias que resgatam memórias e sentimentos. Ao escrever esta obra, buscou mais do que narrar fatos: quis eternizar um amor que atravessa gerações.
Seu texto combina emoção e pesquisa, revelando um pedaço da história de Oscarina e, sobretudo, a força humana diante da dor. Para o autor, esta não é apenas uma biografia, mas um legado — um registro de coragem, fé e ternura que merece ser contado e recontado.

Heitor Baffa

UMA HISTÓRIA QUE TOCA A ALMA E RESISTE AO TEMPO.
RENATA SILVA, ESCRITORA

CADA PÁGINA É UM ABRAÇO DE AMOR E CORAGEM.
MARCELO SANTOS, JORNALISTA

OSCARINA VIVE EM CADA PALAVRA — E VIVE PARA SEMPRE.
BEATRIZ ALMEIDA, CRÍTICA LITERÁRIA

UM LIVRO QUE EMOCIONA, INSPIRA E TRANSFORMA.
RODRIGO PEREIRA, PROFESSOR DE LITERATURA

NÃO É APENAS LEITURA: É UM ENCONTRO COM A ESPERANÇA.
PATRÍCIA OLIVEIRA, LEITORA APAIXONADA

UM MERGULHO EMOCIONANTE NA ESSÊNCIA DO AMOR INCONDICIONAL.
EDUARDA COSTA, EDITORA LITERÁRIA

OSCARINA E SEU PAI ME ENSINARAM QUE A FÉ PODE MOVER DESTINOS.
FÁBIO MARQUES, HISTORIADOR

UM LIVRO QUE NÃO APENAS SE LÊ, MAS SE SENTE EM CADA LINHA.
LARISSA MENDES, CRÍTICA CULTURAL

LER ESTA HISTÓRIA É REENCONTRAR A BELEZA DA VIDA SIMPLES.
SÉRGIO NOGUEIRA, PSICÓLOGO E LEITOR

UMA OBRA PARA GUARDAR NO CORAÇÃO E REVISITAR SEMPRE.
MARIANA RIBEIRO, ROMANCISTA

Oscarina - Alma e Coração - Estêvão Zizzi

OSCARINA E VITÓRIA

Alma e Coração



Estévão Zizzi

Li e reli este livro, e a cada página fui invadido por uma emoção difícil de descrever. A trajetória de Oscarina é feita de delicadeza e resistência, marcada por uma juventude que, mesmo ameaçada pela doença, encontrou força na fé e no amor.
Mais comovente ainda é a figura de um pai incansável, que desafiou distâncias, medos e a própria esperança para salvar a filha. Em cada capítulo, sentimos sua luta silenciosa, sua coragem em enfrentar o impossível.
O que mais nos faz refletir é a partida precoce: apenas 21 anos. E, mesmo assim, Oscarina permaneceu de pé, com a alma cheia de fé e coragem, ensinando-nos que a vida, por mais breve, pode ser infinita em significado.
Este livro não é apenas uma história — é um abraço no tempo, um convite para acreditar no amor que não se rende.
É o eco de uma vida breve que brilhou como uma estrela, intensa e inesquecível.
É a voz de uma esperança que resistiu mesmo quando tudo parecia perdido.
É a prova de que a fé pode ser maior que a doença, maior que o medo, maior que a morte.
Cada página é um sopro de vida, um lembrete de que amar é sempre a escolha mais bonita.
Leia devagar, sinta cada palavra — porque aqui, o amor é eterno.

Oscarina e Vitória

Alma e coração

Estêvão Zizzi

Julho/2025

Composição

© copyright Estêvão Zizzi, 2025
All rigths reserved.
Todos os direitos desta obra reservados aos autores.
Capa e ilustração: Studio Z
Revisão: Autor
Foto da Capa: Gerada por IA


Oscarina

Sumário

Prefácio - 6
A família Guimarães - 8
A primogênita Oscarina - 19
Um Encontro do Destino - 32
A Peregrinação de Oscarina - 35
Em Nome do Amor - 37
Entre Bordados e Silêncios: O Doce Aniversário de Oscarina aos Dezoito Anos - 42
Confidência a amiga Argentina Cruz - 47
Cecília Monteiro e Anna Guimarães - 48
O Recanto dos Silêncios - 49
A Viagem a Mathilde - 52
A luta incansável de um pai - 55
A casa da avó Joaquina em Niterói - 57
Rio de Janeiro: Refúgio e Esperança contra a Tuberculose em Tempos Sem Vacina - 62
O diagnóstico de Oscarina - 64
Os dias de Oscarina no Sanatório dos Alpes - 64
Quem foi minha tia Oscarina, vovó? - 68
A Promessa no Alto da Penha - 72
O Livro que Ela Não Escreveu - 74
A volta para Vitória - 77
Dois Anos para Dizer Adeus - 81
O Último Passeio com o Pai - 83
Na varanda com a mãe - 88
Confidências à amiga Cecília - 90
A Visita que Trouxe a Esperança - 93
O Corpo Resiste, o Tempo Passa - 97
Quando Dona Ernestina Trouxe o Bolo e a Dor - 98

O Sonho de Oscarina - 100
Quando Antenor Ouvia Sua Irmã Pela Voz da Filha - 103
A Febre Que Traz Visões - 105
A Conversa com Vitória - 107
A Cura Que Não Está nos Livros - 109
As Três Perguntas do Médico - 111
Pela Estrada da Esperança - 114
Rumo a São José dos Campos - 116
A Cidade da Cura - 119
O Retorno com Esperança - 122
O dia da partida e as Despedidas - 127
A longa viagem, talvez a última - 129
O Primeiro Dia em São José - 132
A visita que aqueceu corações - 134
Ecos do coração - 137
Vitória pede socorro - 139
A Mãe Que Chegou com a Fé - 143
O Silêncio entre a Vida e a Eternidade - 147
13 de Agosto de mil novecentos e quinze - 150
O Adeus Final - 155

Prefácio

Este livro é um tributo ao tempo e ao amor, um romance que desenha com delicadeza a trajetória de Oscarina Guimarães, nascida em Vitória, Espírito Santo, no final do século XIX. Suas páginas nos transportam para uma cidade onde o crepúsculo era acolhido pelo brilho suave dos lampiões de querosene e azeite, cujas luzes tremeluzentes transformavam as ruas em cenários de poesia e mistério.

As fachadas dos sobrados exibiam luminárias em arandelas de ferro trabalhado, seus arabescos desenhando sombras que dançavam sob a luz. Varandas com pinhas de opalina ou cristal pareciam capturar a essência da noite, multiplicando a luz e criando um brilho quase mágico que abraçava a escuridão. Dentro das casas, o calor das lamparinas e velas criava um mundo à parte, onde as sombras brincavam nas paredes e pavios eram aparados com espivitadeiras que, por vezes, mais pareciam artefatos de prata lavrada, guardiãs do tempo e da memória.

Oscarina cresceu nesse cenário encantador, envolta no amor de sua família e no conforto de uma vida em que a fragilidade era sinônimo de cuidado. Sua saúde delicada fazia dela uma flor rara, protegida por mãos atentas e

corações que pulsavam com uma ternura infinita. Mas o destino, com sua ironia melancólica, parecia apressar os dias dessa jovem alma. Oscarina era como uma estrela cadente, cuja intensidade ilumina o céu, mesmo que por um instante breve.

E então, em sua plenitude juvenil, ela partiu. Um adeus precoce, mas cheio de significados. Deixou para trás um mundo que nunca a esqueceria, mas também a promessa de que o amor transcende as barreiras do tempo e da existência. Sua fiel companheira, a cachorrinha Vitória, permaneceu ao seu lado até o fim, como uma guardiã de memórias e de afeto eterno. Juntas, tornaram-se um símbolo de um amor tão puro e duradouro que nenhuma despedida poderia separar.

Este livro, com suas descrições de um tempo perdido e sua narrativa carregada de sentimento, não é apenas um mergulho em uma história, mas um convite a sentir, a lembrar e a amar.

O autor

A família Guimarães

Antenor Guimarães nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 29 de fevereiro de 1872. Era filho de Christovão José Pinto Guimarães e Joaquina Antonieta de Mattos Guimarães.

Teve 7 irmãos e 2 irmãs. Azamor, Agenor, Antônio, Acácio, Américo, Brocardo, Mário, Ormanda e Oscarina.

Naquela época, como em quase todas as localidades do Brasil, Niterói era uma cidade pequena, simples e desprovida de conforto. Com cerca de cinco mil habitantes, a cidade integrava a província do Rio de Janeiro e refletia o cenário de um país ainda em desenvolvimento. A própria capital, Rio de Janeiro, contava com pouco mais de cem mil almas. Suas ruas eram estreitas e tortuosas, pavimentadas com pedras irregulares, colhidas diretamente da natureza, pois o paralelepípedo ainda não havia sido introduzido. A iluminação pública era rudimentar, feita com óleo de peixe, já que o petróleo só começaria a ser explorado no Brasil por volta de 1895. Niterói, naqueles tempos, era um retrato fiel das pequenas cidades brasileiras, marcadas pela simplicidade e pela carência de avanços tecnológicos.

A infância de Antenor Guimarães não fugiu ao padrão das crianças da classe média de sua época. Enfrentou doenças típicas da infância, como sarampo,

catapora, caxumba e coqueluche, além das maleitas que acometiam ricos e pobres, brancos e negros, nobres e plebeus. Frequentou escolas primárias e, ainda jovem, começou a trabalhar, seguindo o costume do período.

Os primeiros sinais da juventude o encontraram buscando sustento e realizando diversos serviços, sempre em busca de uma orientação que o conduzisse a voos mais altos. Seu esforço visava alcançar atividades mais estáveis e definitivas, características de um espírito perseverante em tempos desafiadores.

No dia 13 de junho de 1886, o vapor "Mayrink" atracou em Vitória, trazendo entre seus passageiros um jovem cheio de esperanças: Antenor Guimarães, com apenas 14 anos, acompanhado de seu tio, o saudoso José Pinto Guimarães, um dos maiores negociantes da época. Hospedou-se em sua casa, na rua da Alfândega, número 11 no centro da capital.

O que vinha fazer ali, longe de sua terra natal e cercado de estranhos? Trabalhar!

Apesar da juventude, Antenor já demonstrava a maturidade de um adulto. Seu desembaraço, os gestos firmes e a seriedade no rosto revelavam um caráter decidido e uma vontade férrea. Era um pequeno viajante, mas de espírito gigante.

Seu objetivo era dar continuidade aos estudos. Contudo, por ser metade do ano, seu tio optou por não matriculá-lo imediatamente no Ateneu Provincial. Em vez

disso, decidiu que ele frequentaria a escola particular do professor Meyer, com a orientação de prestar os exames no Ateneu ao término do ano.

Contudo, esse plano teve um revés. O professor Meyer, elogiando excessivamente seus conhecimentos e progresso, chegou a afirmar que nenhum aluno do Ateneu tinha o seu preparo. Tal atitude gerou antipatia entre os professores do Ateneu e, como resultado, foi reprovado em Francês — justamente a matéria em que mais se destacava.

Além das aulas regulares, passou a frequentar o externato do Dr. Florêncio Franco Gonçalves. Seus conhecimentos foram colocados à prova, e não demorou para que ele fosse designado a liderar uma classe, composta por alunos como João Tovar e Cyrillo Tovar.

Tornou-se popular entre os colegas ao introduzir os jogos da moda daquela época: barra, saltos mortais e outros. Esses jogos despertaram tanto interesse que começaram a desviar os alunos das aulas, gerando uma revolta na administração da escola.

A congregação decidiu agir, e o diretor, o Exmo. Sr. Professor Aristides Freire, enviou uma denúncia formal a seu tio, acusando-o de ser um aluno indisciplinado e desrespeitoso. Profundamente magoado com a situação, resolveu abandonar os estudos e seguir a carreira comercial.

Assim começou a trajetória de Antenor Guimarães, um jovem de fibra que transformou desafios em aprendizado e obstáculos em impulso para construir seu futuro.

Jovem decidido e de espírito empreendedor, apresentou-se para trabalhar e foi inicialmente designado para o armazém da firma "Rodrigues Pereira e Cia.", da qual já era sócio interessado. Contudo, a empresa enfrentou sérios problemas financeiros e, para evitar o encerramento de suas atividades, foi transferida para a renomada "Camuyrano e Cia.", uma firma de destaque com operações no Rio de Janeiro e Buenos Aires, responsável pelo fornecimento de carne verde à população.

Nessa transação, Antenor também foi "negociado" e permaneceu como guarda-livros da nova empresa, função que já desempenhava para os antigos proprietários. Nesse cargo, visitava diariamente o matadouro em Santo Antônio, onde supervisionava o peso do gado abatido.

Logo surgiu uma vaga no escritório da firma, e Antenor foi transferido para trabalhar sob a chefia do experiente guarda-livros José Carlos da Silva. Contudo, a "Revolta de Custódio José de Melo" gerou uma grave crise financeira no comércio local, o que resultou no fechamento da casa comercial de seu tio.

Embora os relatos deixados por Antenor Guimarães terminem nesse ponto, preencheremos as lacunas com informações sobre os feitos que ele não registrou, mostrando a relevância de sua vida e as contribuições para o progresso de Vitória e o bem-estar de seus habitantes.

Pouco tempo após sua chegada a Vitória, e já afastado dos estudos e do emprego na "Camuyrano e Cia.", Antenor começou a negociar por conta própria. Seu primeiro trabalho de destaque foi como agente de vapores, iniciando com o "Itararé", pertencente a armadores santistas. Em seguida, passou a operar embarcações de Rodrigues Faria, empresa que deu origem à "Companhia Comércio e Navegação".

A inteligência e a habilidade natural de Antenor para os negócios abriram-lhe horizontes promissores. Sentindo-se cada vez mais confiante, inaugurou, no dia 27 de junho de 1888, aos 16 anos de idade e com apenas dois anos como capixaba, sua própria agência de vapores, estiva, cargas, descargas e transportes terrestres, sob a razão social "Guimarães e Silva", precursora da "Antenor Guimarães & Cia. Ltda."

Na época, Vitória era uma pequena cidade confinada entre o mar e a montanha, semelhante à sua terra natal, Niterói. Apesar das limitações, o jovem fluminense encontrou na cidade o ambiente propício para dar vazão ao seu imenso desejo de vencer pelo trabalho.

De temperamento sério, sincero e franco em suas relações profissionais e sociais, Antenor rapidamente conquistou a consideração e estima de todos com quem mantinha negócios e amizades. Em sua longa carreira comercial, que se estendeu por 45 anos, enfrentou a ausência de bancos em Vitória, recorrendo ao apoio financeiro de amigos influentes, como os coronéis Anísio Fernandes Coelho e Antônio Alves de Azevedo, sempre que necessário.

A primeira instituição bancária em Vitória, uma filial do *Bank of London*, só seria inaugurada por volta de 1909. Somente anos depois o Banco do Brasil abriria sua primeira agência na cidade.

Sempre atento às inovações que o progresso trazia, Antenor Guimarães foi pioneiro em adotar tecnologias modernas. Sua residência foi a primeira na cidade a contar com luz elétrica e telefone, símbolos do conforto e da modernidade que ele fazia questão de incorporar à sua vida.

A trajetória de Antenor Guimarães é um exemplo de como determinação, trabalho árduo e visão empreendedora podem transformar desafios em grandes realizações.

Para ele, os termos difícil e impossível não faziam parte de seu vocabulário. O que parecia trabalhoso ou inviável aos outros, para ele era apenas falta de vontade ou determinação. Com essa visão destemida, Antenor

dedicou sua vida a solucionar problemas, sempre buscando atender aos interesses coletivos e promover o progresso local.

Na primeira década do século XX, ele lançou um serviço de transporte coletivo inovador, utilizando "Vitórias" e "Tilburis" para levar banhistas até a Praia do Suá, destino favorito na época. Mal resolvia um desafio e já se debruçava sobre outro. Logo, voltou sua atenção para o transporte entre Vitória e Argolas, com o objetivo de facilitar o deslocamento de passageiros das companhias Leopoldina Railway e Estrada de Ferro Vitória a Minas. Ele firmou contratos com as empresas em 1905 e 1910, respectivamente.

Para viabilizar esses serviços, Antenor organizou uma frota equipada, composta por barcos para transporte marítimo e caminhões para rotas terrestres.

Visionário como poucos, Antenor foi responsável por trazer o primeiro automóvel *Ford* ao Espírito Santo, ainda antes de existirem estradas intermunicipais adequadas para veículos. Mais tarde, ampliou suas atividades, representando marcas como *Chevrolet* e *Studebaker*, contribuindo para a modernização da mobilidade na região.

Além disso, adquiriu pequenos navios e lanchas para atender à crescente demanda de romeiros durante as festividades da Penha, oferecendo transporte a preços acessíveis.

Apesar de seus esforços para estabelecer uma navegação costeira com embarcações como o "Carneiro", a escuna "Wulf", e o navio "Monte Moreno", essa empreitada não teve o sucesso esperado. Ainda assim, ele redirecionou seu foco e consolidou sua atuação nos serviços portuários, onde alcançou grandes realizações.

Desde os primeiros anos da construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Antenor desempenhou um papel essencial. Ele organizou a descarga de materiais, investiu recursos próprios para socorrer a empresa em momentos de dificuldade e hospedou engenheiros em sua casa, suprindo a falta de acomodações adequadas na cidade.

A colaboração de Antenor foi tão valorizada que Pedro Nolasco, figura central da ferrovia, nunca poupava elogios ao trabalho dele. Mesmo quando muitos desacreditavam na viabilidade da obra, Antenor era um entusiasta incansável. Mais tarde, ele também prestou apoio aos engenheiros americanos responsáveis pela modernização das linhas férreas e pela construção do Porto de Santa Cruz. Um desses engenheiros, James Ginella, manteve correspondência com a família Guimarães por anos, como prova de gratidão e amizade.

Antenor era amplamente respeitado entre os maiores nomes da navegação nacional. Personalidades como Antônio Martins Laje, Rodrigues Faria, Sérvulo Dourado, Conde Ernesto Pereira Carneiro, e o

Comendador Martinelli frequentemente o consultavam antes de tomar decisões sobre o Porto de Vitória.

Ao longo de sua longa e brilhante trajetória comercial, Antenor teve apenas dois concorrentes de peso: Aristides Navarro e Manoel Pinto de Mesquita.

Seu legado de coragem, trabalho árduo e dedicação inabalável transformou Vitória e contribuiu significativamente para o desenvolvimento de todo o Espírito Santo.

Casou-se com Anna Cruz Guimarães e teve como filhos: Oscarina Cruz Guimarães (16 de agosto de 1893 – Vitória/ES), Oswald Cruz Guimarães (16 de fevereiro de 1896 – Vitória/ES), Oscar, Odette, Orlando e Alcides.

Antenor veio a falecer em 16 de fevereiro de 1932 em Vitória/ES.

Antenor com Ford modelo T – 1925 – Foto ano 1927





DIARIO DA MANHA — 4.ª feira, 17 de Fevereiro de 1932

AVISOS FUNEBRES

Coronel Anteror Guimarães

Anna Cruz Guimarães; Ouca Guimarães e senhora; Oswald Cruz Guimarães, senhora e filhos; Alcides Guimarães, senhora e filhos; Sydney Pereira de Souza, esposa e filho; Orlando Antenor Guimarães; Argentina Cruz; Christovão Brocardo Guimarães, esposa e filhos; Azamor Guimarães, senhora e filhos; Accacio Guimarães e familia; Mario Guimarães; Agenor Guimarães e filhas; Ormanda Guimarães e Oscarina Guimarães, viuva, filhos, noras, genro, netos, cunhadá, irmãos e sobrinhos daquelle que em vida se chamou

ANTENOR GUIMARAES

agradecem penhorados a todos quantos lhes trouxeram conforto por occasião de seu fallecimento.

Outrosim, convidam a todos os seus parentes e amigos do fallecido para assistirem á missa que mandam celebrar pelo eterno descanço de sua alma, na egreja de São Gonçalo, ás 8 1/2 horas do dia 19 do corrente, sendo celebrante S. Ex. Revdma. D. Benedicto Alves de Souza, Bispo Diocesano.

Antecipam seus melhores agradecimentos a quantos comparecerem a este acto de piedade christã.

Victoria, 16 de Fevereiro de 1932. (795)

Agradecime

José Lube Filho, seus
decem penhorados a todas
panhar os restos mortaes d
LUBE, e de novo convida
para assistir á missa de 7.º
do corrente, ás 8 horas na
Desde já agradecem a
te acto de piedade.

Calixto R

Manoel Ribeiro Lima
zade, os filhos e demais p
de 6 mezes, que por alma
RIBEIRO COELHO, mand
Igreja de São Gonçalo.
Desde já agradece a
acto de religião.



DIARIO DA MANHA — 5.ª feira, 18 de Fevereiro de 1932

AVISOS FUNEBRES

Coronel Anteror Guimarães

Anna Cruz Guimarães; Ouca Guimarães e senhora; Oswald Cruz Guimarães, senhora e filhos; Alcides Guimarães, senhora e filhos; Sydney Pereira de Souza, esposa e filho; Orlando Antenor Guimarães; Argentina Cruz; Christovão Brocardo Guimarães, esposa e filhos; Azamor Guimarães, senhora e filhos; Accacio Guimarães e familia; Mario Guimarães; Agenor Guimarães e filhas; Ormanda Guimarães e Oscarina Guimarães, viuva, filhos, noras, genro, netos, cunhadá, irmãos e sobrinhos daquelle que em vida se chamou

ANTENOR GUIMARAES

agradecem penhorados a todos quantos lhes trouxeram conforto por occasião de seu fallecimento.

Outrosim, convidam a todos os seus parentes e amigos do fallecido para assistirem á missa que mandam celebrar pelo eterno descanço de sua alma, na egreja de São Gonçalo, ás 8 1/2 horas do dia 19 do corrente, sendo celebrante S. Ex. Revdma. D. Benedicto Alves de Souza, Bispo Diocesano.

Sofre de prisão de ventre?

Ha uma infinidade de remedios que são aconselhados para a prisão de ventre. Muitos dão um alivio momentaneo mas formam um habito e é preciso continuar a toma-los sempre. Outros contêm calomelanos e outras drogas mineraes perigosas, que permanecem no organismo, locupam-se nas juntas e causam dores e cainbras. Alguns são purgativos fortes que produzem colicas, deixando uma depressão depois de produzirem efeito.Evite os olees lubrificantes que só engrassam os intestinos e embaraçam o organismo a ficar pregoiçoso.

Um laxante puramente vegetal, como as Pequenas Pilulas do dr. Carter para o Figado, estimula levemente o figado, de modo que a bilis começa a produzir-se, os intestinos começam a funcionar e sendo eliminados os venenos a prisão de ventre acaba-se. O estomago e os intestinos funccionam atiramente e o organismo goza de um estado realmente tonico.

São vendidas em todas as farmacias e de não as encontrar dirija-se ao

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres soffrem muito mais do que os homens e soloem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance commovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, soffrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais forte e que parecem ter espleudida Saúde, quasi sempre trouxeram Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, Incommodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Dôres na Cabeça, Frio na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos, Suitos, Cainbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Molera de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc; etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A primogênita Oscarina

Em agosto de 1893, Vitória, era banhada por raios de sol que pareciam acariciar o mar com delicadeza. O céu, tingido de azul quase translúcido, refletia a tranquilidade de uma cidade onde o vento dançava entre as palmeiras e as ondas chegavam mansas à praia. Era o final do inverno, e a proximidade da primavera trazia ao ar uma promessa de renovação, como se a natureza se preparasse para um grande anúncio.

Em 5 de setembro de 1983, nua terça-feira, o jornal "Commercio do Espírito Santo" anunciava os registros de nascimentos ocorridos na segunda quinzena do mês de agosto daquele ano. Dentre eles estava: "Oscarina, nascida em 16 de agosto de 1893, filha legítima de Antenor Guimarães e dona Anna Cruz Guimarães".

Oscarina nascera, trazendo consigo uma herança que transcendia o vínculo sanguíneo, carregando um peso emocional profundo. Seu pai, ao escolher seu nome, quis homenagear a memória de sua irmã, também chamada Oscarina, cuja vida fora interrompida de forma precoce. Para ele, a escolha não era apenas um tributo àquela que partira cedo demais; era uma maneira de perpetuar sua presença e manter viva a essência de alguém que tanto amara.

A cada vez que o nome fosse pronunciado, seria como um sussurro ao passado, um vínculo silencioso entre a saudade e o renascimento, entre a dor da perda e a celebração de uma nova vida. Na pequena Oscarina, o pai enxergava não apenas uma filha, mas um elo entre tempos e afetos, uma nova esperança carregando um legado de amor. Assim, cada vez que o chamasse, seria como uma prece silenciosa, um agradecimento pela vida que agora iluminava seu lar.

Naquela manhã de setembro, Antenor e Anna estavam à janela, observando o céu límpido e sonhando com o futuro que aguardava sua primogênita. A casa ressoava com o som do novo, com o choro de um bebê que parecia harmonizar-se com o canto dos pássaros.

Oscarina, ainda tão pequena, talvez já sentisse em seus primeiros dias a vibração de uma cidade em constante movimento, entre os portos que conectavam terras distantes e a simplicidade dos moradores que cultivavam suas vidas com calma e amor. Ela cresceria nesse cenário, cercada pela brisa marítima, pelo carinho da família e pela história que começava a se desenrolar sob um céu ensolarado de Vitória.

Assim, com os ventos suaves e a promessa de primavera, a cidade acolheu não só um dia luminoso, mas também a chegada de Oscarina, cuja vida se tornaria uma das muitas que davam alma às ruas de Vitória, marcando para sempre o final daquele inverno de 1893.

Em 8 de janeiro de 1894, cinco meses depois de seu nascimento, seus pais levaram a pequena para ser batizada no Convento da Penha, em Vila Velha. Era uma manhã de sol ameno, com a brisa do mar subindo suave até o topo do monte. A solenidade, embora simples, carregava uma beleza que as palavras pareciam incapazes de capturar.

A escadaria que levava ao convento se transformou em um caminho sagrado, onde cada degrau era percorrido com o peso das promessas e sonhos que os pais traziam para o futuro daquela criança. Eles não carregavam apenas a filha nos braços, mas também os votos de proteção divina, guiados pela fé que os unia em algo maior.

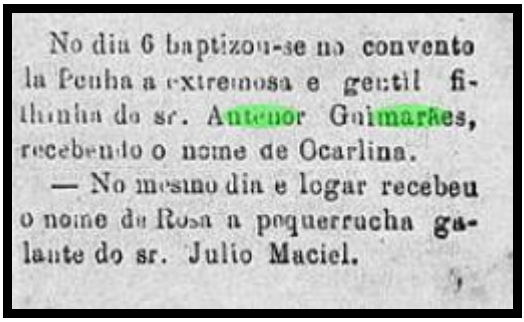
Na pequena capela, os raios de sol atravessavam os vitrais, pintando o chão com cores vivas que pareciam dançar ao som dos cânticos suaves. O padre, com um sorriso acolhedor, derramou a água benta sobre a testa da menina, enquanto ela, em sua inocência, olhava o mundo com curiosidade. Naquele instante, o silêncio tomou conta do ambiente, como se o tempo houvesse parado para testemunhar o momento sagrado.

O pai apertou a mão da mãe, e juntos trocaram olhares que dispensavam palavras. Era como se o amor entre eles houvesse encontrado um novo propósito, um novo brilho. Enquanto o eco das orações se espalhava pelas paredes do convento, eles sentiram que não

estavam sozinhos. Era como se o próprio universo houvesse se inclinado para abençoar aquela nova jornada.

Após a cerimônia, os pais se reuniram ao pé do convento, sob a sombra das árvores antigas. O cheiro do sal do mar misturava-se ao aroma doce das flores, criando uma atmosfera de paz indescritível. Ali o amor parecia crescer ainda mais, como se o batismo tivesse selado não apenas a vida da criança, mas a união daquela família.

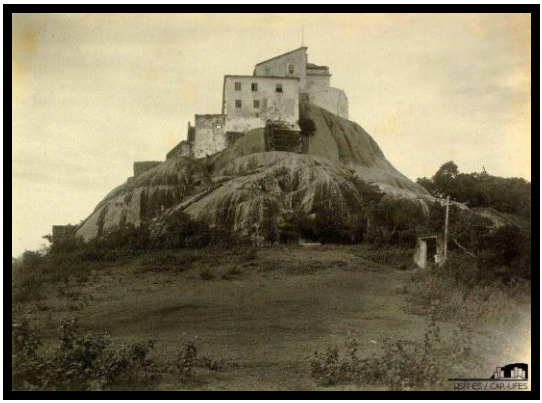
Jornal do Comércio do Espírito Santo
Segunda – feira, 8 de janeiro de 1894 – Batismo de Oscarina.



No dia 6 baptizou-se no convento da Penha a extremosa e gentil filhinha do sr. Antenor Guimarães, recebendo o nome de Ocarlina.

— No mesmo dia e logar recebeu o nome de Rosa a poquerrucha galante do sr. Julio Maciel.

Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha – ES



Os dias da pequena Oscarina deslizavam como as águas mansas de um riacho, cintilando sob o sol. Crescia numa casa com janelas largas, onde as cortinas rendadas, cuidadosamente feitas por sua mãe, Anna, dançavam ao sopro de brisas preguiçosas. O aroma do café recém-moído invadia as manhãs, misturando-se ao perfume das flores que Anna cultivava no quintal com suas mãos dedicadas.

Oscarina era uma menina de olhos curiosos, que enxergava o mundo como uma aquarela de cores vivas, cheia de possibilidades. Passava as tardes descalça, correndo pelo quintal, sentindo a textura da terra e o frescor da grama. As árvores eram suas companheiras de brincadeiras, guardiãs de segredos e refúgios para sonhar. Muitas vezes, subia na mais alta delas, sentindo-se a

rainha de um reino só dela, enquanto ouvia o vento sussurrar histórias que apenas ela entendia. Anna observava a filha com um sorriso nos lábios e o coração aquecido. Costumava dizer que Oscarina tinha a alma de uma estrela, sempre brilhando, mesmo quando o dia parecia nublado. Ela a chamava para dentro quando o cheiro do bolo de fubá tomava conta da casa, e juntas se sentavam à mesa, rindo de histórias bobas ou falando sobre os sonhos de Oscarina, que envolviam castelos distantes e jardins sem fim.

Mas os momentos mais especiais aconteciam ao entardecer, quando Anna, com sua voz doce e melodiosa, começava a contar histórias para a filha. Narrava lendas antigas, repletas de princesas corajosas e criaturas mágicas, enquanto trançava os cabelos de Oscarina, que escutava com olhos brilhantes. "O mundo pode ser tão grande quanto os seus sonhos", dizia Anna, e essas palavras ecoavam no coração da menina como uma promessa.

Era uma infância tecida com simplicidade e afeto, onde o amor estava nos detalhes: no chapéu de palha que Anna fizera para protegê-la do sol, no beijo de boa noite antes de apagarem as lamparinas e nas mãos firmes que seguravam as de Oscarina quando atravessavam o pomar juntas.

Oscarina cresceria, como todos crescem, mas levaria para sempre no coração aqueles dias dourados, onde sua

mãe era seu porto seguro, e o mundo era um lugar tão encantador quanto as histórias que compartilhavam.

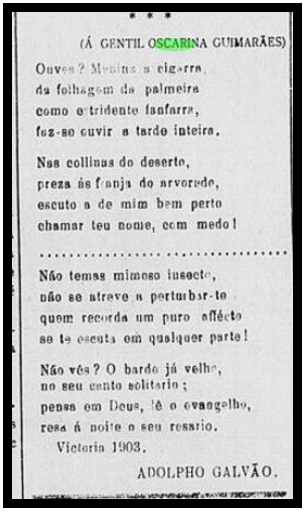
Entretando, logo cedo, a bela Oscarina, apresentava tosses constantes. O pai chegou a levá-la ao várias consultas. Todos diziam que era algum problema de garganta, nada grave. Dia sim, dia não, essas tosses a impediam de ir para ao Externato Santos Pinto, onde começou os seus estudos. Adolpho Galvão, que frequentava muito a casa de Antenor, se sensibilizou com a pequena Oscarina e no dia 4 de janeiro de 1903, em homenagem a pequena, publicou um poema no Jornal o comércio do Espírito Santo:

A Gentil Oscarina Guimarães
Ouves? Menina a cigarra,
Da folhagem da Palmeira
como e tridente fanfarra,
faz-se ouvir a tarde inteira.
Nas colinas do deserto,
preza as franjas do arvoredo;
estudo a de mi tão perto
chamar teu nome, com medo!
Não temas mimoso inseto,
não se atreve a perturbar-te
quem recorda um puro afeto
se te escuta em qualquer parte!
Não vez? O bardo já velho?

No seu canto solitário;
Pensa em Deus, lê o evangelho;
Reza a noite o seu rosário.

Com apenas dez anos, a menina ouviu o pai ler em voz baixa as palavras do jornal. Ela, curiosa e com os olhos brilhando, perguntou: "Papai, o que significa?" O pai sorriu suavemente, tocando a cabeça da filha com carinho, e respondeu: "Ele diz, minha querida, que você deve sempre manter a calma. Sua essência será admirada, mesmo nos momentos mais difíceis, porque a verdadeira beleza vem de dentro.

4 de janeiro de 1903 - Jornal do Comércio do Espírito Santo



* * *

(Á GENTIL OSCARINA GUIMARÃES)

Ouves? Meninas a cigarra,
da folhagem da palmeira
como o tridente fanfarra,
faz-se ouvir a tarde inteira.

Nas collinas do deserto,
preza ás franjas do arvoredo,
escuto a de mim bem perto
chamar teu nome, com medo!

.....

Não temas mimoso insecto,
não se atreve a perturbar-te
quem recorda um puro affécto
se te escuta em qualquer parte!

Não vês? O bardo já velho,
no seu canto solitario;
pensa em Deus, lê o evangelho,
reza á noite o seu rosario.

Victoria 1903.

ADOLPHO GALVÃO.

Quando iniciou seus estudos no Externato Santos Pinto, destacou-se rapidamente como uma aluna brilhante. Suas notas, sempre acima da média, refletiam não apenas dedicação, mas uma curiosidade genuína e uma sede de aprender que encantava a todos ao seu redor. A professora Tereza Calazans, com admiração nos olhos, frequentemente a elogiava em sala de aula, reconhecendo nela um talento especial e uma atenção que a tornavam excepcional.

Nunca ficou em recuperação, pois cada lição parecia ser absorvida com naturalidade. Sua presença na sala irradiava confiança e inspiração, como se a aprendizagem fosse, para ela, um ato de amor e entrega. Mais do que excelente aluna, ela era a promessa de um futuro iluminado, moldado pelo esforço e guiado pela paixão pelo conhecimento.

Em 1908 foi morar em Niterói/RJ, com sua avó Joaquina, mãe de seu pai, e começou a estudar na Escola Modelo. Em um concurso de trabalhos chegou a ganhar o prêmio: Uma camisinha de cambraia fina, com entremeios de renda delicada.

Nesse pouco tempo, Oscarina começou a escrever um diário, um pequeno caderno de capa simples, mas que guardava em suas páginas o brilho de sua alma. Ali, com a delicadeza de quem transforma sentimentos em palavras, ela descrevia os momentos de alegria que

faziam seu coração vibrar e as tristezas que, silenciosas, buscavam abrigo em sua escrita. Era como se, a cada frase, ela bordasse uma tapeçaria de emoções, tecendo a vida com fios de esperança e nostalgia.

Nas páginas, os dias de sol eram pintados com palavras quentes e douradas, narrando risos espontâneos e olhares cheios de cumplicidade. Já as noites de melancolia ganhavam tons suaves e introspectivos, como se seu lápis, em gestos calmos, buscasse consolo na profundidade das suas reflexões. Escrever não era apenas um hábito; era um refúgio, um espaço onde ela podia ser inteiramente ela mesma. Cada entrada no diário parecia carregar o perfume das flores do quintal, o som do vento nas janelas e o pulsar de seu coração inquieto. Mais do que relatos, aquelas palavras eram testemunhas silenciosas de uma vida que se desenrolava com ternura e intensidade. E, mesmo sem saber, Oscarina estava compondo uma história única, onde a beleza estava não apenas nos grandes acontecimentos, mas nos detalhes que ela, com tanto amor, registrava.

No entanto, por causa de sua saúde delicada, deixou a escola em Niterói e retornou naquele mesmo ano para Vitória.

Mas o amor de seu pai, sempre incansável, não conhecia limites. Em novembro, ele decidiu levá-la em uma jornada cheia de esperança e ternura. A bordo do imponente navio alemão Pernambuco, partiram rumo a

Friburgo/RJ, na tentativa de que o frescor das montanhas e o ar puro pudessem trazer alívio e renovação à sua alma frágil.

Enquanto o navio cortava as águas serenas, o pai a observava com olhos cheios de cuidado, como se quisesse proteger não apenas sua saúde, mas também cada sorriso que ela ainda pudesse oferecer. Era mais do que um passeio; era um gesto de amor profundo, uma tentativa de abraçar o mundo para ofertá-lo a ela. E naquele balanço suave do mar, entre o céu aberto e a esperança, ele sonhava com dias melhores, na certeza de que cada esforço por ela valeria a pena.

Pegou seu diário com mãos delicadas, como quem segura algo sagrado, e caminhou até a amurada do navio. O mar, vasto e pulsante, estendia-se diante de seus olhos, refletindo o céu que parecia não ter fim. Sentou-se em um canto tranquilo, onde o som das ondas misturava-se ao leve murmúrio do vento, e abriu o caderno na página em branco. Por um instante, ficou ali, contemplando a imensidão azul, deixando que o coração ditasse o que as palavras ainda hesitavam em dizer.

"Hoje, escrevo ao som do mar," começou, sentindo o lápis deslizar pelo papel. "Ele é como a vida, sempre em movimento, por vezes sereno, outras tempestuoso, mas sempre belo em sua grandeza. Enquanto o observo, penso em tudo o que deixei para trás e em tudo o que espero encontrar pela frente. Este mar que agora me

abraça parece sussurrar promessas de renovação, como se dissesse que cada onda leva consigo um pouco da dor que carrego."

Parou por um instante, respirando fundo, deixando que o cheiro salgado do oceano lhe enchesse os pulmões. A brisa acariciava seus cabelos, e ela continuou:

"Meu pai me trouxe aqui com a esperança de que eu encontre algo que perdi – talvez minha força, talvez minha alegria. E enquanto escrevo, percebo que ele tem razão. Algo dentro de mim começa a despertar, como se o horizonte distante guardasse um pedaço de mim que ainda preciso descobrir."

Fechou o diário com suavidade, segurando-o junto ao peito, como se suas palavras fossem agora parte dela, protegidas do mundo. Olhando novamente para o mar, sentiu-se pequena diante de sua imensidão, mas também livre, como se aquela vastidão lhe concedesse a chance de recomeçar. E ali, ao som das ondas, fez uma promessa silenciosa: encontrar em si mesma a força que tanto desejava.

O pai, sempre a seu lado, a observava com o cuidado de quem carrega um amor profundo e incondicional. No silêncio da filha, ele enxergava mais do que palavras ausentes; percebia um mundo interior repleto de emoções que ela não conseguia traduzir. Esse silêncio, tão denso quanto as nuvens antes da chuva,

amargurava seu coração, como se ele pudesse sentir cada dor escondida nas profundezas do olhar dela.

Ele a acompanhava em cada passo, atento a cada gesto, buscando formas de alcançá-la naquele espaço invisível onde ela se refugiava. Quando ela desviava os olhos para o chão ou para o horizonte distante, ele sabia que lutava contra algo que talvez nem ela soubesse nomear. E isso o corroía, porque todo pai deseja ser o escudo, a força e a cura para os filhos.

Mas, mesmo na amargura, ele se mantinha firme, acreditando que seu amor, tão constante quanto a luz do amanhecer, seria suficiente para iluminá-la, ainda que de forma lenta e silenciosa. Ele sabia que, às vezes, amar é apenas estar presente, segurando a mão em meio ao silêncio, na esperança de que, quando ela estivesse pronta, o mundo dela se abrisse novamente para ele. E ali, ao lado dela, ele fazia a única coisa que sabia: amava, intensamente, esperando que esse amor fosse a ponte que os unisse para sempre.





Um Encontro do Destino

Era um daqueles dias tranquilos, em que o sol parece brilhar com uma intensidade especial e tudo ao redor parece estar no ritmo sereno da vida. Oscarina, sentada na janela de sua casa, observava a rua com um olhar profundo, quase como se estivesse à espera de algo. E, naquele dia, algo surgiu diante de seus olhos, algo simples, mas capaz de tocar sua alma.

Ali, caminhando pelo calçamento da rua, estava uma cachorrinha com orelhas compridas, perdido na imensidão daquele cenário que para ele, provavelmente, parecia desconhecido e vasto. Seus passos eram tranquilos, como se o mundo fosse seu, e a maneira como ele andava, despretensioso, fez Oscarina sorrir, como se estivesse vendo um velho amigo que não via há anos. Era curioso como os animais podem nos transmitir essa sensação de familiaridade instantânea, como se tivessem algo em comum conosco que ultrapassa qualquer distância.

Ela observava a cachorrinha com carinho, sem pressa, como se quisesse guardar aquele momento no fundo do coração. Mas, naquele instante, a quietude da cena foi quebrada pelo som inconfundível de uma carrocinha que passava. Oscarina reconheceu imediatamente aquele veículo, que era usado para pegar os animais errantes da cidade. O coração dela deu um

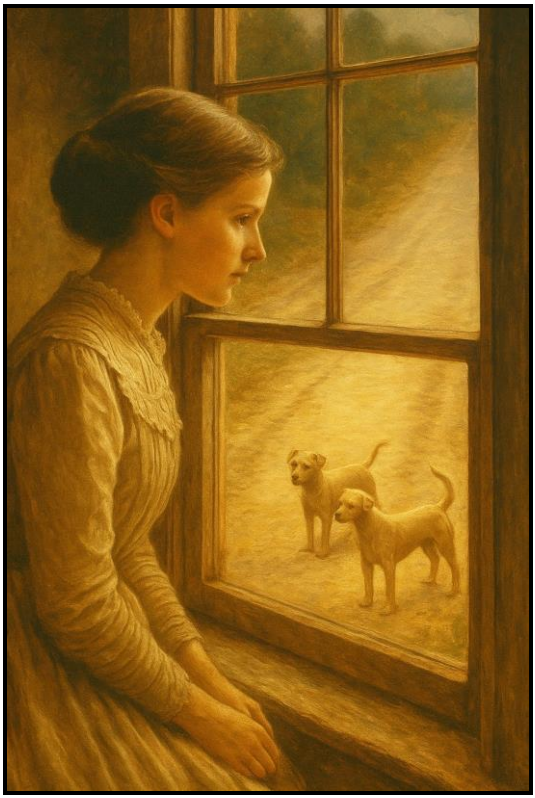
salto, como se soubesse que algo não estava certo. E, num piscar de olhos, a cachorrinha, com a leveza de um espírito inocente, foi capturado com um laço, preso ao destino.

A tristeza tomou conta de Oscarina. Sem pensar duas vezes, ela correu até seu pai, que estava na sala, e se socorreu em seu amparo. Não era apenas um gesto de preocupação, era o impulso de quem sente que precisa fazer algo por aquele ser tão frágil. O pai, com o olhar sério e firme, levantou-se sem hesitar. Ele sabia o que deveria fazer.

"Vou cuidar disso", disse ele, com a autoridade de quem conhecia o poder de sua presença e de sua palavra. Ele se dirigiu até a carrocinha, e, com um gesto de quem já era reconhecido por todos, se apresentou como o dono do animal. Não havia ninguém que não conhecesse o nome de seu Antenor. Era uma figura respeitada, de postura imponente, e naquele momento, ele não foi apenas o pai de Oscarina, mas o homem que resgataria aquela pequena vida que, sem saber, tocara seu coração.

A carrocinha foi embora, e a cachorrinha, agora livre, foi levado para casa. Ele encontrou um novo lar, não mais nas ruas, mas no coração acolhedor de uma família que o receberia com amor e cuidado. E Oscarina, que viu tudo com um brilho nos olhos, cuidou dela com o carinho de quem sabia que, naquele dia, a vida lhe havia dado um presente inesperado.

A cachorrinha, com o tempo, passou a ser mais que um simples animal de estimação. Ela era parte da casa, do cotidiano, das tardes tranquilas e dos sorrisos sinceros. Cada olhar de Oscarina para aquele animalzinho era um lembrete de que, mesmo nos momentos mais simples, o destino nos surpreende com os presentes mais belos e inesperados. Passou a se chamar Vitória.



A Peregrinação de Oscarina

Enquanto caminhava pela rua com sua companheira, sentiu-se fraca e começou a apresentar febres — vespertinas, insistentes e traiçoeiras — que subiam com o cair da tarde, como um calor oculto que queimava por dentro. Foi para casa e deitou-se, exausta. Vieram, em seguida, as sudoreses noturnas. O suor encharcando os lençóis em madrugadas frias, como se o corpo lutasse silenciosamente contra um invasor invisível.

Oscarina também passou a perder peso de forma inexplicável. As roupas começaram a sobrar em seu corpo.

Vieram a tosse persistente, seca no começo, depois com escarro — manchado, às vezes, por estrias de sangue. Sua voz foi ficando mais fraca, o rosto mais pálido, e seus olhos, antes firmes, agora se apagavam sob olheiras profundas. A cada dia, parecia respirar com mais esforço, como se o ar lhe faltasse não só nos pulmões, mas também na vontade.

Outros sinais, mais discretos, se revelaram com o tempo: fadiga constante, falta de apetite, e uma tristeza impenetrável, como se o próprio corpo soubesse que a doença não era só física, mas um lento desligar da vida interior.

Preocupado com a fragilidade cada vez mais visível da filha, o pai de Oscarina, homem de poucas palavras e gestos contidos, decidiu levá-la ao médico da cidade — um senhor de bigode espesso, consultório sombrio e olhos treinados para más notícias. Acompanhou-a com firmeza,

segurando seu braço com ternura disfarçada, como quem já suspeitava do que ouviria.

No consultório, o silêncio foi mais eloquente que os aparelhos. O médico a examinou com minúcia: auscultou os pulmões, mediu sua febre, observou o suor frio que escorria de sua nuca. Fez perguntas curtas, colheu escarro em um pequeno vidro âmbar e olhou-a com um misto de compaixão e fatalismo. Após longos minutos, enquanto Oscarina repousava na cadeira com as mãos frias sobre o colo, o médico se voltou para o pai. A voz saiu baixa, como se pronunciasse uma sentença que já conhecia o destino:

— Trata-se de tísica pulmonar... uma forma já avançada. Ela perdeu peso, tem febres constantes ao entardecer, tosse produtiva. O escarro está com vestígios de sangue. Infelizmente, é tuberculose.

O pai baixou os olhos, emudecido. Sabia o peso daquela palavra. Naquele tempo, tuberculose era mais do que uma doença: era quase uma condenação murmurada pelas vizinhas, um destino selado entre lençóis úmidos e janelas fechadas. Era a espera angustiada por um milagre que raramente vinha.

O médico recomendou repouso absoluto, ar puro, alimentação reforçada — e, com voz menos esperançosa, sugeriu isolamento, "para não comprometer os outros da casa". Indicou a Serra, se possível, ou o interior, onde o ar seria mais leve. Mas, no fundo, ambos sabiam: era pouco o que se podia fazer.

Oscarina, no entanto, nada perguntou. Ao sair do consultório, ergueu o rosto pálido e olhou para o céu como se fizesse as pazes com o destino. Voltaram para

casa em silêncio — ela, com o corpo cansado; o pai, com a alma em pedaços.



Em Nome do Amor

Antenor não hesitou. O diagnóstico do médico caiu como uma sentença, mas não como um fim. No instante em que ouviu a palavra "tuberculose", soube que não podia esperar. Em nome do amor, em nome da filha, em nome da promessa muda que fez no dia em que a viu nascer — de que a protegeria sempre — ele se pôs em marcha.

Não voltou para casa como os outros pais. Voltou decidido. Com o rosto fechado e o coração em chamas. Enquanto Oscarina repousava sob o olhar aflito da mãe, ele já consultava conhecidos, buscava cartas antigas, anotava nomes de cidades onde, diziam, o ar fazia milagres e a fé ajudava a curar.

Soube de uma estância em Minas, de um retiro em Petrópolis, de um médico naturista no interior de São Paulo, de um convento onde freiras cuidavam de moças doentes com ervas e orações. O Brasil, de repente, virou mapa de esperanças. Antenor escrevia cartas com caligrafia tensa, enviava recados por viajantes, pedia notícias a antigos companheiros de profissão. Não havia tempo a perder.

Vendeu terras, desapegou de heranças, recusou conselhos de prudência. Tudo o que possuía poderia ser refeito — mas Oscarina, não. Era sua filha, sua menina de olhar contido e vestido claro. Aquela que não sorriu na mas que ainda podia ser salva.

Cada nova resposta, cada endereço, cada rumor de cura era um sopro de fôlego. Antenor sabia que enfrentaria estradas ruins, médicos céticos, gente vendendo promessas por moedas. Mas ele iria. Com ela ou por ela. Porque quando um pai ama, a distância vira detalhe. E o impossível vira tarefa.

Era o começo de uma longa travessia. E ele a faria com os pés na terra e o coração em oração. Soubera que Palmira, uma cidade em Minas Gerais, era um dos locais conhecidos por tratar da doença com certa eficácia, graças ao seu clima e aos recursos naturais da região. Era

uma esperança silenciosa, mas uma esperança ainda assim.

Ao chegar a Palmira, a cidade parecia oferecer uma promessa de alívio. As montanhas ao redor, com seu ar mais fresco e limpo, eram vistas como um refúgio natural para os doentes. A cidade, com suas casas simples e ruas tranquilas, exalava um ar de serenidade que contrastava com a angústia que se instalava no coração do pai de Oscarina. Ele sabia que, mesmo em meio à beleza daquela paisagem, o tratamento seria longo e a jornada de cura incerta.

Oscarina, com seus olhos suaves e coração sereno, sabia da gravidade da situação, mas sempre tentou esconder a preocupação. Quando chegaram a Palmira, ela sentiu que havia algo de diferente no ar. Não era apenas o cheiro das árvores e das flores, nem o vento que tocava suavemente seu rosto. Era uma sensação de que, talvez, ali ela encontrasse um refúgio para a doença que a consumia por dentro, mas também para as dúvidas e medos que a acompanhavam.

O pai, observando sua filha, procurava em cada gesto seu algo que indicasse uma melhora. Ele estava disposto a tudo para vê-la livre daquela sombra, e Palmira, com seus tratamentos naturais, suas águas e a esperança que impregnava o ar, parecia ser o lugar certo.

No entanto, mesmo cercado pela promessa de cura, ele não conseguia ignorar o silêncio de Oscarina, o

modo como ela enfrentava a doença com uma calma que lhe cortava o coração.

Em Palmira, longe do agito das grandes cidades, o tempo parecia desacelerar. O tratamento era rigoroso, mas havia um cuidado em cada gesto, nas visitas dos médicos, nas palavras amáveis dos moradores locais.

Embora a recuperação de Oscarina não fosse garantida, o pai encontrou ali, ao menos, a paz de saber que estava fazendo tudo o que podia. A cidade, com seu clima que prometia alívio, tornava-se um refúgio, não apenas para o corpo, mas também para o espírito da jovem, que, mesmo silenciosa em sua luta, sentia o abraço da terra em que agora repousava sua esperança.

Cansado das idas e vindas, das viagens intermináveis em busca de cura e alívio para a saúde frágil de sua filha, o pai de Oscarina tomou uma decisão que carregava em si mais do que um gesto de amor: uma verdadeira declaração de esperança. No ano de 1910, ele, com suas mãos calejadas e um coração transbordando de carinho, construiu uma lancha. Feita com casco de peroba e louro, com as cavernas de camará que lhe conferiam a resistência necessária, a lancha não era apenas um meio de transporte, mas uma obra de dedicação e amor.

Ele a batizou com o nome da filha, como uma promessa silenciosa, uma metáfora para as águas tranquilas e os ventos suaves que ele tanto desejava para o futuro de Oscarina. Quando a lancha foi terminada, o

pai a revelou à filha com um sorriso tímido, mas cheio de afeto.

Oscarina, ao ver a embarcação, sentiu uma onda de emoções a invadir. Seu olhar percorreu a lancha com cuidado, até que seus olhos pousaram no nome, gravado com carinho na madeira polida: Oscarina. Foi como se aquele nome, inscrito ali, carregasse todo o amor de seu pai e a esperança que ele tinha de vê-la bem, de vê-la livre das dores e incertezas que a acompanhavam. Uma lágrima solitária rolou por seu rosto, silenciosa, mas cheia de significado. Não era apenas a beleza da lancha ou a técnica da construção que tocavam seu coração, mas a profunda dedicação do pai, que ali depositava não apenas suas esperanças, mas seu desejo mais sincero de vê-la feliz, segura e saudável. A lancha era um símbolo de seu amor, mas também uma promessa de que, assim como as águas que a transportariam, ela também seguiria em frente, com o apoio inabalável daquele que sempre estivera ao seu lado.

Ali, na tranquilidade daquele momento, Oscarina entendeu que o carinho de seu pai não tinha limites. Era uma esperança renovada, uma busca constante por dias melhores, que, mesmo nas pequenas coisas, se manifestava. Ela sorriu, tocando a madeira da lancha, sentindo a força daquele gesto. E naquele instante, entre o pai e a filha, o amor se tornava ainda mais forte, ainda mais presente, como a lancha que agora flutuava nas

águas da vida, pronta para navegar por um futuro cheio de novas possibilidades.

Como havia apresentado alguma melhora, foi passar algumas semanas na casa da avó paterna, Joaquina Guimarães. No entanto, não passou bem durante a estadia, e, em menos de um mês, a avó a trouxe de volta ao Espírito Santo pelo trem do Expresso Leopoldina.



Entre Bordados e Silêncios: O Doce Aniversário de Oscarina aos Dezoito Anos

Quando Oscarina fez dezoito anos, o tempo pareceu parar por um instante na casa de seus pais. Era como se o mundo inteiro tivesse se curvado àquela jovem

que, entre as janelas da infância e as portas da vida adulta, se preparava para cruzar uma soleira invisível. Seus pais decidiram marcar aquele momento com uma festa — não uma festa qualquer, mas uma celebração verdadeira, daquelas que ficam guardadas para sempre em fotografia amarelada e nas memórias que sobrevivem ao tempo.

Semanas antes do grande dia, sua mãe — dona Anna, mulher de mãos firmes e olhos atentos — mergulhou na máquina de costura. Escolheu com carinho um tecido leve, azul claro, quase da cor do céu de setembro, e ali começou a nascer o vestido que Oscarina usaria. Não havia luxo, mas havia amor em cada ponto. O decote discreto, o corte rodado na barra, a costura que acompanhava o corpo em silêncio — tudo pensado para destacar a beleza simples e luminosa da filha.

No quintal da casa, penduraram luzes coloridas. O pai, seu Antenor, preparou a churrasqueira como se fosse um altar. Tios vieram de longe, primos correram descalços entre as cadeiras. Amigos da escola, vizinhos antigos, todos queriam ver Oscarina dançar pela primeira vez com aquele vestido que parecia ter nascido com ela.

E quando ela surgiu na varanda, com os cabelos soltos e um sorriso aceso no rosto, houve um silêncio breve, quase sagrado. Por um instante, ela não era apenas a aniversariante — era a promessa de um futuro, a flor que enfim desabrochava no jardim da família.

Naquela noite, a menina virou mulher diante dos olhos de quem mais a amava. E o vestido feito por mãos de mãe, tecido com ternura e paciência, foi mais que roupa: foi abraço, foi bênção, foi memória costurada no tempo.

Contudo, a fotografia que eternizou aquele dia conta uma história paralela, mais íntima e difícil de decifrar. Há algo no semblante de Oscarina que escapa ao vestido, à festa e até mesmo à ternura da mãe. Seus olhos não sorriem. Não há vaidade ou expectativa. Há, antes, um silêncio profundo, quase melancólico, que paira sobre o retrato como uma bruma.

Talvez fosse o peso da responsabilidade que os dezoito anos traziam às moças daquele tempo. Ou talvez fosse só o pressentimento de que a vida, mesmo vestida de festa, não deixaria de ser dura. Há uma serenidade resignada em seu rosto, como se ela aceitasse o que estava por vir sem protesto — mas também sem entusiasmo.

Seu olhar, ligeiramente desviado da câmera, parece buscar algo fora do enquadramento: um sonho? uma ausência? um futuro ainda nebuloso? É um olhar que não se dá por completo, que guarda segredos e que pede respeito. Há força ali, mas uma força contida, disfarçada sob a rendição silenciosa de quem aprende a esperar.

Os lábios, fechados com firmeza, não denunciam emoção alguma. Mas quem conhece os silêncios femininos daquele tempo, sabe: por trás daquele gesto contido

havia perguntas sem resposta, desejos que não podiam ser ditos, talvez até um amor impossível ou um medo que nunca chegou a ser nomeado.

Oscarina, naquele retrato, é mais que uma moça vestida com esmero. É uma mulher em formação, em conflito, em silêncio. Uma jovem que, mesmo cercada de afeto, guardava no coração o pressentimento de que a vida não seria feita só de vestidos bordados — mas também de escolhas difíceis, perdas e coragem.

O rosto de Oscarina é de uma beleza austera, contida, como aquelas antigas esculturas de catedral — firmes por fora, frágeis por dentro. O queixo levemente projetado revela um orgulho silencioso, talvez herdado da mãe ou aprendido cedo com a vida. Já o contorno das sobrancelhas, bem desenhadas e simétricas, dá ao rosto uma gravidade quase nobre, como se mesmo jovem, ela já soubesse da importância de manter a compostura.

Mas o que mais prende o olhar são os olhos. Não encaram a lente diretamente — desviam-se um pouco, como se não quisessem ser decifrados por inteiro. São olhos que carregam uma vigilância quieta, talvez por medo, talvez por sabedoria. Há ali uma densidade que o tempo não conseguiu esmaecer. Não é tristeza explícita, mas uma espécie de vigília da alma: Oscarina parece observar mais do que se mostra. As pálpebras, suavemente abaixadas, denunciam uma fadiga que não vem do corpo, mas da consciência. Não cansaço físico, mas um certo peso de

quem já compreendeu que a vida exige mais do que entrega — exige resistência. Já os lábios, juntos com firmeza, não denunciam amargura, mas contenção. Um limite imposto a si mesma, como quem sabe que sorrir demais pode ser interpretado como fraqueza.

Há ainda um traço de ternura no modo como a cabeça se inclina levemente para a esquerda, gesto sutil que humaniza a rigidez do retrato. Como se, por um instante, a jovem que posava pudesse se permitir lembrar de algo bom, de um instante doce, ou de um carinho esquecido — e quase sorri, mas não.

É esse o mistério de Oscarina: um rosto que não se entrega por completo, que se guarda. E talvez por isso o retrato continue tão forte, tão vivo. Porque não nos dá respostas — apenas perguntas. E porque, de algum modo, a mulher que ali aparece ainda nos olha do passado como quem sabe mais do que diz… e sente mais do que jamais ousou revelar.



Confidência a amiga Argentina Cruz

Em 1911, no aniversário de dezoito anos de Oscarina, ela foi acompanhada pela amiga Argentina Cruz ao Theatro Melpômene — o primeiro teatro à italiana de Vitória, inaugurado em 1896 na charmosa praça Costa Pereira, no Centro Histórico, que seria demolido em 1925, um ano após sua interdição.

Naquela tarde, assistiram juntas à peça "A Lagartixa", de Marina Caralho. O dia era de pura alegria, risos e encanto. Mas, no meio da emoção, Oscarina começou a torcer o rosto, inquieta, tentando disfarçar. Argentina, atenta, quis saber o motivo daquele desconforto, mas Oscarina insistia que não era nada, um simples mal-estar passageiro.

Diante da insistência da amiga, porém, Oscarina não conseguiu mais conter o que sentia. Com a voz embargada, desabafou em forma de canto, quase um sussurro:

— Argentina, não é simples dor... é a tuberculose. Sei que minha saúde não está bem, e temo o que virá. Tento esconder para não preocupar, mas às vezes o peito aperta tanto que parece que vou me partir. Tenho medo de não poder viver os dias que sonho, de não desfrutar os bordados da vida como queria.

Argentina, emocionada, segurou sua mão, sem saber o que dizer, sentindo a força daquela amizade diante da dor silenciosa que Oscarina carregava.

Cecília Monteiro e Anna Guimarães

Cecília Monteiro não era apenas uma dama elegante, esposa do influente Dr. Jerônimo Monteiro. Era, antes de tudo, uma mulher de olhos atentos e coração sensível. Sabia, como poucas, ler os silêncios alheios. E por isso compreendia tão bem Anna.

Anna, que sorria enquanto distribuía doces às crianças pobres, guardava no peito uma dor que nenhuma doçura conseguia curar. Sua filha, Oscarina, era seu

espelho e sua aflição. Os olhos da menina, ora brilhantes, ora opacos, denunciavam uma doença que a medicina da época temia pronunciar: a tuberculose.

Cecília sabia. Sabia das noites em claro, das orações sussurradas ao pé da cama, do medo que tremia nos ossos daquela mãe. E talvez por isso a ajudasse não só com mãos, mas com alma. Quando caminhavam juntas pelas ruas poeirentas de Vitória, entregando brinquedos e pão doce, não era apenas caridade que se repartia. Era cumplicidade.

— Anna, você é mais forte do que imagina — murmurou Cecília, em um daqueles dias silenciosos, enquanto entrelaçava fitas coloridas numa cesta de esperança.

Anna apenas sorriu com os olhos úmidos, segurando por dentro o choro que ameaçava cair.
Sabiam, ambas, que aquela missão de amparar os outros também era, em parte, um modo de se manterem de pé. Pois às vezes, ajudar o mundo era o que restava quando não se sabia mais como salvar quem se ama.

O Recanto dos Silêncios

O recanto onde Oscarina, tantas vezes, deixava o tempo escorrer mansamente era a Chácara do Paraízo, situada no Barro Vermelho, na então bucólica Praia do Canto — um espaço de sombra, flores e maresia, adquirido por Antenor Guimarães em tempos de bonança e esperanças acesas. A chácara, com seu portão de madeira clara, um alpendre generoso e árvores que

pareciam cochichar segredos ao vento, era mais que uma propriedade de veraneio: era um esconderijo da alma.

Ali, entre o perfume dos jasmins e o sussurro das folhas de cajueiro, Oscarina buscava respiro. Em muitos fins de tarde, vestida de branco ou azul-claro, sentava-se no banco de azulejos portugueses, com os olhos lançados ao mar. Observava os barcos ao longe, os voos baixos das garças, o ondular das ondas, como se tudo aquilo fosse um espelho da própria inquietação interior.

A doença, embora ainda sussurrada nos corredores da casa, já fazia eco em seu corpo. Oscarina sabia. Sabia pelos calafrios ao entardecer, pela leveza das mãos, pela fadiga que lhe roubava os ânimos mesmo diante da beleza das coisas simples. E era na Chácara do Paraízo que ela encontrava certa paz para fingir, por instantes, que era apenas uma jovem de dezoito anos sonhando com o futuro, e não uma moça tocada pela tuberculose.

Ali, tudo parecia mais brando. Os dias se estendiam como rendas ao sol. As manhãs vinham cheias de esperança e os finais de tarde, com seus tons dourados, sussurravam promessas que talvez nunca se cumprissem. Mesmo assim, Oscarina se permitia sonhar. Em silêncio, traçava futuros: uma viagem a Petrópolis, um vestido lilás para o próximo verão, quem sabe até um amor — desses que chegam de mansinho, como as marés naquela praia.

Cecília Monteiro, que muitas vezes lhe fazia companhia nos finais de semana, observava a moça com olhos ternos. Sabia mais do que dizia. Via na pele de Oscarina uma palidez triste, e nos seus silêncios, um pedido de socorro. Mas nunca lhe faltava esperança. Sentavam-se lado a lado sob a sombra de um *flamboyant*,

tomando chá de ervas, lendo trechos de Alencar ou Castro Alves, e trocando confidências como se o tempo fosse infinito.

Anna, sua mãe, também encontrava ali um abrigo, ainda que breve, do peso das preocupações. Via a filha sorrir entre os canteiros e, por instantes, se iludia de que tudo voltaria ao normal. Bordava sentada à varanda, enquanto observava Oscarina ao longe, e murmurava orações em silêncio, pedindo que o Paraíso não fosse apenas o nome da chácara.

Era um tempo em suspensão — um tempo que sabia que passaria, mas que todos fingiam ser eterno. A Chácara do Paraízo era isso: um pedaço de mundo onde o amor resistia, mesmo com a sombra da despedida espreitando pelos cantos.

E talvez fosse esse o milagre daquele lugar: transformar dor em beleza, e o medo, em delicadeza.

Chácara do Paraízo – Praia do Canto – Vitória/ES



A Viagem a Mathilde

A excursão a Mathilde, promovida pelo ilustre Dr. Miranda Pinto — engenheiro de olhos firmes e espírito visionário —, logo se transformou em mais do que uma simples viagem: foi uma travessia poética por paisagens, encontros e olhares que o tempo, por certo, jamais apagaria.

Às sete e meia em ponto, quando o sol ainda se espreguiçava sobre os telhados de Vitória, os excursionistas acenavam no cais do Imperador, onde a lancha os aguardava, balançando levemente sobre as águas calmas como se também estivesse ansiosa pelo passeio. Em pouco tempo, embarcaram na lancha.

Homens de renome e mulheres de elegância rara compunham o grupo seleto. Entre eles, figuras como os doutores Carlos Gonçalves, Ferreira Lopes, Miranda Pinto, o coronel Antenor Guimarães e a filha Oscar Guimarães; e entre elas, senhoras que pareciam moldadas pela própria primavera: Josephina Guimarães, Anna Faria, Bella Batalha.

Mas Oscarina não viajava sozinha. A seu lado, seguiam sua mãe, Anna, e a amiga Cecília. E em seu colo bordado de carinho, repousava Vitória, sua pequena cadelinha de pelos cor de areia e olhos inteligentes. Companheira inseparável, Vitória parecia pressentir tudo o que a dona sentia, e nos trechos de silêncio, aninhava-se mais perto, como se pudesse protegê-la do que o corpo já denunciava em silêncio: a fragilidade que a tuberculose lhe impunha.

Enquanto a lanha serpenteava entre montanhas e campos, Oscarina sacava do bolso seu Diário. Com lápis de grafite macio e letra delicada, ia anotando o que via e sentia:

"Em Santa Isabel, vi uma senhora de lenço branco acenando da varanda como se saudasse um tempo antigo..."

"Em Jucú, os cajueiros dobravam os galhos como quem faz reverência ao vento..."

"Em Araguaya, Vitória latiu para um menino de pés descalços que sorria como se não soubesse o que era tristeza..."

Cada parada era como uma fotografia guardada com palavras. Ela escrevia para lembrar, mas também para suportar. Sabia que, com o tempo, talvez fosse sua memória quem mais precisasse dessas paisagens escritas, desses momentos suspensos entre a febre e a esperança.

Ao lado de sua mãe, Anna, e da sempre atenta Cecília Monteiro, Oscarina sorria com timidez enquanto a lancha se afastava lentamente de cada estação, levando embora não apenas os viajantes, mas também as lembranças recém-colhidas, como flores silvestres guardadas entre as páginas de um diário.

E entre os folhetos que se distribuíam aos passageiros — perguntando qual seria o melhor lugar para uma cidade de verão: Germania, Marechal Floriano, Araguaya ou Mathilde —, Oscarina respondia em silêncio:

"Qualquer lugar onde se possa respirar sem medo, escrever sem pressa e ser amada sem medida."

A viagem não foi apenas física. Foi uma fuga delicada do peso dos diagnósticos, das paredes fechadas da cidade, dos olhares piedosos. Foi uma dança entre o presente e o possível. Uma maneira silenciosa de sonhar com um futuro onde o verão durasse para sempre — e com ele, a vida.

Cachoeira em Matilde – ES



A luta incansável de um pai

Numa manhã enevoada de julho de 1912, Antenor Guimarães percorreu com os olhos cansados as colunas do jornal recém-entregue a casa da família. A xícara de café esfriava sobre o aparador de jacarandá, enquanto o mundo ao redor parecia respirar com cuidado — como se soubesse da fragilidade que tomava conta da casa nos últimos meses.

Oscarina, sua filha de dezoito anos, antes cheia de vigor e alegria, agora passava os dias entre travesseiros e cadernos, ornando o silêncio com esperança. A febre vinha e ia como uma maré indesejada, e o diagnóstico — embora sussurrado — já pesava sobre todos: tuberculose.

Foi então que seus olhos se detiveram sobre um anúncio destacado, com letras imponentes e promessas que soavam como bálsamo. Leu em voz baixa, como se as palavras precisassem ser sentidas mais do que compreendidas:

"PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE CHICAGO.

Este é um preparado novo e original, que contém 52 ½ % de Óleo puro de Fígado de Bacalhau representando pelas suas propriedades nutritivas.

As investigações de ciência moderna atestam que o Óleo de Fígado de Bacalhau é o medicamento por excelência contra a tísica e a escrofulose. Tem um sabor muito agradável, não dá ânsias nem repugnância e não produz fermentações intestinais.

Cada 30 gr. do Vinho de Stearns contém 16 gr. de Óleo de Fígado de Bacalhau finíssimo, 1 ½ gr. de

Hipofosfitos de Cal e Soda, ½ gr. de Peptonado de Ferro e um excitante estomacal que facilita a digestão do óleo. Além de precisar-se como em muitos casos em que o Óleo de Fígado de Bacalhau ordinário não é tolerado, o "Vinho de Stearns" é de maior ação, não se reduzindo à simples ação nutritiva do óleo — é ao mesmo tempo um excitante estomacal e um tônico geral. Este admirável preparado, de sabor suave e agradável, revelando a mais sublime graça, propriedades médicas nutritivas. É de venda segura, por não ser destinado a combater nenhuma enfermidade particular, mas a restaurar as forças do organismo geral e evitar a tísica, escrofulose, raquitismo, etc. O "Vinho de Stearns" é vendido em todas as farmácias, em garrafas de ¼ litro, com rótulo branco, com letras pretas e vermelhas. Atenção ao público: O Vinho que não possui estas indicações é imitação e não deve ser adquirido.

Antenor não pensou duas vezes. Dobrou o jornal com gesto resoluto, dirigiu-se à escrivaninha e escreveu, de próprio punho, um bilhete a um amigo:

"Peço, com urgência, que me envie uma garrafa do Vinho de Stearns, anunciado no jornal de hoje. Que seja o autêntico, conforme as indicações. O estado de minha filha exige tudo o que a esperança pode alcançar."

No mesmo dia, um mensageiro partiu com o envelope, levando junto o anseio de um pai que já havia recorrido a rezas, chás e promessas. A ciência moderna, agora, parecia oferecer uma nova vela acesa contra a escuridão.

Oscarina, ao ver a garrafa escura chegar, leu o rótulo com curiosidade e sorriu levemente. Ao lado dela,

sua cadelinha Vitória saltou para o colo, como se também soubesse que algo de importante havia sido entregue.

Talvez não fosse a cura definitiva. Mas, naquele instante, o simples gesto de buscar aquele vinho além-mar dizia mais do que qualquer laudo: dizia que ela ainda era esperada, sonhada e amada.

E, às vezes, isso basta para fazer o peito respirar um pouco mais fundo.



A casa da avó Joaquina em Niterói

Antenor sabia muito bem que o Rio de Janeiro, naquela época, era um dos poucos lugares no Brasil com

condições adequadas para o tratamento da tuberculose. Isso porque a cidade se beneficiava de um clima mais ameno e fresco, com brisas constantes que vinham do mar, ajudando a renovar o ar e a manter a umidade em níveis considerados benéficos para os pulmões fragilizados. Além disso, o Rio já contava com sanatórios especializados e hospitais voltados para o cuidado dos pacientes com essa doença, o que não era comum em outras regiões do país.

Por esses motivos, Antenor tomava o cuidado de enviar sua filha com frequência para a casa da avó Joaquina, situada em Niterói, cidade vizinha, mas conhecida por seus espaços mais tranquilos e pela qualidade do ar, menos poluído que o da capital. Ele acreditava que esse ambiente, mais calmo e saudável, poderia favorecer a recuperação da menina e protegê-la de recaídas.

Na casa da avó Joaquina, a filha de Antenor recebia não só o cuidado familiar e o conforto de um lar, mas também a tranquilidade de um local onde a natureza parecia mais presente, com jardins, ar puro e o sossego que a doença exigia. Para Antenor, essa era a melhor forma de garantir que a menina pudesse enfrentar a tuberculose com mais esperança e forças renovadas, mesmo diante das limitações e dificuldades daquela época.

Era uma casa antiga, de janelas verdes e paredes que guardavam segredos no reboco. Ficava na ladeira suave de São Domingos, em Niterói, com vista para a Baía de Guanabara e cheiro constante de café passado em pano. Ali vivia Dona Joaquina, mulher de mãos firmes e

coração manso, que recebia a neta Oscarina sempre que o mundo lhe pesava no peito — e agora, mais do que nunca, o mundo pesava como nunca antes.

Oscarina chegara dias antes, vinda do centro do Rio com olhos apagados e um cansaço que não se explicava só com palavras. Trazia consigo um caderno de anotações, sua cadelinha Vitória — e a tuberculose nos pulmões, embora ninguém ousasse dizer o nome em voz alta. Na casa da avó, porém, não havia espaço para medo. Só para acolhimento, chá de erva-doce e oração em silêncio.

Dona Joaquina não era mulher de perguntas. Era de gestos. Apertava o travesseiro de Oscarina com lavanda, cobria-lhe os pés com cobertor de crochê e punha bolinhos de chuva na mesa antes mesmo da neta pedir. A cada manhã, abria a janela da frente e deixava o sol entrar com o canto das andorinhas.

Oscarina passava as tardes sentada na cadeira de vime da varanda, Vitória deitada ao lado, e escrevia no caderno o que via, como quem costura vida com palavras:

— Hoje o céu amanheceu cor-de-rosa. Será que é Deus dizendo que tudo ainda pode dar certo?

— Vitória latiu para uma borboleta e depois dormiu como se estivesse sonhando com o quintal inteiro.

— A vó me trouxe chá de capim-limão e disse que esperança se planta como manjericão: em lugar ensolarado e com fé.

Ao final de cada tarde, Oscarina ouvia, do alto da colina, o som longínquo do bonde passando pelas ruas de pedra. Era um som antigo, quase poético, como se o tempo ali corresse mais devagar. E talvez corresse

mesmo. Na casa da vó Joaquina, o tempo parecia ter aprendido a esperar junto.

As noites vinham cheias de estrela e saudade. Mas também vinham com uma paz funda, dessas que a cidade grande nunca soube dar. Oscarina dormia com a mão sobre o peito, sentindo a respiração subir e descer com mais leveza. Era como se aquela casa tivesse, no forro, um segredo antigo de cura que não vinha em vidros ou receitas — vinha do afeto, da memória, do silêncio cheio de fé.

Um dia, sentada ao lado da avó, ela perguntou: — Vó, a senhora acha que eu vou melhorar?

Joaquina, sem hesitar, respondeu: — Se depender do amor que mora nesta casa, você já está melhorando.

E então Oscarina sorriu. Um sorriso pequeno, mas verdadeiro — desses que cabem no coração de quem sabe que, às vezes, a cura começa quando a gente volta para onde a esperança mora.

Naquele final de tarde, entre bolinhos de chuva e cheiro de terra molhada, Oscarina soube que, mesmo que o mundo fosse incerto, sempre haveria abrigo na casa da vó Joaquina, em Niterói.

Oscarina e Vitória – Alma e Coração, por Estêvão Zizzi



Rio de Janeiro: Refúgio e Esperança contra a Tuberculose em Tempos Sem Vacina

No início do século XX, a tuberculose era uma das doenças mais temidas e comuns no Brasil e no mundo, e o Rio de Janeiro despontava como um dos principais centros de tratamento para a enfermidade. Isso se devia não apenas ao clima ameno e à proximidade do mar, mas também à instalação de sanatórios especializados que buscavam oferecer condições adequadas para o repouso, a higiene e a recuperação dos pacientes.

Os sanatórios eram instituições dedicadas exclusivamente ao tratamento da tuberculose e funcionavam principalmente em áreas com ar puro, ventilação natural e espaços abertos, fatores essenciais para a cura ou o controle da doença, já que os antibióticos ainda não existiam. A terapia consistia em repouso prolongado, alimentação reforçada, exposições controladas ao sol e ao ar fresco, além de isolamento para evitar a disseminação da doença.

No Rio de Janeiro, alguns dos principais sanatórios da época estavam localizados em áreas como Santa Teresa, Petrópolis (na região serrana próxima, muito procurada para tratamento devido ao clima frio e seco) e, em menor escala, Niterói, que também oferecia ambientes favoráveis. O Sanatório da Lagoa era uma referência importante, situado próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas, em um local considerado privilegiado pela qualidade do ar.

Além disso, o governo e instituições particulares começaram a investir na construção dessas unidades

hospitalares para enfrentar o alto índice de tuberculose, que afetava especialmente as classes mais pobres e a população urbana crescente. A ideia era criar espaços que unissem cuidados médicos, conforto e a possibilidade de recuperação longe do ambiente poluído e insalubre da cidade.

Importante destacar que, em 1910, ainda não existia a vacina contra a tuberculose — a BCG (Bacillus Calmette-Guérin) só foi desenvolvida e começou a ser usada de forma ampla na década de 1920 e 1930. Por isso, o tratamento baseava-se exclusivamente em medidas de higiene, repouso e isolamento, tornando os sanatórios e o ambiente saudável fundamentais para qualquer esperança de cura.

Assim, para famílias como a de Antenor, enviar um ente querido para um sanatório ou mesmo para a casa de parentes em áreas consideradas mais saudáveis, como Niterói, era uma prática comum e recomendada, na esperança de oferecer melhores chances de cura e evitar o avanço da doença.

Sanatório de Santa Teresa – RJ



O diagnóstico de Oscarina

No início de maio de 1912, após semanas de cansaço inexplicável, tosse persistente e perda de peso, Oscarina foi levada para uma consulta médica no Rio de Janeiro. O médico, atento aos sintomas, realizou uma avaliação cuidadosa que incluiu exame clínico e a observação dos sinais típicos da época.

Depois de ouvir a respiração dela e examinar seu tórax, o médico confirmou o diagnóstico que temia: Oscarina estava com tuberculose pulmonar avançada, de difícil tratamento naquele tempo. Ele explicou com delicadeza que, sem o avanço da medicina moderna, a cura dependeria muito do repouso, da alimentação reforçada e, principalmente, de um ambiente saudável e arejado — características que o Sanatório dos Alpes, em Petrópolis, oferecia.

O médico ressaltou que a doença exigia paciência e cuidados constantes, e que o afastamento da cidade, com seu ar poluído e ritmo acelerado, era fundamental para impedir o avanço da enfermidade e evitar complicações.

Foi assim que Oscarina recebeu a recomendação de passar ao menos um mês no sanatório, longe da agitação da capital, para dar uma chance à esperança e à vida.

Os dias de Oscarina no Sanatório dos Alpes

Em maio de 1912, após o diagnóstico que encheu de sombra seus pensamentos, Oscarina chegou ao Sanatório dos Alpes, um refúgio silencioso e isolado nas montanhas de Petrópolis. O ar fresco da serra parecia

prometer vida nova, mas a separação da família e o peso da doença lançavam um véu de melancolia sobre seus dias. Entre a esperança e a tristeza, ela encontrou no diário um amigo fiel para guardar suas dores e suas fugazes alegrias.

1º de maio de 1912

Cheguei hoje ao sanatório, sentindo a mistura estranha de alívio e medo. O ar é fresco, puro, diferente do Rio abafado que deixei para trás. Mas a casa grande e silenciosa parece também uma prisão. O médico disse que devo repousar, mas o repouso me pesa como uma âncora. O medo da doença e da distância aperta o peito.

4 de maio de 1912

Hoje a tosse veio com força, raspando minha garganta até doer. Senti um cansaço imenso, como se meu corpo já não me pertencesse mais. O silêncio ao redor é cruel, e a saudade da família parece um vazio que não cabe dentro de mim. As horas passam lentamente, e escrevo para não deixar que a solidão me engula.

8 de maio de 1912

A monotonia me consome. O alpendre, onde busco ar fresco, tornou-se palco da minha tristeza. Olho para as árvores, que continuam a balançar no vento, indiferentes ao sofrimento humano. Queria poder chorar alto, mas guardo as lágrimas para que não me vejam fraca. A

esperança, que antes brilhava, agora vacila como uma vela ao vento.

12 de maio de 1912

Começo a aceitar esta rotina estranha, embora o cansaço e a tristeza ainda me acompanhem como sombras. As manhãs são marcadas por exercícios leves que parecem tortura para um corpo tão frágil. O silêncio do sanatório, que deveria ser repouso, às vezes me sufoca. Escrever é o único momento em que sinto que ainda existo além da doença.

16 de maio de 1912

Hoje conversei com a enfermeira, que tentou me confortar. Disse que a paciência e a disciplina são meus aliados na luta contra a doença. Mas como ser paciente quando a solidão grita dentro do meu peito? As noites são as piores — o quarto escuro parece absorver minha força e minha vontade. A lua observa, indiferente, meu pranto silencioso.

20 de maio de 1912

A tosse persiste, e meu corpo parece cada vez mais fraco. Os médicos falam em pequenos sinais de melhora, mas para mim, o tempo só traz dúvidas e medos. O som distante de vozes alegres, que chegam de fora, machuca minha alma cansada. Sinto falta do calor humano, do abraço que acalma e da presença que fortalece.

25 de maio de 1912

Hoje recebi uma carta da família. As palavras escritas trazem um alento doce e fugaz. Senti um nó na garganta ao ler cada linha, lembrando do lar e das risadas que parecem tão distantes agora. Tento me apegar a essa esperança que vem das letras, mas o medo do que virá permanece, silencioso e insistente.

29 de maio de 1912

Meus pensamentos se perdem em recordações e sonhos de liberdade. O sanatório, com toda sua beleza natural, tornou-se ao mesmo tempo refúgio e cárcere. Escrevo para não esquecer quem sou, para não me deixar consumir pela sombra da doença. Sinto que preciso ser forte, embora a tristeza pese demais.

31 de maio de 1912

Hoje completo um mês nesta casa cercada por montanhas e silêncio. Sinto que cresci, não só em força, mas em compreensão da fragilidade da vida. Parto com um coração dividido entre a esperança da cura e o medo do desconhecido que ainda me espera. Levo comigo a certeza de que, mesmo na tristeza, a vida ainda pulsa, insistente e bela.



Quem foi minha tia Oscarina, vovó?

Voltando para a casa da avó, a menina passava os dias observando com fascínio os jardins que se espalhavam em cores e perfumes ao redor da velha casa. Cada flor parecia contar uma história, cada árvore guardava segredos do tempo. Ela gostava de sentar no banco de madeira sob a sombra acolhedora de um ipê, onde o sol filtrava seus raios entre as folhas, desenhando padrões delicados no chão. Ali, o silêncio era convidativo, e a paz, quase palpável.

Em uma tarde dourada, enquanto o vento sussurrava suave entre as flores, a menina não conseguiu conter a curiosidade que há tempos lhe inquietava o coração. Aproximou-se da avó, que estava sentada na varanda bordando com mãos trêmulas, e perguntou com

a doçura típica da juventude: — Vovó, quem foi minha tia Oscarina, irmã do papai?

A avó, com os olhos marejados e um brilho triste que tentou esconder, desviou o olhar por um instante, como se procurasse as palavras certas para proteger a neta de uma dor antiga. Tentou desconversar, falando do tempo, das flores, do café que estava preparando. Mas a insistência da menina, que queria entender as raízes de sua história, fez com que a avó suspirasse profundamente e começasse a falar.

— Sua tia Oscarina... — começou com a voz embargada — ela teve um problema muito cedo, um problema de saúde que a afastou de nós por tempo demais... e, infelizmente, nos deixou.

Oscarina, curiosa, perguntou com a ingenuidade da infância: — Que problema, vovó?

A avó desviou o olhar novamente, um sorriso triste tentando iluminar o rosto marcado pela dor. Levantou-se lentamente e disse: — Vamos tomar um café, querida.

Era uma tentativa delicada de mudar o assunto, mas também um gesto de afeto e proteção. Por dentro, a avó guardava uma lembrança dolorosa: a perda de sua filha querida, vítima da tuberculose, uma doença cruel e silenciosa que naquela época ceifava vidas com impiedosa rapidez.

Enquanto preparava o café, ela sentiu o peso da ausência, o eco das risadas que não mais ecoariam naquele lar, o vazio que nunca poderia ser preenchido. Não queria que a neta carregasse esse fardo tão cedo, essa sombra de tristeza que pairava sobre a família.

Mas naquele instante, entre o aroma quente do café e o calor das mãos entrelaçadas, havia também amor, memória e a promessa silenciosa de que, apesar da dor, a história da tia Oscarina viveria para sempre, não apenas como uma ausência, mas como uma presença delicada e eterna no coração da família.

Sentadas lado a lado na varanda, o aroma do café fresco preenchia o ar, misturando-se à fragrância das flores que cercavam a casa. A menina segurava a xícara entre as mãos pequenas, seus olhos grandes fixos na avó, que parecia buscar forças nas memórias para continuar.

— Vovó... — ela sussurrou, com uma voz tímida, quase como se temesse romper um silêncio sagrado — você poderia me contar como era a tia Oscarina? Mamãe às vezes fala dela, mas nunca muito. A avó sorriu, meio triste, meio nostálgica, e começou a falar com a voz doce e pausada, como se tecesse uma história em cada palavra. — Oscarina era uma menina doce, como você. Tinha olhos brilhantes, um sorriso que iluminava o quarto e um jeito meigo de olhar o mundo. Ela adorava as flores do jardim, especialmente as rosas vermelhas que plantávamos juntas.

A menina imaginava sua tia caminhando entre as flores, sentindo o sol no rosto, e sentia seu coração apertar, misturando saudade e ternura. — Mas a doença... — continuou a avó, baixando a voz — a tuberculose foi cruel com ela. Nos primeiros sinais, tentamos de tudo: remédios, repouso, o ar puro da serra... Mas naquela época, a medicina era frágil diante daquela sombra.

Um silêncio suave se instalou entre as duas, só interrompido pelo som dos pássaros e o tilintar da colher

na xícara. — Às vezes eu a via sentada na varanda, olhando para o céu, como se buscasse forças nas estrelas — disse a avó, a voz embargada pela emoção —. Eu segurava sua mão e tentava sorrir, mas por dentro, meu coração quebrava um pouco a cada dia.

Oscarina apertou a mão da avó, entendendo mais do que as palavras podiam dizer.

— Então ela nunca mais voltou pra casa? — perguntou com a voz quase um sussurro.

— Não, querida. Ela partiu muito cedo, deixando um vazio imenso — respondeu a avó, olhando para o horizonte, como se pudesse enxergar um passado distante —. Mas mesmo ausente, a Oscarina vive em cada flor deste jardim, em cada lembrança que guardamos com carinho.

Os olhos da menina se encheram de lágrimas, não só pela tristeza, mas pela beleza daquele amor que resistia ao tempo e à dor.

— Eu quero que ela saiba que eu existo — falou, olhando para a avó com determinação —. Quero que ela saiba que não a esqueço.

A avó a abraçou com ternura, sentindo que naquele abraço havia cura e promessa.

— E ela sabe, minha querida. Sabe que você é parte dela, que o amor não morre jamais.

Naquele instante, o jardim parecia respirar junto delas, testemunha silenciosa de histórias que a distância não apagava, nem o tempo apagaria.

A Promessa no Alto da Penha

Em Vitória, Antenor e sua esposa viviam dias cinzentos, com os olhos cansados de tanto vigiar a filha doente. Oscarina era o nome dela — doce como flor de laranjeira, frágil como a cerâmica fina que decora as prateleiras das salas antigas. A doença, cruel e silenciosa, instalara-se no peito da menina como um inverno que não queria passar.

Antenor tentou de tudo. Consultas, chás, fórmulas importadas. Recorreu até aos médicos do Rio, e por fim, ao isolamento na serra. Mas havia algo que só a fé podia tentar — e ali, no coração de um pai, a fé era o que restava.

Assim, a via-crúcis da família passou a ser o Convento da Penha. Em muitas manhãs, ainda sob o orvalho fresco que descia dos morros, Antenor subia as ladeiras em silêncio, degrau após degrau, com os joelhos doendo e os olhos marejados. Ao seu lado, a esposa apertava o terço com força, como quem segura a própria alma para que não se desfaça em desespero.

No alto, diante da imagem serena de Nossa Senhora da Penha, Antenor ajoelhava-se como um homem desfeito, com a voz embargada pela dor, mas firme no pedido:
— Minha Senhora, não peço nada para mim. Leve meus dias, meus sonhos, minha saúde... mas não leve minha filha. Deixe que ela viva. Deixe que ela floresça.
Em uma dessas manhãs, ao notar a presença constante do casal, um padre de olhos bondosos e voz serena aproximou-se. Sentou-se ao lado de Antenor, respeitando

o silêncio, até que o próprio Antenor falou, como quem confessa um abismo:

— Padre... estou cansado. Subo, rezo, peço, choro... e ela só piora. Não sei mais onde está Deus.

O padre pousou a mão sobre o ombro dele, e disse palavras que pareciam nascer de um lugar além da razão:

— Deus nunca está onde achamos que Ele deveria estar... Ele está onde o amor resiste. Está em cada lágrima que o senhor segura para não assustar sua esposa. Está na fé que insiste em subir esta colina. E está no coração dessa menina, mesmo doente, que ainda sorri quando vê os pais. A dor não é ausência de Deus. Às vezes, é por onde Ele passa.

Antenor ficou em silêncio. As palavras lhe entraram na alma como água fresca em terra seca.

— Mas por que ela? Uma criança... — murmurou.

— Porque os lírios mais belos são os mais frágeis. Mas mesmo os lírios que murcham deixam perfume no caminho. Tenha paciência. Tenha fé. Deus não falha, ainda que o tempo Dele nos pareça cruel.

O sino do convento tocou naquele instante, como se confirmasse tudo o que havia sido dito. A esposa de Antenor aproximou-se em lágrimas, mas com o olhar mais leve. A fé não curava a filha, mas sustentava os pais — e, por ora, isso era tudo.

Na descida, Antenor ainda olhou para trás. A imagem de Nossa Senhora parecia envolta por uma luz suave, como se também Ela chorasse com ele, e ao mesmo tempo lhe dissesse: "Estou ouvindo".

Naquele dia, ele não pediu mais. Apenas agradeceu — por cada instante que ainda tinha com a filha, por cada fio de esperança que resistia, e pela força de continuar subindo aquela colina, mesmo com o coração aos pedaços.

O Livro que Ela Não Escreveu

A casa da avó Joaquina amanhecera envolta num silêncio raro, daqueles que parecem cobrir as coisas com véu de saudade. Os pássaros cantavam baixo, como se soubessem que ali dentro algo sagrado iria acontecer.

A neta, agora moça feita, voltava do sanatório.

Em Vitória, tudo era mais apressado. Mas naquela casa antiga, impregnada de perfume de flores e do tempo, cada minuto parecia durar mais do que o necessário.

Naquela manhã sem pressa, enquanto mexia distraída em gavetas esquecidas, encontrou um pequeno armário empurrado contra a parede do antigo quarto da tia Oscarina. A madeira rangia com um som quase humano. Atrás da última gaveta, encostada na parte de trás, uma pequena caixa de madeira clara repousava como quem dorme há anos.

Ao abri-la, algo se ergueu no ar — talvez um aroma antigo de rosas secas, talvez uma lembrança empoeirada que esperava ser tocada. Dentro da caixa, uma fita azul, algumas flores ressequidas, duas cartas dobradas com cuidado, e um caderno de capa dura, com a ponta puída, bordas gastas e cheiro de papel que atravessou o tempo.

Na primeira página, em letras desenhadas com delicadeza, estava escrito: Oscarina.

Sentou-se ali mesmo, no chão de madeira fria, sem mover mais nada no mundo. O caderno era como uma caixa de segredos, um relicário de palavras silenciadas por décadas. Abriu a primeira página, e o tempo se desfez. Cada frase que lia era como ouvir um sussurro vindo do passado, a voz de uma moça jovem, frágil, mas cheia de ternura e lucidez.

Não era um diário comum. Era mais do que isso. Era um tapete de sentimentos: pequenos poemas inacabados, reflexões noturnas, preces sussurradas ao vazio, lembranças de infância, sonhos de amor, saudades de casa. Algumas folhas estavam manchadas — talvez pelo tempo, talvez por lágrimas que secaram em silêncio.

"Hoje, o céu amanheceu pálido como meus dedos. Mas ainda ouvi um sabiá. E sorri. Sorrir com dor é um dom, acho. Ou uma forma de resistência."

"Pai, se soubesse que te vejo de longe quando respiro fundo, saberia que não estou sozinha."

"Guardo em mim o cheiro do jardim da vovó. E a vontade de viver que ainda mora entre as flores."

Oscarina chorou. Chorou como quem encontra uma irmã que nunca viu. Chorou pelo que a tia Oscarina viveu, pelo que não viveu. Chorou pela moça que escreveu aquilo entre uma febre e outra, com os pulmões doendo e o coração ainda sonhando.

Naquele instante, soube: alguém precisava dar voz àquela alma que a história havia calado. Alguém precisava terminar o livro que a tia começou. E esse alguém era ela. Não por obrigação, mas por amor. Um amor que não se explicava, mas se reconhecia. Como uma herança invisível passada pelo sangue, pelos olhos, pelos gestos.

Nos dias seguintes, recolheu tudo: as cartas nunca entregues que Antenor escrevera à irmã durante o tratamento; as lembranças da avó Joaquina, já idosa, que enfim ousou falar de sua filha perdida; os objetos esquecidos em armários e caixas; e as palavras da tia Oscarina, aquelas que nunca haviam sido lidas, escritas com mãos que tremiam.

Enfim, depois de ler carta por carta, linha por linha, entre lágrimas, entre pausas e orações, sentia que tinha a obrigação de reconstituir aquela história como quem borda, com linha fina, uma colcha feita de afeto e ausência. A tia respirava novamente — não com os pulmões que adoeceram, mas com a alma que jamais se calou.

Na dedicatória, simples como a flor que não precisa de adorno, escreveu: "Para a mulher que escreveu sua dor com delicadeza. Para a jovem que amou sem tempo. Para a tia que vive em mim. Este é o livro que você não escreveu — mas que, enfim, poderá ser lido."



A volta para Vitória

Oscarina recobrara a cor nas faces e a firmeza no olhar. A febre se abrandara como o calor do verão que, depois da tempestade, deixa apenas brisa e memória. O doutor dissera que já podia voltar para casa. Mas foi sua avó, mulher de poucas palavras e coração largo, quem selou a decisão com um aperto de mão e olhos marejados.

Na manhã da partida, o Rio de Janeiro ainda se espreguiçava sob um céu de opalina, e a cidade, entre bonde e buzina, parecia ignorar o pequeno drama que se desenrolava na Estação Central do Brasil. Ali, debaixo da estrutura de ferro rendado, entre apitos e o cheiro de carvão e graxa, Oscarina estava de volta ao mundo. O vestido azul que a avó passara com tanto esmero

tremulava ao vento, e sua mala de couro claro parecia leve demais para conter tanta saudade.

A avó segurava sua mão com firmeza, como se ainda hesitasse em deixá-la partir. Enxugou o canto dos olhos discretamente com o lenço de linho e sussurrou:

— Minha flor... leve com você o que tem de mais forte aqui — e apontou para o peito.

A locomotiva apitou grave e quente, lançando no ar sua fumaça espessa como um suspiro do tempo. Ela subiu ao vagão, acenou pela janela como quem tenta eternizar um último gesto, e ele ficou ali, pequeno e digno, até que o trem virou poeira no horizonte.

A viagem começava.

O vagão de madeira, com bancos estofados em veludo verde-escuro, sacudia suavemente a cada curva da estrada de ferro. Oscarina recostou a cabeça e fechou os olhos, sentindo o balanço compassado da composição. A janela deixava entrar o cheiro do mato molhado, dos cafezais e dos eucaliptos que margeavam os trilhos como guardiões silenciosos.

Cidades passavam devagar como lembranças, e o tempo parecia alargar-se entre apitos e estações esquecidas. Crianças correndo ao lado da linha, vendedores de doces surgindo nas paradas, sinos que anunciavam as chegadas e partidas. Tudo fazia parte de uma sinfonia suave e melancólica — a trilha sonora da volta ao lar.

Após muitas horas, o trem chegou a Campos dos Goytacazes, onde o ar era mais quente e o cheiro de cana misturava-se ao do rio Paraíba. Ali, Oscarina desembarcou com passos leves, ajudada por um moço que carregava sua mala e lhe ofereceu, tímido, um copo de água fresca. Do cais, embarcou num barco a vapor com destino ao norte. A embarcação, de madeira clara e rodas laterais, parecia deslizar como um cisne cansado sobre as águas. O barulho do vapor ritmava o dia: chhh... chhh... chhh... E o leme cortava o rio como se abrisse uma fita de seda líquida.

Nas margens, palmeiras desenhavam sombras sobre as águas, e pescadores jogavam suas redes ao entardecer. A noite caiu devagar, salpicada de estrelas e sons de grilos e marolas. Oscarina ficara no convés, enrolada num xale branco, sentindo o vento úmido tocar seu rosto com ternura.

Ao longe, os sinos da igreja de São Mateus dobraram baixinho, como se soubessem que alguém voltava.

No dia seguinte, já revigorada pela esperança e pelos cheiros de sua terra, Oscarina seguiu no mesmo barco até Vitória, que se erguia entre o mar e os morros como uma joia escondida entre rochas verdes. A cidade parecia a mesma — mas seus olhos, não. Agora via beleza até nas fachadas gastas, nas escadarias de pedra, nos pregões das lavadeiras e no sino que tilintava ao longe.

Desceu do barco com o coração disparado, como quem chega de volta ao sonho. Ao pisar no cais, respirou fundo. A brisa do mar trouxe-lhe o cheiro do lar, da

infância, dos domingos com bolo de fubá e café passado em coador de pano.

Vitória a recebia com braços abertos e promessas não ditas.

Ela estava em casa. E o mundo, enfim, voltava a girar no ritmo certo do seu coração.

No porto, entre estivadores e senhoras de sombrinha, dois rostos esperavam com os olhos fixos na embarcação. O pai, de paletó amassado e chapéu na mão, torcia o bigode nervosamente. A mãe, com as mãos trêmulas e o vestido de linho claro, parecia conter as lágrimas só para não borrar o sorriso.

Quando Oscarina pisou na madeira do cais, o tempo parou.

A mãe foi a primeira a correr. Abraçaram-se com força, como se tentassem colar de volta os pedaços que a ausência havia trincado.

— Minha menina... minha luz... — sussurrava a mãe, afagando-lhe os cabelos como quem reencontra um pedaço da alma.

O pai, mais contido, esperou que o abraço se afrouxasse. Aproximou-se, emocionado, e segurou o rosto da filha entre as mãos calejadas:

— Você voltou, Oscarina... voltou firme como a gente rezou. É um milagre da fé. E do amor.

Ela sorriu com os olhos úmidos.

Ali, no cais de Vitória, entre o cheiro de mar e o calor do colo materno, a viagem estava completa. Não era apenas o fim do caminho — era o começo de tudo outra vez.

Dois Anos para Dizer Adeus

O tempo, para Oscarina, já não se contava mais em dias completos, mas em pequenas frações de ternura, dor e silêncio. E nesses dois anos de despedida lenta, sua mais constante companhia era Vitória, uma cadelinha de pelos cor de mel e olhos escuros, que pareciam entender tudo — até o que Oscarina não dizia.

Vitória passava os dias ao lado da cama ou aos pés da cadeira de balanço. Quando Oscarina acordava, era ela quem vinha primeiro, com o focinho frio e o rabinho agitado, como se dissesse: "estamos vivas, mais um dia".

Nos dias bons, Oscarina se sentava à mesa perto da janela, e Vitória deitava ao seu lado, atenta, enquanto ela escrevia no diário ou rabiscava páginas soltas do livro da tia, uma história de família que insistia em terminar antes da partida.

— Hoje, tia Oscarina apareceu em sonho — murmurava Oscarina, enquanto alisava o papel com cuidado. — Disse que a vida é como pão quente: se não for saboreada logo, endurece...

Vitória levantava as orelhas ao som da voz da dona. Parecia escutar, realmente escutar, como se pudesse entender cada palavra. Às vezes, apoiava a cabeça sobre o colo de Oscarina, como quem a lembrava de que ainda havia calor no mundo.

Entre as páginas do diário, Oscarina deixava pedaços da alma:

"Vitória dormiu colada ao meu pé a noite toda. Acho que ela pressente o que vem."

"Hoje ela latiu para o espelho como se visse alguém que não está mais aqui. Fiquei pensando se os animais enxergam o que nós esquecemos."

"Escrevo devagar, porque a dor nas mãos aumentou. Mas Vitória continua aqui, me olhando com aqueles olhos de paciência. Ela nunca pergunta, só fica. E isso, às vezes, é mais do que qualquer palavra."

Havia tardes em que a dor cedia, e Oscarina e Vitória se aventuravam até o jardim. Ela na cadeira de rodas empurrada pela mãe, e Vitória correndo à frente, farejando o vento, como se anunciasse o caminho Oscarina sorria ao vê-la brincar com folhas secas. E dizia, meio rindo, meio chorando:

— Essa danada vai viver mais do que eu. E vai cuidar da casa quando eu não estiver.

Foi quando a mãe se aproximou rapidamente, ajoelhou-se diante da cadeira e pegou suas mãos com força. Havia um tremor no toque, mas sua voz saiu firme, com aquela doçura que só as mães conhecem.

— Deixe disso, minha filha... logo você estará curada.

Oscarina desviou os olhos para a janela, onde o céu começava a se avermelhar.

— A senhora sempre diz isso... mesmo quando sabe que não vai ser assim.

A mãe engoliu em seco. Não respondeu de imediato. Apenas passou a mão pelos cabelos da filha, como fazia quando ela era criança e tinha medo dos trovões. Vitória, como se pressentisse o silêncio pesado

no ar, levantou a cabeça e olhou para ambas — primeiro para uma, depois para outra — como se perguntasse se devia latir ou apenas esperar.

Então a mãe sorriu. Um sorriso torto, cheio de ternura e dor.

— Mas enquanto eu tiver voz, vou continuar dizendo... Porque esperança, minha filha, é o que a gente dá a quem ama, mesmo quando o coração da gente já sabe o fim.

Oscarina fechou os olhos, e uma lágrima solitária caiu, silenciosa, sobre o caderno onde as últimas palavras do dia haviam sido escritas. Vitória voltou a deitar, suspirando.

E ali, entre o gesto da mãe, a presença da cachorra, e as linhas do diário inacabado, a vida seguia — frágil, doce e resistente.

Como uma flor que insiste em nascer no inverno.

O Último Passeio com o Pai

A manhã nasceu com um silêncio claro, daqueles que chegam antes dos pássaros, antes do barulho da cidade e até antes da consciência do dia. Um mormaço leve cobria os telhados, e o cheiro do mar vinha pelo vento, misturado ao das flores de laranjeira do quintal. Naquele instante, tudo parecia suspenso, como se o tempo estivesse esperando alguma coisa acontecer.

Antenor, já desperto desde cedo, arrumou-se em silêncio. Vestiu a camisa branca de linho, ajeitou os botões com mãos firmes, passou um pano no rosto, e por

fim colocou o chapéu de palha já gasto pelas manhãs de trabalho. Parou diante do espelho e respirou fundo. Sabia o que faria — e sabia por quê.

Bateu de leve na porta do quarto de Oscarina e entrou com o mesmo cuidado de quem entra em capela. Ela estava acordada, deitada entre almofadas bordadas pela mãe, os olhos fundos mas brilhantes, a pele pálida e os cabelos trançados com laço de fita. Vitória, a cachorrinha de pelo dourado, ficava ao lado da cama.

— Minha filha… — disse ele, com a voz macia — que tal um passeio hoje?

Oscarina arqueou as sobrancelhas, surpresa e enternecida.

— Passeio, pai? Assim, de repente?

— De repente, não. De vontade antiga. Vamos dar uma volta na lança. Aquela... que tem o seu nome pintado na madeira. Quero te mostrar as belezas da nossa Vitória. Com calma. Como se o tempo também fosse conosco.

Ela hesitou um segundo. Sabia das próprias limitações, da fragilidade dos ossos e da resistência curta do fôlego. Mas também sabia da importância daquele convite. Era um gesto de amor, e amor não se recusa.

— Quero sim, pai — disse, com voz baixa, mas cheia de doçura.

A mãe ajudou com ternura de quem cuida de um vaso delicado. Escolheu o vestido de algodão branco, ajeitou o chapéu leve e prendeu os cabelos da filha com a fita azul que Oscarina usava nas festas da escola. A cachorrinha Vitória acompanhava tudo de perto, farejando os sapatos, pulando na barra da saia como se pressentisse que aquele dia teria algo de diferente.

Antenor carregou a filha no colo, com a mesma firmeza de quando ela era menina e subia nos seus ombros para alcançar os galhos mais altos do quintal. Mas agora, cada passo era medido com solenidade. Não era apenas o corpo que ele levava — era uma vida inteira de lembranças, dores, esperanças e delicadezas.

No cais, a velha lança repousava sob a luz da manhã. A madeira tinha marcas do tempo, mas o nome "Oscarina" ainda reluzia na proa com orgulho e memória. Ele a acomodou num assento coberto por um cobertor de crochê feito pela avó. A cachorrinha pulou e deitou aos pés da moça, como sentinela amorosa.

Antenor soltou as amarras e empurrou o barco com o remo. Aos poucos, a embarcação foi ganhando o coração da baía, e Vitória se abriu diante deles como um quadro emoldurado pela brisa.

O mar estava calmo. As águas espelhavam o céu, e o barco parecia deslizar como um sonho antigo.

— Olhe ali, filha — disse Antenor, apontando para o lado direito — é a Ilha do Frade, um retalho de mata fechada no meio do azul. Lembra quando você disse que queria morar ali pra fugir das obrigações da escola?
Oscarina riu baixinho. A lembrança voltou inteira, como um perfume guardado.

— E ali, adiante, está a Ilha do Boi, com aquelas praias escondidas. Sua mãe e eu íamos ali antes de você nascer. Levávamos pão e café em garrafa. Foi onde te imaginei pela primeira vez.

Ela o olhou com os olhos úmidos. O barco seguia lento, e o mundo parecia se mover ao redor deles.

À esquerda, o Morro do Moreno surgia com sua mata nativa intacta. Era verde e vivo como nas histórias dos antigos. A Ponta do Moreno, com suas pedras irregulares tocando o mar, mostrava pescadores lançando redes, figuras solitárias e firmes, como monumentos da rotina.

Mais adiante, os guindastes do Porto de Vitória erguiam-se como braços de ferro, enquanto os navios estacionados dormiam sobre as águas profundas. Eram navios vindos de terras distantes, cada um com sua história, suas cargas, seus destinos.

— Foi aqui que eu te trouxe nos braços, pela primeira vez. Você era só um pacotinho, e eu achava que o mundo todo estava no barco — disse Antenor, a voz entrecortada.

Oscarina olhou para a água, sentindo o vento afagar-lhe o rosto. A brisa trazia o cheiro salgado do mar e algo mais — uma memória ancestral, como se aquele lugar soubesse mais dela do que ela mesma.

À frente, o Convento da Penha surgia majestoso, no alto da colina, como um guardião silencioso da cidade. O sol o tocava de lado, criando um contorno dourado, como se fosse feito de luz.

— Rezei ali por você, antes de você adoecer. E rezo até hoje — sussurrou o papai.

Oscarina apertou a mão dele com suavidade.

— Eu sei, pai.

Ao passarem próximo ao Farol de Santa Luzia, viram as gaivotas dançando no ar. Algumas desciam até o espelho d'água, e outras voavam rasantes, como se quisessem acompanhar o barco por um instante.

O silêncio se fez. Apenas o som do remo quebrando suavemente a água e o bater distante das ondas nas pedras.

Quando voltaram ao cais, o sol já começava a descer lentamente. A luz era mais dourada, o mundo parecia envolto num suspiro longo e sereno.

Antenor segurou a filha nos braços novamente. Ela repousou a cabeça no ombro dele como fazia quando era pequena, depois de um dia cansado de brincar.

— Obrigada, pai. Por esse passeio… por me lembrar que Vitória é mais bonita do que eu lembrava.

— Vitória e você têm muito em comum, minha filha — disse ele, com um sorriso sereno. — São feitas de beleza, força e ternura.

E, enquanto caminhavam de volta para casa, com Vitória, a cachorrinha, trotando ao lado e o sol descendo devagar no céu, não se falou mais nada. Porque certas coisas só o coração sabe dizer.

Lancha Oscarina



Na varanda com a mãe

— Mãe… — a voz de Oscarina saiu quase um sussurro — por que o pai nunca falou de sua irmã? A que tinha o mesmo nome que eu?

A mãe parou o balanço. Seu corpo inteiro silenciou. O vento também pareceu respeitar a pausa. Só o coração de Oscarina batia alto, como quem espera um segredo antigo se libertar.

A mãe respirou fundo, os olhos úmidos, mas firmes. Virou-se lentamente para a filha, pousou a mão sobre a dela, e falou com a voz embargada de memórias:

— Filha… às vezes o amor dói tanto que a gente não encontra palavras pra contar. A sua tia... a primeira Oscarina... foi um sonho que chegou antes da hora, como flor que desabrocha em meio à geada. Ela nasceu, viveu por pouco tempo, e partiu. Tão pequena... tão linda... tão silenciosa. Teu pai nunca conseguiu falar sobre ela porque achava que, ao nomear a dor, ela cresceria ainda mais dentro dele.

— Ah, a sua tia... — disse a mãe, rindo baixinho, como quem vê uma cena antiga — era uma travessura em forma de gente. Vivia com um laço colorido no cabelo e ideias ainda mais coloridas na cabeça. Era daquelas que faziam piadas engraçadas, mas de um jeito que ninguém conseguia ficar se sorrir. Ela tinha esse dom: o de arrancar sorrisos dos cantos mais improváveis da alma.

A mãe fez uma pausa, olhando para algum ponto da noite, como se visse a cunhada ali, sentada na cerca, rindo com as pernas balançando no ar.

— Era corajosa como poucas. Quando todos diziam "não vai dar certo", ela ia lá e fazia. Subia em árvore, enfrentava enchente, discutia com coronel se achasse injusto. E o mais bonito: fazia tudo com leveza, como quem dança. Ela não tinha medo de viver, Oscarina. Não tinha medo de dizer "eu te amo", nem de pedir perdão. Ela vivia cada dia como se fosse o último capítulo de um livro bonito.

A filha ouvia em silêncio, sentindo que aquele nome que tantas vezes lhe chamaram — às vezes com bronca, às vezes com carinho — agora ganhava asas.

— Sabe por que te demos esse nome? — disse a mãe, com a voz quase embargada de novo — Porque queríamos que você tivesse o sorriso e a alma da sua tia. E não é que acertamos? Você também tem essa alegria que consola, essa coragem que enfrenta, esse jeito de transformar tristeza em abraço.

Oscarina sentiu um nó na garganta. Não sabia se chorava ou sorria. O céu agora era um bordado de estrelas, e ela sentia como se cada uma delas carregasse um pedacinho da tia, do pai calado, da mãe forte e da história que era muito maior que ela mesma.

— Obrigada, mãe — disse, enfim, com os olhos Cheios d'água. — Hoje, pela primeira vez, entendi de verdade quem sou.

A mãe não disse nada. Apenas puxou a filha para perto e encostou a cabeça no ombro dela. Na varanda, entre o cheiro da noite e o farfalhar das folhas, duas Oscarinas se encontravam: a que foi, a que poderia ter sido, e a que, ali, ainda era.

Confidências à amiga Cecília

A praça era antiga, como quase tudo naquele bairro onde as casas pareciam guardar segredos dentro das telhas. O coreto permanecia intocado, enfeitado por heras que o tempo não ousava arrancar. Era fim de tarde, e o sol, cansado, espalhava pelos bancos de madeira uma luz morna e nostálgica.

Oscarina vinha devagar, como quem teme o que está por dizer. O vestido azul balançava à altura das canelas, e os passos denunciavam o peso daquilo que se acumula por anos no silêncio. Nos olhos, a paisagem — mas na mente, um turbilhão de lembranças.

Cecília Monteiro já estava ali. Sentada no banco de sempre, perto do canteiro de hortênsias, parecia parte da paisagem. Tinha os cabelos presos num coque desfeito e usava um lenço florido sobre os ombros, como fazia nos dias em que pressentia que alguém precisava de colo.

— Você demorou — disse Cecília com aquele sorriso que mais acolhia do que cobrava. — Mas chegou, e isso basta.

Oscarina sentou-se ao seu lado com um suspiro antigo, desses que vêm de antes da infância.

— Cecília... hoje eu vim vazia.

— Não. — Cecília corrigiu com ternura. — Você veio cheia. Só precisa esvaziar.

E Oscarina desabou.

Primeiro foram os olhos, que transbordaram lágrimas que ela nem tentou conter. Depois, a voz — hesitante, frágil, como quem não fala de si há muito tempo.

— Você sabe, né? Sempre me ensinaram a ser forte. A não incomodar. A não pedir demais. A não esperar nada. Eu virei uma mulher feita de contenção.

Fez uma pausa. Cecília não disse nada. Só escutava, com o corpo inteiro.

— Cresci vendo minha mãe enfrentar o mundo com uma colher de pau numa mão e uma oração na outra. E meu pai... ah, meu pai... me olhava como se quisesse dizer tudo, mas só conseguia sorrir com os olhos. Nunca falava da irmã que eu nunca conheci. A outra Oscarina. Eu vivia com esse nome pendurado no pescoço, como se fosse uma segunda pele. Mas ninguém explicava.

Respirou fundo, e os olhos marejaram de novo.

— Fui aquela menina que tirava boas notas, que sabia quando calar, que aprendia rápido a não ser um problema. A que sorria pra todo mundo, mas chorava de cara pro travesseiro. Cresci tentando preencher espaços sem saber se cabia neles.

Cecília apertou-lhe a mão. A mão de Cecília era firme e quente, como a de quem já segurou muita gente no abismo.

— E agora, Cecília, eu olho para mim e me pergunto: quem é essa mulher? Quem eu teria sido, se tivesse tido liberdade para ser inteira, para errar alto, para dizer não, para amar de forma imprecisa, para rir escancaradamente, sem medo de parecer demais? Cecília respirou fundo e disse com a suavidade de quem conhece as feridas do mundo: — Você teria sido você, Oscarina. E ainda pode ser.

Oscarina tremeu. Palavras assim, simples e verdadeiras, às vezes doem mais do que gritos.

— Eu cansei, Cecília. De ser a filha exemplar. A amiga conselheira. A mulher que nunca explode. Que nunca falha. Que nunca sente raiva. Que engole o que quer gritar.

— E por que ainda engole? — perguntou Cecília, olhando fundo nos olhos dela.

Oscarina não sabia. Ou sabia, mas não conseguia dizer.

Ficaram em silêncio por um tempo. O tipo de silêncio que não pesa — ao contrário, alivia. Os passarinhos começavam a se recolher, e a noite vinha chegando devagar, como quem não quer atrapalhar.

— Sabe, Cecília... às vezes me dá vontade de ir embora. De ir pra um lugar onde ninguém me conhece, onde eu possa ser só eu, sem nome herdado, sem expectativas penduradas nas costas.

— Ir embora pode ser bom. Mas não precisa ser pra longe — disse Cecília. — Às vezes, basta ir embora daquilo que te ensinaram a aceitar calada. Basta mudar a rota. Dizer: daqui pra frente, sou por mim.

Oscarina encostou a cabeça no ombro da amiga. Um gesto simples, mas que vinha carregado de tudo que nunca havia dito.

— Obrigada por me ouvir, Cecília. Obrigada por existir.

Cecília sorriu, com os olhos úmidos também.

— Obrigada por, enfim, se mostrar inteira. A Oscarina que você escondeu é linda. E agora ela vai poder viver.

A praça acendeu suas luzes, tímidas e amarelas. E naquele banco de madeira gasto pelo tempo, uma mulher

se reencontrava consigo mesma, guiada pela mão firme da amizade.

Foi naquela tarde, entre lágrimas e verdades, que Oscarina começou a deixar de ser sombra — e a se permitir ser luz.

A Visita que Trouxe a Esperança

A tarde já caía, e a luz dourada do sol filtrava-se pelas janelas da sala, iluminando as estantes carregadas de livros antigos e papéis amarelados pelo tempo. Antenor estava imerso em seus pensamentos, inquieto com as notícias sombrias que corriam pela cidade — a tuberculose ceifava vidas com uma rapidez cruel.

Foi então que a porta se abriu com um rangido suave. Apareceu o velho amigo, Heinrich, recém-chegado da Alemanha, com um brilho diferente nos olhos.

— Antenor! — exclamou Heinrich, com um sorriso que misturava entusiasmo e urgência. — Trago notícias que vão mudar tudo!

Antenor ergueu-se, curioso.

— Diga, Heinrich, o que traz você de tão importante?

Heinrich puxou do bolso um maço de papéis cuidadosamente enrolados.

— Ouvi falar de um homem chamado Robert Koch, um cientista que trabalha em Berlim. Ele descobriu em 1882, o que causa a tuberculose! Finalmente!

Com mãos ligeiras, desenrolou os documentos e mostrou a Antenor diagramas e textos em alemão,

acompanhados de ilustrações microscópicas de um bacilo minúsculo.

— Ele conseguiu isolar o bacilo, Antenor — explicou Heinrich com paixão. — Um parasita concreto, invisível a olho nu, mas responsável por essa doença terrível. Agora sabemos com quem estamos lutando.

Antenor sentiu uma mistura de descrença e esperança. Após tantos anos de sofrimento e mortes, poderia ser possível que a ciência finalmente tivesse a resposta?

— Isso é… incrível — murmurou. — Se for verdade, significa que podemos encontrar uma forma de combater essa praga.

Heinrich assentiu, os olhos brilhando.

— E não é só isso. A notícia já corre pela Europa, e as mentes mais brilhantes estão reunindo forças para transformar essa descoberta em tratamentos. A tuberculose não será mais um inimigo invisível.

Enquanto Heinrich falava com entusiasmo sobre a descoberta de Robert Koch, Antenor ficou em silêncio por um instante, a mente tomada por um turbilhão de pensamentos.

E então, quase como um sussurro no fundo do coração, veio o rosto de sua filha Oscarina.

A pequena Oscarina, com seus olhos curiosos e sorriso meigo, que tantas vezes correra pelo quintal da casa, cheia de vida. A mesma menina que, anos atrás, havia começado a mostrar sinais daquele mal invisível e cruel que levava tantas crianças como ela.

— E se essa descoberta realmente significar o fim do sofrimento dela? — pensou Antenor, segurando firme a

mão do amigo Heinrich, como se a esperança pudesse ser transmitida por aquele gesto.

Ele sentiu uma lágrima escapar, misturando-se ao peso de tantos dias de incerteza e medo.

— Antenor — falou com voz embargada —, se essa pesquisa for mesmo a chave para derrotar a tuberculose, você não sabe o quanto isso significa para mim… para a Oscarina… para tantas famílias que vivem com o medo constante.

Heinrich olhou nos olhos do amigo, compreendendo o silêncio carregado de sentimentos.

— Eu sei, Antenor. Essa é a vitória da ciência, mas também a vitória da esperança. E não é só uma questão de saber quem é o inimigo, é o primeiro passo para que possamos vencê-lo.

Antenor se levantou, os papéis nas mãos tremendo um pouco, e caminhou até a janela. Lá fora, o céu começava a se tingir de tons alaranjados e rosas, um novo dia nascia.

Naquele instante, ele fez uma promessa silenciosa a Oscarina — de lutar, de acreditar, de nunca desistir.

Heinrich terminou de explicar com entusiasmo o que Robert Koch havia descoberto — o bacilo que causava a tuberculose, um inimigo invisível finalmente revelado.

Antenor ouviu cada palavra com atenção, o coração pulsando com uma mistura de surpresa e alívio. Era a primeira vez que a doença tinha um rosto, uma explicação concreta.

Mas, ao mesmo tempo, algo dentro dele resistia à euforia.

Ele sabia, no fundo, que descobrir o inimigo não era o mesmo que derrotá-lo.

— Então, Heinrich — falou, com voz firme mas calma —, essa é a notícia que esperávamos. Saber quem causa a tuberculose. Mas isso significa que a cura está perto?

Heinrich hesitou por um instante, depois respondeu com sinceridade:

— Não exatamente, Antenor. A descoberta é um passo gigante, mas a cura... ainda não existe. Muitos anos ainda serão necessários para entender como tratar a doença de forma eficaz.

Antenor assentiu, não se deixando levar por falsas esperanças. Não podia — não depois de tudo que já havia visto.

Sua mente foi direto para Oscarina, a filha que lutava silenciosamente contra a enfermidade.

— Não é a cura, mas talvez seja o começo — disse ele, olhando para o amigo com um misto de gratidão e cautela.

Naquela sala silenciosa, as palavras de Heinrich ecoavam, não como uma promessa milagrosa, mas como um convite para a luta.

A luta que ele sabia que viria — longa, difícil, mas agora com um alvo claro.

E assim, mesmo sem a cura em mãos, Antenor sentiu-se um pouco menos só na batalha pela vida de sua filha.

O Corpo Resiste, o Tempo Passa

O tempo não curava, mas ensinava.

Os dias se arrastavam na casa de Antenor como folhas secas empurradas pelo vento. Já não havia mais urgência em cada batida de porta, nem espanto nas madrugadas quando Oscarina tossia. O medo ainda morava ali — discreto, instalado nos cantos da alma —, mas não era mais o senhor absoluto da casa. Agora havia uma rotina, frágil como o fio de uma teia, mas firme o suficiente para sustentar a esperança.

Oscarina já não tinha febres diárias. Ainda tossia, ainda se cansava com pouco, mas havia manhãs em que pedia para ver o céu. Antenor abria a janela e sentava com ela perto da luz, onde o sol aquecia seus pequenos dedos e fazia brilhar seus olhos, como se fossem dois poços fundos de resistência.

— Papai, hoje é dia de ir ao jardim? — ela perguntava com voz fina. E ele sorria.

— Se o vento estiver calmo e você estiver forte, sim.

Eram passeios curtos. Três passos até o banco de madeira. Quatro respirações longas. E ali ficavam, ela com uma boneca nos braços, ele com um livro ou os olhos perdidos no céu.

O tempo deixava marcas no corpo de Oscarina — nos ossos que ficavam mais visíveis, na pele que pedia sol. Mas o tempo também deixava marcas no espírito dela, e nisso Antenor se espantava: a menina tornara-se mais forte que a doença. Não no corpo, mas na alma.

Ele anotava tudo em seu caderno: o número de tosses, a cor das manhãs, o tom da voz da filha. Era um diário sem esperança de ser publicado, mas cheio de sentido. Cada página era uma oração escrita com ciência e amor.

Antenor, que já não confiava em milagres, aprendeu a perceber os sinais pequenos da resistência. Um sorriso leve. Um pedido para pentear os cabelos da boneca. Um cochilo sem febre. Gestos miúdos que pareciam vitórias.

O corpo de Oscarina resistia. E o tempo, embora implacável, também passava — não como uma sentença, mas como um rio que, aos poucos, encontrava uma margem mais tranquila.

Na última dia daquele mês, Antenor escreveu: "Hoje, Oscarina viu uma borboleta. Sorriu. Respirou fundo. E disse: 'Ela voltou do verão passado'. O pai apenas sorri. Há curas que não precisam de laboratórios."

Quando Dona Ernestina Trouxe o Bolo e a Dor

Era fim de tarde quando Dona Ernestina apareceu no portão com seu vestido florido e uma tigela coberta por um pano de linho bordado. O cheiro de bolo recém-saído do forno chegou antes dela, perfumando o ar com lembrança de domingos antigos.

Antenor a avistou pela janela e foi recebê-la. Havia algo em sua postura — um misto de generosidade e peso — que o fez endireitar a coluna, como quem antecipa um gesto bonito, mas também uma sombra.

— Fiz com erva-doce, como minha mãe fazia quando a gente adoecia — disse ela, entregando a tigela com cuidado. — Achei que Oscarina podia gostar.

— Muito obrigado, Ernestina — respondeu ele com gentileza. — Ela anda com o apetite pequeno, mas talvez o cheiro a convença.

Entraram. Ernestina olhou em volta como se cada objeto da casa lhe contasse segredos. Sentou-se na cadeira de palhinha com lentidão. Não pediu licença, mas também não ocupava espaço. Era como quem visita em silêncio, sem pressa, sem invadir.

Oscarina dormia no quarto ao lado, com a respiração mais calma naquele dia. Antenor ofereceu café. Ela recusou.

— Só vim deixar o bolo… — disse, mas ficou.

Depois de um tempo em silêncio, encarando a tigela entre as mãos, ela murmurou:

— Você sabia que eu também tive um filho com essa maldita doença?

Antenor ergueu os olhos.

— Não, Ernestina. Nunca me contou.

— Ninguém pergunta. E a gente vai aprendendo a esconder os nomes dos que perdeu, como quem dobra lençol de viúva: sem fazer barulho.

Fez uma pausa, o pano de linho apertado entre os dedos.

— Chamava-se Augusto. Tinha doze quando começou a tossir. Primeiro, diziam que era vento no peito. Depois, "coisa de menino crescido". Quando a febre não passou, era tarde demais.

Antenor não sabia o que dizer. Apenas ouvia.

— Não tinha o que fazer, nem esperança. Só um menino sumindo devagar, como açúcar na água.

O silêncio entre eles se adensou, como se a dor de um se reconhecesse na do outro. Antenor pensou em Oscarina. Naquela respiração miúda no quarto ao lado. No corpo que resistia, dia após dia.

— A senhora me perdoe… — começou ele.

Ernestina ergueu a mão, interrompendo-o com doçura.

— Não precisa. O bolo é doce, mas veio com lembrança amarga. Eu sei. Só queria dizer que, mesmo que o tempo seja lento, e o peito aperte, a gente aprende a respirar de novo. Até que um dia a dor vira retrato. E o retrato, saudade.

Ela se levantou, sem pressa. Antenor a acompanhou até a porta.

— Se ela quiser mais, me diga — disse. — Às vezes, o que alimenta não é o que está no prato. É o que vem junto.

Antenor ficou ali por um tempo, olhando o caminho de terra por onde ela se foi. Depois entrou, cortou uma fatia do bolo e levou até Oscarina, que acordava com os olhos ainda pesados.

— Cheira a casa de vó — disse ela, sorrindo com um canto da boca.

E, por um instante, a tarde teve gosto de esperança.

O Sonho de Oscarina

Naquela noite o vento soprou leve pelas frestas da janela, como se não quisesse assustar. A casa dormia em

silêncio, e Antenor, exausto, cochilava em uma cadeira ao lado do quarto da filha. Oscarina, encolhida sob o lençol florido, adormeceu com o coração sossegado, embalado pelo cheiro do bolo de Dona Ernestina ainda no ar. E então, no meio da noite, sonhou.

Estava em um campo aberto, onde flores altas dançavam com o vento e o céu parecia mais próximo. O ar era leve, e seu corpo também. Não havia dor no peito, nem cansaço nos passos. Corria entre as margaridas como se pudesse voar.

E lá, debaixo de uma árvore frondosa, estava ela: tia Oscarina, com seu vestido lilás e os cabelos presos por uma fita cor-de-rosa.

— Tia! — gritou Oscarina, com os olhos marejados. — Que bom ver você…

A tia abriu os braços e a acolheu no abraço.

— Você está crescendo, minha pequena guerreira — disse a tia, sorrindo com ternura. — Mas ainda tem dias difíceis pela frente. Oscarina abaixou os olhos.

— Às vezes, eu sinto que não vou aguentar, tia... tem dias em que até respirar dói.

A tia segurou seu rosto com as mãos quentes e firmes.

— Escute bem: há forças dentro de você que nem sabe que existem. Não é o tamanho do corpo que sustenta a alma — é o tamanho da vontade. E você tem muita.

Oscarina tentou segurar as lágrimas.

— Mas por que é tão difícil?

— Porque as coisas mais valiosas da vida não vêm fácil. Respirar, viver, amar, lutar… tudo isso exige

coragem. E você já tem mais do que muitos adultos. Só precisa lembrar disso quando o medo vier te visitar.

Elas se sentaram sob a árvore. A tia continuou:

— Quando acordar, diga a si mesma: "Não é hoje que vou desistir. Hoje eu fico. Hoje eu respiro. Hoje eu luto mais um pouquinho." E amanhã… bem, amanhã você diz de novo.

Oscarina olhou para o céu. Uma borboleta passou voando perto.

— Você acha que vou melhorar?

A tia sorriu, olhando para o horizonte.

— Eu acho que você já está melhorando. Porque já sabe o valor da luta. E quem sabe disso, vive de um jeito que ninguém vive em vão.

O campo começou a se dissolver em luz, como se o sol estivesse nascendo dentro do próprio sonho.

A voz da tia ecoou uma última vez:

— Persista, pequena. Nem sempre se vence correndo. Às vezes, vencer é continuar, mesmo deitada, mesmo quietinha, mesmo com o peito doendo. Continuar. Só isso.

Oscarina acordou com lágrimas nos olhos — não de dor, mas de algo mais profundo, que ela não sabia explicar. Lá fora, o dia amanhecia tímido.

E naquela manhã, antes mesmo do pai acordar, ela sussurrou para si mesma:

— Hoje eu fico. Hoje eu respiro. Hoje eu luto mais um pouquinho.



Quando Antenor Ouvia Sua Irmã Pela Voz da Filha

O sol mal havia tocado as telhas da casa quando Oscarina chamou pelos pais. Ainda deitada, com os olhos despertos e calmos, disse num sussurro que tinha algo importante a contar. Antenor entrou primeiro, seguido de sua esposa, ainda com os cabelos presos e as mãos cheirando a sabão de louça.

Oscarina, com a voz limpa como a manhã, disse:

— Sonhei com a tia Oscarina.

A mãe ficou imóvel. Antenor sentou-se na beirada da cama. Aquela era uma lembrança delicada. A irmã de Antenor, a primeira Oscarina, era o nome que a filha agora carregava — como um sopro de continuidade.

— Ela estava num lugar bonito, cheio de flores... E me esperava debaixo de uma árvore. Estava com aquele vestido lilás que a vovó disse que ela usava nas festas — contou a menina, olhando a mãe. — E me abraçou. E disse que eu tinha força dentro de mim… que eu não

devia desistir. Que viver é uma luta, mas também um presente.

O silêncio desceu sobre o quarto com o peso das coisas verdadeiras.

— Ela me falou que a gente vence só por continuar. Que mesmo nos dias que eu não conseguir correr, ou nem sair da cama, ainda assim eu estarei vencendo, só por ficar.

Antenor baixou a cabeça. Tentou conter, mas uma lágrima grossa lhe caiu pelo rosto. Não foi de tristeza. Era memória. Era o reencontro com a irmã que ele tanto amara. Lembrou-se dos olhos dela — firmes, doces — enfrentando a doença até o fim, mesmo tendo feito tudo certo, mesmo tendo amado a vida com toda a delicadeza possível.

— Papai... ela estava bem — disse Oscarina, como se a visse por dentro. — Estava bonita, parecia mais viva do que as pessoas daqui. A mãe segurou a mão da filha com firmeza. Antenor respirou fundo, enxugou a lágrima com as costas da mão e olhou para a menina com um sorriso sereno, como quem reencontra uma parte de si.

— Fico feliz que tenha sonhado com ela — disse. — Ela foi muito corajosa, e ver você falando dela me dá forças também.

Oscarina sorriu e olhou pela janela. Um raio de sol brincava entre as folhas do cajueiro. — Acho que ela ainda está aqui, de algum jeito.

E naquele instante, Antenor sentiu algo que há tempos não visitava seu coração: um alívio leve, uma espécie de paz silenciosa. A dor ainda existia, sim. Mas já não estava sozinha. Agora havia companhia: o amor, a

lembrança… e a fé de uma menina que, mesmo tão pequena, já entendia que continuar era uma forma de vencer.

A Febre Que Traz Visões

Naquela noite, a febre veio como uma visita que ninguém chama — silenciosa, mas determinada. Oscarina tremia sob o lençol fino, o rosto em brasas, os olhos entreabertos como quem vê além da sala, além do tempo.

Antenor, que já aprendera a decifrar os sinais do corpo da filha, percebeu que aquela febre não era igual às outras. Era como se o calor dentro dela fosse um portal, abrindo passagens para algo que ele, com toda sua razão, não podia controlar.

Sentou-se ao lado da cama, banhado pela penumbra do *abajur*. A mãe tentava conter a angústia preparando compressas, mas Oscarina, mesmo fraca, começou a sussurrar:

— Ela está aqui…

Antenor inclinou-se.

— Quem, minha filha?

Oscarina sorriu, os olhos ainda fechados.

— A tia… tia Oscarina. E outras mulheres também. Todas vestem branco. Uma delas canta… a outra traz flores...

Antenor sentiu um arrepio. Não era medo. Era algo mais fundo. Aquela voz infantil descrevia com doçura algo que nem a febre justificava.

— Elas dizem que o tempo não é o mesmo pra todo mundo… e que às vezes o corpo sofre para que a alma aprenda a respirar diferente.

A mãe segurou o pano molhado com mãos trêmulas. Antenor não ousava interromper. Aquelas palavras, ditas entre espasmos e suor, soavam como fragmentos de um idioma antigo, um eco da infância de sua irmã, da infância de todos os que um dia amaram demais e perderam.

— Uma delas me contou um segredo — disse Oscarina, com os lábios já ressecados. — Que mesmo quando parece que a gente está sozinha, tem alguém sonhando pela gente.

E então ela abriu os olhos, mas não viu o quarto. Olhava para além, como se houvesse uma janela invisível bem ali.

— Papai… a senhora de cabelo branco mandou te dizer… que você não precisa ter medo.

Antenor sentiu o coração estremecer. Pensou em sua mãe, pensou na irmã, pensou em todas as noites em claro. Quis dizer algo, mas se calou. Porque não era a hora de entender — era a hora de sentir.

Oscarina se acalmou pouco a pouco, a febre cedendo como uma onda que recua depois da tempestade. O suor dava lugar ao sono, e o rosto da menina, agora pálido, descansava.

O silêncio voltou ao quarto, mas nada mais era como antes.

Antenor ficou ali, imóvel, por longos minutos. Tinha ouvido coisas que não aprendera nos livros. Tinha escutado sua filha atravessar, em febre, fronteiras que ele

jamais ousara cruzar. E mesmo sem saber se era delírio ou milagre, teve certeza de que algo mudara.

Do lado de fora, uma brisa suave balançava as folhas do cajueiro. E por um instante, Antenor sentiu — ainda que não soubesse explicar — que alguém sonhava por ele.

A Conversa com Vitória

Naquela tarde o céu parecia repousar sobre a casa. Nenhuma nuvem ameaçava tempestade, nenhuma brisa arrancava folhas das árvores. Era como se o mundo inteiro tivesse decidido parar por um instante — só para escutar.

Oscarina já estava melhor. A febre se fora, e o rosto, embora ainda pálido, ganhava vida no brilho dos olhos. Sentada sobre uma colcha no chão do quarto, ela penteava com delicadeza os pelos da companheira de todas as horas: Vitória, a cachorrinha de pelo caramelo e olhos atentos.

Vitória não era de muitas festas. Gostava do silêncio, do calor das mãos pequenas de Oscarina, dos cochilos ao pé da cama. E naquele dia, como se entendesse que o momento pedia mais que brincadeiras, deitou-se ao lado da menina com o focinho encostado em seu joelho.

— Você sabe que eu te amo, né? — disse Oscarina, sussurrando como quem conta um segredo.

Vitória levantou uma orelha, depois outra, mas continuou imóvel.

— Às vezes eu fico pensando… e se um dia eu não estiver mais aqui? E se eu for pra longe? Você vai me procurar?

Vitória lambeu a mão da menina. Era sua maneira de responder sim.

Oscarina sorriu, mas havia algo em sua voz que pesava como uma sombra leve, quase transparente.

— Promete que, aconteça o que acontecer, vai continuar comigo? Mesmo que eu esteja quieta demais… mesmo que eu não possa mais te chamar?

A cachorrinha se aninhou mais perto, como se compreendesse cada sílaba.

— Porque eu vou te procurar também, tá? — disse Oscarina, a voz trêmula. — Se eu virar vento, vou soprar seu pelo. Se eu virar flor, vou nascer no seu caminho. E se eu virar estrela, vou brilhar bem forte quando você sonhar.

Vitória, sem pressa, apoiou a cabeça sobre o colo da menina, fechando os olhos. Como se dissesse: "Sim. Eu sei. Eu espero. Eu fico."

Lá do corredor, Antenor observava em silêncio. Viu a filha falar com a cachorra com uma maturidade que não se aprende nos livros — apenas no sofrimento e no amor verdadeiro.

E enquanto Oscarina afagava Vitória, como quem sela um pacto, Antenor entendeu: havia laços que não se explicavam. Existiam promessas que não precisavam de testemunhas.

Naquele instante, o tempo parou para guardar a cena. E a eternidade, que às vezes se esconde nos gestos mais simples, se fez presente ali: no calor de um colo, no

afago de uma pata, na fé de uma menina e na lealdade de sua amiga de todos os dias.



A Cura Que Não Está nos Livros

Havia um silêncio diferente naquela manhã. Não o silêncio da doença, nem o da exaustão, mas o de quem guarda palavras no peito para não ferir quem se ama.

Oscarina dormia. O sol entrava pela janela com gentileza, iluminando seu rosto pálido e sereno. Antenor preparava as anotações no caderno, quando notou, sobre a cômoda, um pequeno frasco de vidro com um líquido cor de âmbar. Ao lado, folhas secas e um terço de contas miúdas.

— O que é isso? — perguntou ele, sem levantar a voz.

A esposa virou-se devagar, com o pano de louça ainda nas mãos.

— É um preparado da Dona Quitéria... — respondeu. — Ela veio ontem, enquanto você estava no centro. Trouxe essas ervas, um óleo… e fez uma oração.

Antenor começou a andar.

— Você levou nossa filha a uma benzedeira?

Ela não respondeu de imediato. Apenas abaixou os olhos.

— Eu não levei. Ela veio. E Oscarina estava com febre. Eu… eu aceitei.

O silêncio entre eles se adensou, tenso, mas ainda respeitoso.

— E o que ela disse? — perguntou Antenor, com os olhos firmes.

— Que o corpo dela está lutando. Mas que a alma precisa de companhia. Disse também que às vezes a medicina cura, mas é a fé que sustenta.

Antenor suspirou, andando até a janela. Observou o quintal com olhos cansados. Não era a primeira vez que discutiam isso, mas havia algo diferente agora. Oscarina estava no limiar — e ali, toda certeza parecia frágil demais.

— Eu não posso confiar em folhas e rezas… — disse ele. — Passei anos estudando, tentando entender o invisível com palavras exatas. Não posso abrir mão disso.

Ela se aproximou, com os olhos marejados.

— E eu? Eu só posso rezar. Você tem os livros, os números, os nomes em latim. Eu só tenho esse terço. E minha filha. E a vontade de não perdê-la.

Antenor se calou. A dor da esposa não era menor que a dele — apenas tinha outro idioma.

Oscarina, ainda sonolenta, murmurou do quarto:

— Mamãe… papai…

Ambos correram. A menina abriu os olhos devagar.

— Eu sonhei que vocês estavam brigando… mas uma moça sorria atrás de vocês… com flores na mão. E ela dizia: "Não briguem. Os dois têm razão."

A mãe segurou sua mão. Antenor sentou-se ao lado da cama. Vitória, a cachorrinha, subiu devagar e deitou-se nos pés da menina.

Naquele instante, ninguém falou de ciência nem de fé. Apenas ficaram ali — os três, mais a cachorra — unidos pelo que de fato importava: o amor inegociável.

Entre o pulmão que lutava para respirar e a fé que soprava esperança, havia uma menina. E era ela quem ensinava, com olhos abertos e coração em paz, que não existe um só caminho para salvar quem se ama.

As Três Perguntas do Médico

O homem chegou a pé, no fim da tarde. Carregava uma maleta de couro já gasta, chapéu de aba larga e olhos que pareciam mais antigos que seu rosto. Disse-se médico, mas não trazia jaleco nem termos técnicos nos lábios.

— Vim de longe. Disseram que aqui mora uma menina de nome bonito, que luta para respirar.

Antenor hesitou. Não gostava de visitas sem aviso. Muito menos de homens que falavam como poetas.

— E o senhor é médico? — perguntou, com cautela.

— Sou. Mas, mais que isso, escuto. — respondeu o homem, pousando a maleta no chão. — E quando não há muito o que fazer com remédios, talvez caiba perguntar.
Oscarina estava no quarto, Vitória ao seu lado. A febre tinha ido embora, mas o cansaço não. A mãe, desconfiada mas gentil, ofereceu um copo d'água. O visitante agradeceu e, antes mesmo de abrir a maleta, disse:

— Só farei três perguntas. E então irei embora.

Antenor cruzou os braços.

— Que tipo de médico pergunta antes de examinar?

O homem sorriu, sem ironia.

— O tipo que sabe que às vezes o corpo só obedece depois que a alma responde.

Silêncio. Antenor cedeu com um gesto. O médico se aproximou da cama com reverência, como se entrasse num templo.

Sentou-se devagar na cadeira de palhinha e olhou nos olhos de Oscarina, que o observava sem medo, como quem reconhece alguém que já sonhou.

Então ele fez a primeira pergunta:

— O que ainda te faz sorrir, mesmo nos dias mais escuros?

Oscarina pensou por um instante e respondeu:

— O cheiro da minha cachorra quando dorme. E quando meu pai canta baixinho, achando que ninguém está ouvindo.

O médico anotou mentalmente e prosseguiu.

— Se você pudesse guardar apenas uma lembrança da sua vida até aqui, qual seria?

Oscarina fechou os olhos.

— Eu na rede com minha mãe, balançando devagar, ouvindo o barulho do vento.

Antenor sentiu o estômago revirar. Não sabia que aquelas cenas — tão simples — eram as mais vivas para a filha.

O médico fez a última pergunta, mais baixa, mais suave:

— O que você ainda quer fazer, mesmo que o tempo seja curto?

Oscarina olhou para ele com olhos brilhando, quase sorrindo.

— Quero ver o mar.

O homem se levantou, ajeitou o chapéu e disse apenas:

— Agora eu posso ir.

Antenor, contido, o acompanhou até o portão.

— E isso tudo… foi um exame? — perguntou, com um certo sarcasmo amargo.

— Foi um diagnóstico de vida — respondeu o médico. — A doença é importante, claro. Mas às vezes o que salva não é o que se combate… é o que se descobre.

E se foi, deixando para trás a maleta — ou talvez só a ideia de que ele realmente estivera ali.

Naquela noite, Antenor não dormiu. Pegou o caderno azul, abriu uma nova página e escreveu apenas:

"Ela ainda quer ver o mar."

Pela Estrada da Esperança

Antenor,

Hoje escrevo sem rodeios, com o coração entre os dedos e o papel umedecido de lembranças. Não é fácil dizer o que tenho pra te dizer, mas a vida às vezes exige coragem até pra conversar com um amigo. E sei que você é homem de escutar com a alma.

Desde aquele domingo em que vi Oscarina deitada naquela rede fina, com os olhinhos fundos e o peito arfando como quem conversava com a própria luta por ar, algo me apertou por dentro. Não era só piedade, Antenor. Era um chamado. Um grito mudo que vinha do futuro dela — ou daquilo que ainda podemos fazer por esse futuro.

Você sabe que essa terra, por mais que seja o nosso chão, não tem o que ela precisa. A gente se apega à vizinhança, ao cheiro do café coado na hora, à missa das seis e às árvores que viram nossa infância passar — mas nem sempre elas bastam. A cura, meu amigo, talvez não more mais aqui.

Em São José dos Campos em São Paulo, há médicos que estudaram nos maiores centros do país, hospitais com equipamentos que a gente nem sabe pronunciar, terapias que não chegam até nós por essas estradinhas poeirentas. Eu sei, é longe. Eu sei, parece coisa de rico. Mas não é. É questão de fé, de sacrifício, de não permitir que o destino dite as regras sem luta.

Levar Oscarina pra lá não é um ato de fuga. É um gesto de amor. Amor de pai — porque sim, Antenor, mesmo que o sangue não seja teu, ela é tua filha pelo que a vida decidiu e pelo que teu coração confirmou. Não

basta alimentar e vestir. Pai é quem enfrenta o mundo pela saúde do filho. É quem carrega no colo, se for preciso, até onde houver uma réstia de esperança.

Lembro quando tua irmã Oscarina partiu. Aquele silêncio que ficou na casa. O rádio mudo. As flores da varanda secando. E lembro também da primeira vez que ela sorriu pra você — aquele sorrisinho tímido, misto de respeito e carinho. Como se dissesse: "Pode confiar, eu fico." E ficou. Foi ficando, preenchendo os espaços, pendurando desenhos na parede, chamando tua atenção quando esquecia de comer. Ela te salvou também, Antenor. Agora é tua vez de salvá-la.

Pensa comigo: que é um punhado de quilômetros comparado a uma vida inteira? Que é uma mudança temporária comparada ao risco de ficar? Quantas crianças não voltaram a correr depois de uma chance dada? Quantas não sobreviveram só porque alguém decidiu tentar?

Não se deixe prender por vozes que dizem "deixa pra lá" ou "é muito longe". Essas vozes falam do medo delas, não do teu amor. Amor verdadeiro se mede em atos, em malas feitas com as mãos trêmulas, em decisões que doem no começo, mas acalmam depois.

Eu, se pudesse, iria contigo. Iria empurrando a carroça velha, ajudando a cuidar da menina, levando um cobertor pra cada parada da viagem. Mas sei que essa é uma estrada tua. Tua e dela. E Deus há de guiar vocês dois por ela.

Vai, Antenor. Vai por Oscarina, por ti, por todos nós que acreditamos que ainda há tempo, que ainda há vida. Vai com medo mesmo. Mas vai. Porque a esperança, meu

amigo, não mora nos que ficam. Mora nos que ousam partir.

Com a amizade de quem sempre torceu por você, — Teu velho amigo.

Rumo a São José dos Campos

Ao terminar de ler a carta do amigo, Antenor dobrou o papel com o mesmo cuidado que se guarda uma fotografia antiga. Havia nas palavras escritas à mão uma urgência silenciosa, como uma batida de tambor distante, chamando-o para um destino maior que a própria dúvida.

O dia começava a morrer atrás dos morros quando ele se levantou da cadeira. O café esfriava na caneca, o cheiro de lenha queimada ainda pairava no ar. Lá fora, as galinhas se recolhiam, e a brisa da tarde balançava as cortinas da pequena janela da cozinha. Tudo parecia igual, mas por dentro dele tudo mudara.

A esposa, sentada perto do fogão, nem precisou perguntar. Bastou o olhar.

— Eu vou pra São José dos Campos, disse ele, com voz firme, porém baixa.

— Eu não sei o que me espera lá, mas sei que não posso ficar aqui, vendo as coisas definhar. Dizem que lá tem médicos bons, hospital de respeito... e esperança. É longe, eu sei. Mas é pra lá que eu vou.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, e depois apenas assentiu, como quem entende que certas partidas são necessárias, mesmo que o coração deseje o contrário.

Antenor passou a noite preparando-se. Separou uma muda de roupa, os documentos, os exames, um retrato enrolado num lenço e o envelope com o dinheiro escondido há meses dentro da Bíblia da sala. Escreveu um bilhete curto, com poucas palavras e muita fé: "Se eu demorar, reza por mim. Eu volto com resposta."

Partiu antes do sol nascer. Na pequena maleta, levava pouco. Mas no peito, carregava tudo.

O Vapor que Partia de Vitória

No cais de Vitória, o vapor já soltava fumaça negra e assobiava como um animal impaciente. Era uma embarcação a carvão, que deslizaria pela costa até alcançar o Rio de Janeiro. Antenor subiu a bordo com passos lentos, sentindo o coração pesado como chumbo.

A viagem no navio levou quase dois dias, enfrentando marolas, vento salgado e o tédio de quem só pensa naquilo que o espera adiante. O convés era partilhado por comerciantes, lavradores, doentes silenciosos e mães com filhos no colo. O cheiro do mar se misturava ao de suor e carvão. À noite, dormia-se sobre mantas estendidas, sob um céu imenso e alheio.

Antenor pouco falou. Passou a maior parte do tempo encostado à amurada, olhando o horizonte e repetindo em silêncio o nome do destino: São José dos Campos... São José...

O Trem que Cruzava o Vale

Ao desembarcar no Porto do Rio de Janeiro, o barulho da capital o engoliu: carroças apressadas, operários gritando, sinos de bondes tilintando pelas ruas. Pegou um bonde até a Estação Dom Pedro II, onde o grande trem da Estrada de Ferro Central do Brasil o esperava.

O bilhete era simples, mas custoso. Com o pouco que tinha, comprou um assento de madeira no vagão popular. O trem partiu entre apitos longos, e logo deixou a cidade grande para trás, entrando nos vales verdejantes da região do Paraíba.

Durante quase dez horas, o vagão sacolejou por túneis e pontes, atravessando Valença, Barra do Piraí, Resende, Lorena... até finalmente São José dos Campos.

A cada estação, Antenor via gente embarcando com malas, crianças dormindo no colo das mães, homens de chapéu trocando palavras curtas e olhares longos. Tudo cheirava a estrada, a saudade e a destino. Ele olhava a paisagem pela janela de madeira com vidro embaçado, e via lavouras passando como sonhos.

Ali, naquele vagão, entre desconhecidos e esperanças, sentia que atravessava não só o país — mas também um pedaço de si mesmo.

A Chegada

Já era noite quando o trem apitou pela última vez e parou. A placa dizia: São José dos Campos. Antenor desceu com passos lentos, cansados, mas decididos. A estação era modesta, mas viva. Havia lampiões acesos, vozes misturadas, cheiro de fumaça e pão.

Ele não sabia onde dormiria. Não sabia quem o esperava. Mas sabia por que tinha vindo.

E isso bastava.

Ali estava ele.

Um homem do Espírito Santo, recém-chegado de navio e trem, sozinho numa cidade desconhecida. Mas com o coração cheio de propósito.

Era 1912. E naquela noite silenciosa, no Vale do Paraíba, a esperança usava chapéu, segurava uma mala de couro e se chamava Antenor.

A Cidade da Cura

São José dos Campos acordava lentamente naquela manhã clara de 1912. O sol despontava entre as montanhas que abraçavam o Vale do Paraíba, espalhando uma luz dourada sobre as ruas de pedra e as casas de madeira pintadas de branco. O ar era fresco, seco e impregnado de uma promessa silenciosa — aquela que tantas pessoas vinham buscar: alívio, recomeço, sobrevivência.

A estação ferroviária ainda guardava os ecos do trem que trouxera Antenor na noite anterior. Ele saíra dali com os ombros arqueados de cansaço, mas com a alma desperta. Não conhecia ninguém na cidade, mas sentia, pelas árvores calmas e pelo murmúrio dos moradores, que ali havia espaço para a esperança.

São José dos Campos, coração do Vale do Paraíba, já era conhecida como "A Cidade da Cura". Gente de todo o Brasil chegava em busca do clima seco, do ar limpo, das instituições de saúde que ganhavam fama nacional. Entre

sanatórios, pensões e casas de repouso, a cidade crescia com o passo de quem respeita o tempo da recuperação.

No segundo dia, Antenor caminhou até um dos sanatórios recomendados pelo amigo — um prédio branco de janelas altas e jardins bem cuidados. Foi recebido por um médico de jaleco, que o conduziu até uma sala arejada. Lá, conversaram longamente. O médico, de voz serena e olhos marcados pelas incertezas do ofício, falou sem rodeios:

— Aqui em São José, estamos tratando centenas de pessoas com tuberculose. Muitos vêm de longe. Há quem chegue ainda forte, há quem mal respire. Temos feito o possível com o que a ciência permite. Alguns melhoram, outros estabilizam... — e então ele fez uma pausa, antes de concluir com honestidade — ...mas nem todos saem curados.

Antenor escutou em silêncio. Aquela frase, dita com tanto respeito, não o desanimou. Ao contrário: aumentou sua vontade de lutar. Sabia que as chances não eram iguais para todos — mas também sabia que, se havia qualquer esperança, era ali que ela morava.

Ao sair do sanatório, ele percorreu algumas ruas em busca de um lugar onde pudesse se instalar. Precisava de algo simples, mas digno. Depois de algumas indicações, chegou até a casa de Dona Eulália, uma senhora idosa e firme, que alugava quartos a viajantes e convalescentes.

— Não é hotel, não, moço. Mas tem cama, lençol limpo e paz — disse ela, abrindo a porta com um sorriso contido.

O quarto ficava nos fundos da casa. Tinha uma cama de ferro, um criado-mudo com bacia de louça, e uma cadeira encostada à janela. O cheiro era de madeira antiga e alfazema. Para Antenor, aquilo era mais que suficiente.

E foi assim que, com o que tinha, alugou um quarto na Avenida Dr. João Guilhermino, número 2.

Ali, sob o teto modesto daquela casa de paredes finas, ele abriu a mala, colocou o terço sobre a mesa e se sentou por um tempo diante da janela, observando o movimento lento da rua. Não era apenas uma hospedagem. Era um ponto de resistência. Um posto de fé.

Naquela noite, à luz da vela, escreveu à esposa. Contou sobre o médico, a cidade, o clima seco, as dezenas de rostos que vira — todos em busca da mesma coisa. E ao final, com letra firme, escreveu: "Não é fácil. Nem todos se curam, ele disse. Mas eu não vim até aqui pra voltar de mãos vazias. Fique com Deus. Eu volto com resposta."

Avenida Dr. João Guilhermino – São José dos Campos/SP



O Retorno com Esperança

Quando o navio atracou no porto de Vitória, a manhã ainda se espreguiçava no horizonte. Antenor desceu com passos leves, a mala em uma mão e o chapéu na outra, e um ar diferente no rosto — como quem havia voltado de um mundo mais largo, mais alto, mais cheio de coisas que não cabiam mais só na memória. Era um ar sorridente de esperança, desses que não se vê todo dia. O mesmo homem que partira calado, agora voltava com palavras, histórias, gestos suaves e um brilho novo nos olhos.

Ao chegar em casa, a esposa correu ao portão. Ele a abraçou com força, por um instante longo, sem dizer nada. Depois afastou-se, olhou-a com calma e disse:
— Voltei. E voltei melhor. Não só por dentro... mas por tudo que vi lá. Aquela cidade é diferente. É viva. Tem alma.
Sentaram-se na varanda, e logo a filha apareceu, ainda sonolenta, arrastando os chinelos pelo assoalho. Antenor se levantou, fez um carinho em seus cabelos e disse: — Eu pensei em vocês a cada passo. E agora quero contar tudo. Vocês precisam saber o que tem naquele lugar.
A esposa sorriu, e ele começou a desfiar as lembranças, como quem borda com palavras os dias vividos longe: — Lá o povo luta, sim. Tem dor, tem doença... mas tem fé. E tem beleza em cada esquina. Há manifestações culturais que nunca vi por aqui: Moçambique, Congada, danças de ritmo e cor, feitas com respeito, com alma. O povo canta e bate tambor como se espantasse a tristeza. Tem grupos de violeiros, homens de chapéu e fala mansa, tocando modas antigas sob as janelas, em noites de luar. O som

da viola parece rezar. Eu ouvi, fechei os olhos... e quase chorei. Fez uma pausa breve, como se ainda escutasse os acordes no fundo do peito.

E as comidas... ah, as comidas! Bolos de fubá com erva-doce, paçoca de pilão, frango com ora-pro-nóbis, broas, cafés servidos em xícaras pequenas, cheios de afeto. E tudo isso vendido por mulheres com panos floridos na cabeça, com mãos que sabem o que fazem. O artesanato enfeita as praças: cestarias, esculturas em madeira, bordados cheios de histórias.

A filha o escutava de olhos arregalados, quase em silêncio.

E sabe, meu bem — disse ele, voltando-se para a esposa —, há uma igreja, a Igreja de Santana, que não é só uma igreja. É um marco da cidade. Um coração de pedra e fé. O povo se encontra ali, reza, canta, conversa. Ela guarda a história toda daquele lugar. É o centro de tudo.

Antenor se levantou da cadeira e caminhou até o portão de casa. Olhou a rua poeirenta e então disse, quase para si mesmo:

— As avenidas lá... são arborizadas. Tem a Avenida da Gare, toda plantada de magnólias e palmeiras imperiais. Quando o vento passa, as folhas dançam no alto. É bonito demais. A gente anda ali e sente que a cidade respira junto com a gente.

Virou-se de volta à família. O rosto iluminado, como quem voltava não apenas de uma viagem, mas de uma travessia interior.

— Trouxe fé, mulher. E trouxe saudade do que deixei lá. Mas trouxe, principalmente, certeza de que a gente ainda pode acreditar.

E naquela manhã simples, sob o céu claro de Vitória, o silêncio da casa se encheu de histórias. Histórias de um homem que partiu em busca de cura — e voltou feliz pelo encanto das pessoas, das ruas, dos sons e da cultura de um Brasil que pulsa, mesmo quando sofre.

— Então, minha filha... vamos até lá? — perguntou Antenor, com voz baixa, mas segura. As palavras saíram como quem oferece não apenas uma viagem, mas um recomeço.

Oscarina estava em pé diante dele. Pés descalços, as mãos espalmadas ao lado do corpo, como se tentasse conter algo que crescia por dentro. Seus olhos, fixos no pai, buscavam nas feições dele mais do que uma resposta: buscavam a certeza de que o mundo ainda era possível.

Ela observava o semblante de Antenor com atenção de quem lê um mapa. E o que viu ali não era só um pai — era um homem transformado. O cansaço da viagem ainda marcava seus ombros, mas havia no rosto dele um ar calmo, quase luminoso, que antes ela não conhecia. Era o brilho de quem viu a esperança de perto e voltou para partilhar.

Oscarina engoliu em seco, tomada pela emoção, e sussurrou:

— Mas antes... quero ver o mar. Pela última vez.

Antenor não respondeu de imediato. Fechou os olhos por um instante, como quem ouve o coração falar

primeiro. Depois assentiu com leveza, respeitando o pedido.

— Está certo. Vamos ao mar. Ele sempre nos escutou em silêncio... Agora, é justo que se despeça de você também.

Pouco depois, pai e filha desceram juntos a trilha até a praia. O céu estava claro, o vento soprava do sul, carregando o cheiro de sal e sol. O mar se estendia em azul profundo, sereno, como se soubesse que aquele era um momento solene.

Oscarina caminhou até a beira da água. O vestido leve batia contra as pernas com a mesma delicadeza das ondas. Olhava o infinito com olhos úmidos, não de tristeza, mas de gratidão. Respirava fundo, absorvendo tudo: o som das ondas, o grito das gaivotas, o calor da areia morna.

— Pai... — disse ela, sem virar o rosto — será que em São José também tem horizonte assim?

— Tem sim, minha filha, respondeu ele, com um sorriso. — Não é o mar, mas é um vale lindo, cheio de montanhas e céu claro. Tem palmeiras imperiais, ruas arborizadas com magnólias... e tem algo mais importante: o que você leva no peito. A gente carrega o nosso próprio horizonte quando tem fé.

Ela o olhou com ternura. Depois abaixou os olhos e deixou que a água morna do Atlântico molhasse seus pés.

Ficaram ali por mais algum tempo. Sem pressa. Como se aquele instante fosse um rito silencioso, um adeus doce a tudo o que havia sido até ali — e uma saudação ao que viria.

Mais tarde, quando subiram de volta, Oscarina já não carregava o mesmo olhar. Estava mais firme. Ainda frágil no corpo, sim, mas mais inteira por dentro. Como se o mar lhe tivesse lavado a dúvida, e deixado apenas a coragem.

Naquela noite, com as malas prontas, sentaram-se juntos na varanda. O vento soprava pelas frestas, e o céu de Vitória parecia abençoar a partida.



O dia da partida e as Despedidas

O sol ainda não havia aquecido o chão quando a casa já se movia em silêncio. Era o dia da partida, e cada gesto carregava mais peso do que de costume. O som da chaleira fervendo, o cheiro do café fresco, o ranger das sandálias no assoalho — tudo parecia ganhar um sentido mais profundo naquela manhã.

Oscarina ainda estava no quarto, terminando de arrumar a pequena bolsa de couro, quando ouviu um sussurro estranho vindo da sala, como passos contidos, abafados, risos discretos. Estranhou. Vestiu-se com cuidado, trançou os cabelos com calma e, ao abrir a porta, foi surpreendida.

A sala estava cheia.

Ali estavam suas amigas. Cinco moças, enfileiradas como flores de um mesmo jardim, sorrindo com olhos marejados. A mãe de Oscarina, de pé ao lado delas, mantinha as mãos cruzadas, como quem segurava as próprias emoções para não deixar que escapassem demais.

— Surpresa! — disse Maria de Lourdes, abrindo os braços.

— Já estamos com saudades! — completou Helena, com a voz embargada, mas tentando sorrir.

Oscarina parou por um instante. O choque suave da cena a fez levar a mão ao peito. Depois riu, meio sem jeito, e correu para abraçá-las, uma por uma. Os perfumes familiares das amigas misturavam-se, entrelaçados com as lembranças de infância, de risos na

praça, de conversas ao entardecer, de sonhos sussurrados em voz baixa.

— Vocês madrugaram? — perguntou Oscarina, tentando disfarçar a emoção.

— A gente não ia deixar você partir sem se despedir direito! — respondeu Fátima, colocando uma fita de cetim azul na mão dela. — É pra você lembrar da gente. Amarra no pulso e só tira quando voltar!

Oscarina obedeceu, sem dizer nada. Prendeu a fita no braço com um nó delicado, sentindo um aperto doce no peito.

— Não se esqueça de escrever! — pediu Tereza, com uma folha de papel dobrada nas mãos. — Aqui tem meu endereço. Escreve quando chegar lá, tá? Mesmo que seja só uma linha.

— Vou escrever, sim. Vou escrever pra todas vocês — respondeu Oscarina, a voz quase falhando.

A mãe trouxe uma bandeja com broas de fubá, café e leite. Serviu as amigas com gentileza e lágrimas discretas nos olhos. Era o jeito dela de agradecer por aquela presença que não se podia comprar.

Ficaram ali, sentadas no sofá, nas cadeiras da cozinha e no batente da porta, conversando como se o tempo tivesse dado uma trégua. Riram de histórias antigas, falaram dos namoros do bairro, das festas de junho, da roupa que Oscarina usava no dia do cortejo do Divino.

Antes de irem, uma por uma, deixaram recados sussurrados, abraços demorados e olhares cúmplices.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — disse Maria de Lourdes, segurando-lhe as mãos. — São José dos Campos parece longe... mas o que é a distância quando a amizade é perto?

Oscarina assentiu em silêncio, com os olhos úmidos, e então abraçou sua mãe.

O relógio da parede marcava quase nove horas. Era hora de partir.

Com as malas prontas, o pai já à porta, Oscarina olhou uma última vez para dentro da casa — agora cheia de lembranças novas, costuradas por afeto.

E quando saiu, com o lenço na mão e a fita azul no pulso, sabia que levava com ela mais do que roupas e papéis: levava o amor das amigas, o cuidado da mãe, e uma cidade inteira torcendo baixinho por sua cura.

A longa viagem, talvez a última

O navio partiu ao amanhecer, envolto por uma névoa fina que pairava sobre a baía como um véu de despedida. As gaivotas cruzavam o céu em círculos lentos, como se compreendessem que aquela travessia carregava mais do que malas e passageiros: levava dúvidas, promessas e a fé teimosa de quem ainda acredita na cura.

Antenor, Oscarina e sua cachorrinha Vitória permaneceram na amurada por um bom tempo, em silêncio. Ela, com os olhos fixos no mar que se alargava a cada segundo; ele, com a mão firme sobre seu ombro, como se dissesse, sem palavras: "Estou aqui, aconteça o que acontecer."

O vapor resfolegava pelas águas do Atlântico, deixando para trás os contornos familiares de Vitória, que pouco a pouco se desfaziam na distância. Oscarina não chorou. Apenas olhava — longa e demoradamente — como quem guarda no coração a última imagem de um lar. Talvez soubesse, no íntimo, que "poderia ser a última vez". Mas também sabia que ir era necessário. Ficar seria aceitar a derrota.

Horas depois, já no Rio de Janeiro, o calor era outro, os sons eram outros. A multidão se acotovelava na estação da Central. O trem para o interior já aguardava, engatado, soltando suspiros de fumaça. A bilheteira anunciava os destinos, e os trilhos pareciam chamar pelos que buscavam recomeços.

Subiram no vagão de madeira, entre viajantes cansados, mães com filhos no colo, senhores de paletó gasto e olhar perdido. Oscarina se sentou à beira da janela. Ao lado, Antenor ajeitava a mala no bagageiro, em silêncio.

Quando o trem partiu, sacolejando lentamente, ela abriu um sorriso discreto. Do lado de fora, o mundo desfilava como um filme silencioso. E ela assistia, encantada.

Admirou os campos abertos da baixada fluminense, com bois pastando sob árvores retorcidas. Viu a subida das serras, onde as nuvens tocavam o topo das montanhas como véus flutuantes. Passaram por túneis escuros, onde por segundos tudo se apagava, para logo depois a luz voltar com força, revelando vales verdes, povoados por pequenas casas brancas com telhados vermelhos, como se fossem maquetes vivas.

Oscarina apertava os olhos para ver melhor os cafezais em fileiras perfeitas, os rios finos serpenteando entre as pedras, os meninos acenando das porteiras de pequenas fazendas. E quando o trem parava em alguma estação — como a de Barra do Piraí, Valença, ou Queluz — ela lia o nome das placas e imaginava a vida que acontecia ali.

— Tudo é tão bonito, pai... tão diferente... — disse num suspiro, com o queixo apoiado na mão. — Parece que a gente está dentro de um sonho calmo.

Antenor sorriu, sem dizer nada. Apenas olhou pela janela, compartilhando aquele momento em silêncio.

Mais adiante, quando entraram de vez no Vale do Paraíba, o cenário ganhou outra beleza: palmeiras imperiais alinhadas nas margens das estradas, florestas de magnólias, casarões antigos de fazendas do tempo do café, e ao fundo, sempre as montanhas azuis, parecendo repousar no horizonte como sentinelas silenciosas.

E então, ao cair da tarde, São José dos Campos se revelou: uma cidade envolta em brumas leves, com ruas largas, jardins floridos e torres de igrejas brancas recortando o céu. Oscarina sentiu um arrepio. Não era medo — era a estranha sensação de chegar onde nunca se esteve, mas já se conhece.

— É aqui — disse Antenor, quase num sussurro.

Ela olhou para ele, e depois para fora, onde as palmeiras da avenida da estação balançavam levemente ao vento.

Estavam ali. Na cidade da cura.

Talvez fosse mesmo a última viagem. Mas dentro daquele vagão antigo, sacolejando entre serras e vales, algo dentro de Oscarina havia despertado — algo que queria viver.

O Primeiro Dia em São José

Eram quase quatro da tarde quando os pés de Antenor e Oscarina tocaram o chão de São José dos Campos, enquanto a pequena Vitória, sua cachorrinha de pelos lisos e olhar atento, saltava do degrau com a leveza de quem nunca adoece.

Na estação, o sol parecia repousar sobre as telhas e os telégrafos. O cheiro da terra era doce, seco, e o vento que soprava pelas árvores carregava o pó dos caminhos e o perfume tímido das magnólias plantadas à beira da Avenida da Gare, onde palmeiras imperiais dançavam com o vento como se saudassem os recém-chegados.

Oscarina respirou fundo. Sentia o ar leve, sem a umidade que tanto a oprimia em casa. O céu, de um azul discreto e alto, parecia mais largo do que nunca.

— É bonito aqui... — disse, quase num sussurro, sem tirar os olhos do entorno.

Antenor sorriu e assentiu com a cabeça. Sabia que ela estava tentando não demonstrar emoção, mas via, nos olhos marejados da filha, que algo dentro dela se abria. Um espaço novo.

Caminharam com calma até a Avenida Dr. João Guilhermino. A cidade ainda era pequena, mas viva. Crianças corriam nas calçadas, carroças passavam

rangendo suas rodas, homens de chapéu conversavam em frente às vendas. Havia serenidade ali — uma paz que não precisava ser explicada.

A casa era simples, térrea, pintada de cal branca com detalhes azuis nas janelas. Um pequeno jardim se espalhava diante da varanda, onde Dona Eulália já os esperava com as mãos sobre o avental e um sorriso miúdo.

— Sejam bem-vindos, disse ela. — O quarto de vocês está pronto. Fica nos fundos, pega o sol da manhã.

Antenor agradeceu com um aceno respeitoso e carregou a mala enquanto Oscarina acariciava Vitória, que farejava o quintal com alegria silenciosa.

Ao entrarem no quarto, Oscarina parou por um instante. Observou os detalhes: a cama de ferro com colcha rendada, uma cadeira de palhinha, a bacia de louça no canto, uma pequena janela com cortinas claras que se moviam ao sopro da brisa. O chão de madeira rangia suavemente sob seus passos.

— Aqui é diferente... tudo parece esperar por mim. — disse ela, baixinho, como quem fala para si mesma, mas querendo que o pai ouvisse.

E ele ouviu. Abaixou-se, colocou a mala no chão e respondeu:

— Às vezes, a vida também tem lugar marcado.

Oscarina sentou-se na beira da cama. Vitória deitou-se ao lado, repousando o focinho sobre as patas, como se sentisse, também, que ali havia um repouso merecido.

Ficaram alguns minutos em silêncio. Depois, ela se levantou, caminhou até a janela e abriu as venezianas. Do

lado de fora, o som da cidade era leve: o trotar de cavalos, o assobio distante de um vendedor de doces, o murmúrio das folhas ao vento.

Ela fechou os olhos e disse com firmeza serena:

— Pai... eu vou melhorar aqui.

Antenor não respondeu. Apenas sorriu com os olhos — e pela primeira vez, desde que tudo começara, sentiu que a luta talvez não estivesse perdida.

A visita que aqueceu corações

No dia seguinte, logo ao romper da manhã, Oscarina despertou com um sentimento diferente no peito — uma mistura de curiosidade e uma vontade profunda de fazer a diferença, mesmo que de maneira simples. A casa ainda estava envolta numa calma serena, quebrada apenas pelo cantar distante dos pássaros e o aroma fresco do café recém-passado que invadia o ambiente.

Ela desceu as escadas e encontrou o pai já sentado à mesa, os olhos ainda meio sonolentos, mas com aquele brilho caloroso que só os encontros de família trazem. O café estava servido: pão quentinho, manteiga derretida, um pouco de geleia e o aroma forte do café preto. Oscarina sentou-se ao lado dele, pegou a xícara e, entre goles e sorrisos tímidos, tomou coragem para fazer seu pedido.

— Pai — começou, a voz suave, mas firme — hoje eu gostaria de visitar o sanatório da cidade. Quero conhecer de perto como as pessoas estão, saber o que enfrentam, e, se possível, levar um pouco de esperança para elas.

O pai olhou para ela, surpreso, mas encantado com a determinação da filha.

— Você sabe que não é um lugar comum, Oscarina — respondeu, com um leve tom de preocupação. — O sanatório é um lugar de sofrimento e recuperação. É preciso ter muita sensibilidade para lidar com aquilo.

— Eu sei, pai — rebateu ela, olhando-o nos olhos — mas também sei que é exatamente ali que as pessoas precisam de um pouco mais de carinho, de uma palavra amiga, de um gesto que lhes mostre que não estão sozinhas. E eu quero fazer isso.

Ele sorriu, orgulhoso da filha. — Então, vamos juntos. Quero ver com meus próprios olhos o que você sente.

Depois do café, os dois se prepararam para a visita. A caminhada até o sanatório não foi longa, mas parecia carregar o peso do que estava por vir. As ruas da cidade começavam a se agitar com o cotidiano, enquanto eles se aproximavam daquele lugar de paredes brancas e janelas que pareciam observar o mundo com olhos silenciosos.

Ao entrar, foram recebidos por um ar carregado, misto de esperança e dor. As vozes eram baixas, os passos cuidadosos. Oscarina sentiu o coração apertar, mas não recuou. Ao contrário, respirou fundo e começou a caminhar pelos corredores.

Logo encontrou-se diante de uma sala comum onde alguns pacientes estavam sentados em cadeiras, envoltos em mantas e olhares cansados. Ela se aproximou com um sorriso genuíno, ajoelhou-se ao lado de uma senhora que, apesar do semblante abatido, voltou o olhar para ela com curiosidade.

— Bom dia — disse Oscarina, a voz doce e acolhedora. — Eu vim aqui para dizer que vocês não estão esquecidos, que a luta de cada um importa muito para nós do lado de fora.

As palavras, simples, ecoaram no ambiente. Aos poucos, mais pacientes se aproximaram, atentos ao que dizia. Oscarina falou sobre a força que cada um carrega dentro de si, mesmo nos dias mais difíceis. Lembrou-os que a vida, apesar de suas provações, sempre guarda surpresas e motivos para sorrir.

— Sei que a estrada pode parecer longa e cansativa — continuou ela — mas cada passo dado aqui dentro é um passo rumo à cura, à liberdade, ao reencontro com quem vocês são de verdade.

Houve lágrimas discretas, sorrisos tímidos, e um silêncio respeitoso que parecia abençoar aquele momento. Oscarina sentiu que, naquele instante, sua presença era mais que uma visita — era uma ponte de humanidade que ligava corações distantes pela doença.

Antes de partir, pediu para que transmitissem aos que não puderam estar ali que não estavam sozinhos. Que o mundo lá fora os aguardava com braços abertos, cheio de esperança e desejos de dias melhores.

Ao sair do sanatório, Oscarina sentiu seu próprio coração mais leve. Sabia que aquele gesto, embora pequeno, havia plantado uma semente de coragem e fé. E isso, para ela, já era um começo.



Ecos do coração

Enquanto caminhava para fora do sanatório, Oscarina sentia o peso daquelas horas ainda pulsando dentro dela. O cheiro do lugar, os rostos que havia visto, as palavras que trocara — tudo se entrelaçava numa mistura intensa de tristeza e esperança. Seus passos eram lentos, quase como se tentasse desacelerar o tempo para guardar cada instante na memória.

No silêncio da rua, o som da cidade retornava como um lembrete da vida lá fora, vibrante e cheia de possibilidades. Mas ali dentro, naquele universo paralelo, o tempo parecia outro, marcado pela luta silenciosa e pela espera paciente.

Ela percebeu que a visita havia mexido com algo profundo em seu espírito. Sentiu, pela primeira vez, o peso e a importância de estar presente para aqueles que o mundo muitas vezes prefere esquecer. E, ao mesmo tempo, entendeu que não bastava apenas a presença física — era preciso compartilhar uma energia real, calorosa, que pudesse iluminar os dias cinzentos.

Enquanto essas reflexões lhe acompanhavam, uma figura chamou sua atenção. Era um homem de cabelos grisalhos, rosto marcado pelo tempo e pelos sofrimentos, sentado sozinho num canto do jardim do sanatório. Ele a observava com olhos atentos, quase como se soubesse que ela era aquela que precisava encontrar.

Oscarina se aproximou devagar, respeitando o silêncio que os envolvia. Sentou-se ao seu lado e sorriu.

— Posso sentar? — perguntou.

— Pode sim — respondeu ele, com voz suave, mas firme.

Por alguns momentos ficaram ali, apenas olhando o céu, cada um imerso em seus pensamentos. Então o homem quebrou o silêncio.

— Sabe, moça, a vida me ensinou que a esperança é como uma chama que nunca se apaga, mesmo quando o vento tenta sufocá-la.

Oscarina sentiu um arrepio. Era exatamente aquilo que queria transmitir.

— É verdade — concordou. — Às vezes, só precisamos de alguém que acenda essa chama para que ela brilhe de novo.

O homem sorriu, e um brilho melancólico passou por seus olhos.

— Quando era jovem, sonhei com muitas coisas. Tantas que nem lembro todas. Mas hoje, o que mais desejo é que as pessoas aqui dentro saibam que, apesar das dificuldades, nunca percam o amor por si mesmas. Porque é esse amor que nos dá forças para recomeçar.

Oscarina segurou a mão dele com ternura.

— Eu vou levar essa mensagem para o mundo, prometo. E, enquanto puder, voltarei aqui para lembrar a todos que a vida é feita de pequenos milagres.

Naquele instante, o jardim do sanatório parecia menos frio, como se o calor daquele encontro tivesse deixado uma marca invisível no ar.

Quando se levantou para partir, Oscarina sentiu-se renovada, mais determinada do que nunca. Sabia que sua missão estava apenas começando, e que cada palavra, cada gesto, tinha o poder de transformar não só os outros, mas também a si mesma.

Vitória pede socorro

O dia amanheceu preguiçoso, o céu enevoado filtrava a luz do sol por entre as nuvens cinzentas, como se o mundo hesitasse em começar. Dentro da casa, o silêncio era quebrado apenas pelo som das respirações lentas, da chaleira esquentando água, do relógio antigo marcando a passagem indiferente do tempo.

Oscarina ainda dormia. O corpo afundado no colchão, a pele mais pálida do que de costume, os cabelos espalhados como um leque castanho sobre o travesseiro. Havia um cansaço estranho no seu rosto, uma entrega silenciosa ao repouso — não o repouso da paz, mas o

repouso do corpo que começa a lutar sem que a alma se dê conta.

Antenor, o pai, preparava-se para sair. Caminhava pela casa com a lentidão de quem conhece o peso das horas. Vestiu o paletó, pegou a lista de compras e olhou, por um instante longo, para o quarto onde sua filha dormia. Algo nele hesitou. Mas não queria ser alarmista. Afinal, ela estava apenas cansada.

Já na rua, os sons da cidade pareciam distantes. Passou pela feira, comprou frutas, pão ainda morno e, ao virar uma esquina, deparou-se com uma pequena floricultura. Ali, um perfume suave o deteve. Era o cheiro das rosas recém-colhidas, da terra úmida, das flores dispostas com delicadeza como se tivessem sido colhidas para um momento de reencontro.

Impulsionado por um sentimento indefinido — talvez culpa por não estar ao lado da filha naquele instante, talvez ternura por tudo o que viveram — entrou na loja.

— Quero um buquê — disse à florista.

— Para qual ocasião?

Ele sorriu, melancólico.

— Para a vida. Para lembrar que ela ainda floresce.

Escolheu um ramalhete de rosas vermelhas profundas, de pétalas abertas, perfumadas como suspiros antigos. A florista amarrou com uma fita de cetim cor-de-vinho e lhe entregou o buquê com um sorriso cúmplice.

Antenor mal havia dado dois passos fora da loja quando ouviu um latido agudo, urgente.

— Vitória? — murmurou, confuso.

A pequena cadela da casa, Vitória, surgira de repente, vinda não se sabia de onde. Corria em sua direção com os pelos arrepiados, os olhos arregalados. Latiu de novo — uma, duas, três vezes — e depois correu alguns metros, parando, virando-se, olhando para ele como quem suplica: "Venha! Depressa!"

O coração de Antenor apertou-se. Um pressentimento sombrio o envolveu como uma sombra que chega antes da tempestade.

— Vitória! O que foi? — gritou.

A cadelinha latiu mais uma vez, e correu, agora sem esperar. Antenor largou tudo — as compras na mão, o buquê apertado contra o peito — e saiu em disparada pela rua, tropeçando em pedras, batendo os ombros em desconhecidos, sem se importar com o mundo ao redor.

Ao chegar em casa, a porta estava entreaberta. A sala, silenciosa demais. Subiu os degraus correndo, quase caindo, o coração martelando no peito. Quando entrou no quarto de Oscarina, o mundo pareceu se desmanchar.

Ela estava deitada, sim, mas havia algo errado. Muito errado.

O corpo estava rígido, tremendo levemente. A respiração era rápida, curta, como se lutasse para puxar o ar que lhe escapava. A testa estava encharcada de suor, o rosto ardendo em febre. Os olhos fechados, mas os lábios se moviam, num murmúrio confuso, quase sussurrado, como se falasse com sombras.

— Mamãe… espere… o campo… está florido… não me deixe aqui…

Antenor caiu de joelhos ao lado da filha, segurando suas mãos geladas.

— Oscarina! Sou eu, papai! Olhe pra mim, filha! Fale comigo!

Mas ela continuava naquele lugar inalcançável. Falava de lembranças perdidas no tempo: da mãe, das colinas que visitavam quando criança, de uma boneca de pano costurada com retalhos que nunca mais fora encontrada.

— O céu… está claro… mamãe… você veio?

A voz era tênue, como brisa prestes a sumir.

Desesperado, Antenor saiu em disparada até a casa do doutor Monteiro, um médico já idoso, de mãos firmes e olhar experiente.

— Por Deus, doutor, venha depressa! Minha filha… ela está queimando em febre… e delira! Não me reconhece!

O médico o seguiu sem demora.

Ao examinar Oscarina, seus olhos endureceram. Colocou a mão na testa dela, depois no pulso, mediu a pressão, observou os olhos, o padrão respiratório. Seu semblante tornou-se grave.

— É uma febre altíssima. Pulmões congestionados. Ela respira com dificuldade… pode ser uma pneumonia fulminante. Está com delírio febril. O corpo está entrando em colapso. Não há como saber o desfecho agora.

Antenor tremia.

— Mas... ela vai melhorar, não é? Diga que vai! Ela estava bem ontem! Ela só queria ajudar os outros! Não pode ser castigada por isso!

— Antenor — disse o médico, com voz firme — agora só nos resta vigiar. O corpo dela está lutando. Precisamos manter a febre sob controle. Já enviei uma enfermeira para passar a noite aqui. Faça orações. Mantenha a calma. E espere. Esperar será o nosso remédio mais amargo esta noite.

Quando o médico saiu, a enfermeira chegou pouco depois. Uma mulher de expressão calma e olhos tristes, que logo assumiu o cuidado do quarto. Antenor permaneceu ali, sentado ao lado da filha, segurando sua mão como se segurasse a última esperança.

O buquê de rosas repousava sobre a cômoda. Já não parecia belo. Suas cores vivas agora contrastavam com o rosto pálido de Oscarina.

Vitória, a cadelinha, deitou-se aos pés da cama. Seus olhos não piscavam. Ela também aguardava. Como se soubesse que a menina que tanto amava estava atravessando uma ponte invisível — e talvez não voltasse.

Do lado de fora, a chuva começou a cair. Lenta, fina, como lágrimas do céu.

E naquela noite, o tempo parou.

A Mãe Que Chegou com a Fé

As horas avançavam com lentidão cruel. A noite mergulhava a casa num silêncio tenso, entrecortado apenas pela tosse fraca de Oscarina, pelo sussurrar da enfermeira molhando compressas e pelos suspiros sofridos de Antenor. A febre não cedia. O corpo de sua filha tremia, sua pele ardia como brasa viva, e a

respiração, ofegante, soava como um apelo — como se a própria vida estivesse hesitante entre ficar ou partir.

Antenor, sentado à beira da cama, olhava para ela e sentia um aperto no peito que não sabia descrever. Era como se o mundo estivesse se desfazendo em torno daquela cama. Já não havia passado nem futuro. Só aquele instante suspenso.

Foi quando, vencido por um pressentimento sombrio, decidiu fazer o que relutava: buscar Anna.

Levantou-se, saiu do quarto com passos apressados e foi até a sala. Pegou o telefone, cujos números giratórios pareciam zombar de sua pressa, e discou com mãos trêmulas o número da mulher que, embora distante, nunca deixara de ser a mãe da sua filha.

Do outro lado da linha, o silêncio da espera parecia eterno, até que uma voz adormecida atendeu.

— Alô?

— Anna… sou eu, Antenor.

Houve um instante de silêncio do outro lado. Apenas o ruído fraco da linha e da respiração contida.

— O que houve?

A voz dela, por instinto, já pressentia o pior.

— É a Oscarina… ela está muito mal, Anna. A febre subiu de forma absurda. Ela delira. Não me reconhece mais. O médico disse que é grave, que talvez... talvez nem chegue à manhã. Eu... eu não consigo fazer mais nada.

Anna ficou em silêncio. Um silêncio denso, onde já não cabia o orgulho, nem o tempo passado, nem as feridas que os separaram.

— Estou indo. Agora.

Desligou sem mais palavras.

Anna preparou-se com a rapidez dos que sabem que o tempo é inimigo. Pegou uma pequena mala com o que deu tempo de lembrar. Mas antes disso, apanhou duas coisas: sua Bíblia, já gasta pelo tempo e pelas lágrimas, e seu terço, com contas de madeira escurecidas pelas mãos que tantas vezes se prenderam a ele nas noites de desespero.

A viagem até São José era longa e tortuosa. O mesmo caminho que Antenor e Oscarina haviam feito semanas antes. A estrada de curvas apertadas e serras cobertas de mata densa parecia ainda mais ameaçadora sob o céu cinzento de fim de madrugada.

Anna seguia em silêncio, o rosto voltado para a janela do trem, mas o pensamento mergulhado em lembranças da filha: o primeiro sorriso, o cheiro de bebê, as noites em claro, os passos vacilantes no jardim. As festas de aniversário simples, mas cheias de amor. E depois, o afastamento, os desencontros, as palavras atravessadas.

Agora, nada disso importava. Era a filha. Era carne da sua carne. Era o amor mais puro — e estava à beira da morte.

Horas depois, exausta e com os olhos queimando de tanto chorar, Anna chegou à cidade. Não esperou condução. Caminhou com passos trôpegos até a casa, como se os próprios pés soubessem o caminho. A enfermeira abriu a porta e a reconheceu apenas pelo olhar decidido de mãe.

— Ela está no quarto… não houve melhoras.

Anna entrou sem dizer uma palavra.

A imagem de Oscarina deitada, frágil como uma criança, o rosto suado, a respiração rápida, os olhos revirando-se em delírios... aquilo a desfez por dentro.

Sem choro, sem grito. Apenas um gesto: ajoelhou-se ao lado da cama, como quem ajoelha diante do próprio altar. Colocou o terço sobre a colcha e abriu sua Bíblia sobre os joelhos. Sua voz começou a ecoar, trêmula, mas firme.

— "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo." (Salmo 23:4)

As lágrimas, antes contidas, agora desciam pelo rosto de Anna sem que ela se importasse. Os olhos fitavam a filha como quem encara uma despedida — mas a boca, teimosa, suplicava um milagre.

— "Senhor, eu te peço... se tu quiseres, ela será curada." (Lucas 5:12)

Fez silêncio, as mãos apertando o terço.

— "Por suas feridas, fomos curados." (Isaías 53:5)

Antenor, parado na porta, não tinha forças para se aproximar. Aquela cena era mais poderosa do que qualquer gesto: uma mãe ajoelhada ao lado da filha, conversando com Deus, entre fé e desespero, entre a Terra e o céu.

Anna, então, curvou-se até encostar a testa na mão quente de Oscarina.

— Minha filha... estou aqui. Não vá. Se houver dor, me dá. Se houver medo, me entrega. Mas não vá. Ainda não.

O quarto agora estava tomado por uma atmosfera de sagrado. Não havia mais apenas um leito e uma jovem adoecida. Havia um altar. E naquele altar, uma mulher lutava contra a morte com as armas que tinha: sua fé e seu amor.

As horas seguintes seriam de espera. De oração. De vigília. E de esperança.

O Silêncio entre a Vida e a Eternidade

Dois dias se passaram. Duas eternidades comprimidas em vinte e quatro horas que pareciam não terminar nunca.

Oscarina continuava imóvel, consumida pela febre. O rosto alternava tons de brancura lívida e vermelhidão. A respiração, mesmo sob cuidados, vinha irregular, como um pássaro de asas feridas tentando alçar voo no meio de uma tempestade. A enfermeira se mantinha à cabeceira, trocando panos frios, monitorando sinais, murmurando orações em silêncio.

Anna, exausta, não saía do chão. Continuava ali, de joelhos, com os dedos entrelaçados no terço e os olhos fixos no rosto da filha. Seus lábios, secos de tanto rezar, agora apenas murmuravam trechos entrecortados das Escrituras, como se as palavras, mais do que pedidos, fossem redes lançadas para segurar a alma de Oscarina na Terra.

Antenor, observando tudo, sentia o mundo se esfarelar dentro de si. Havia feito tudo: médico, enfermeira, medicamentos, orações. Mas nada. O corpo da filha se mantinha entre a carne e o espírito, suspenso como uma vela quase apagada, trêmula diante de um sopro invisível.

Foi então que ele compreendeu. Aquela não era mais uma luta apenas da ciência ou da vontade humana. Era hora de entregar.

Saiu em silêncio. As ruas estavam molhadas pela chuva leve da madrugada. As árvores pingavam melancolia. O céu, coberto de nuvens, parecia em luto. Antenor caminhou como quem carrega nos ombros o peso de todo o amor que não pôde proteger.

Entrou na antiga igreja da cidade com o passo dos vencidos. Havia ali um cheiro de madeira antiga e cera queimada, e um silêncio que quase doía nos ouvidos. O padre Bento, homem de feições suaves e olhos cansados, preparava o altar para a missa da manhã.

Antenor se aproximou sem palavras. Apenas tirou o chapéu, curvou-se levemente, e, com os olhos marejados, disse:

— Padre… preciso do senhor. É minha filha. Não melhora. Não fala. Está… entre este mundo e outro.

O padre não hesitou. Envolveu o pequeno cálice com um pano de linho branco, apanhou sua estola violeta e um frasco de óleo santo. E partiram juntos, em silêncio, debaixo do céu que ameaçava chuva outra vez.

Ao chegar na casa, o padre foi conduzido ao quarto. Parou na soleira e observou por um momento. Era

um quadro de dor sagrada: a filha inerte, a mãe de joelhos, o pai em pé, vencido pelo desespero.

Ele entrou devagar, com o olhar cheio de compaixão. Aproximou-se do leito, tocou a testa de Oscarina com a ponta dos dedos, e então se voltou aos pais. Falou com uma voz serena, grave, como quem carrega a sabedoria de muitos adeuses.

— Antes da cura do corpo, existe a paz da alma. E às vezes, meus filhos, a cura vem como um descanso. Outras vezes, como um novo fôlego. Nós não sabemos os desígnios de Deus. Mas sabemos que Ele está aqui. Sempre está.

Anna começou a chorar baixinho.

— Padre, não a leve. Ela é minha única flor…

Ele se ajoelhou ao lado dela e segurou sua mão.

— Nenhum amor verdadeiro se perde. Os que se amam em Deus não se separam na morte, apenas mudam de lugar.

Colocou a estola sobre os ombros, fez o sinal da cruz sobre a fronte da jovem e começou a prece:

— "Senhor, nosso Deus, que enviastes teu Filho para curar os corações abatidos, visitai esta tua serva, Oscarina, em sua enfermidade. Dai-lhe alívio nas dores, esperança na aflição e, se for da vossa vontade, concedei-lhe a cura do corpo e a paz do espírito."

Derramou uma gota do óleo sagrado na testa de Oscarina. Em seguida, ungiu-lhe as mãos com ternura. Seus gestos eram lentos, como se o tempo fosse outro dentro daquele quarto.

— "Senhor Jesus Cristo, por esta santa unção e pela vossa infinita misericórdia, perdoai os pecados desta

tua filha, fortalecei-a em sua fraqueza e preparai-a para o que vier — seja vida renovada ou o repouso eterno."

Fez-se um silêncio absoluto. Até a chuva lá fora cessara.

O padre então falou com os olhos fechados, como se escutasse outra voz.

— "A vida não nos pertence. É um sopro. E se for a hora de partir, que ela vá em paz, levando todo o amor que teve aqui. Mas se ainda há caminho nesta Terra, que o Senhor reanime seu corpo e devolva o brilho aos seus olhos. Que seja feita a vontade de Deus, que é sempre mistério e amor."

Ao fim, ficou ali alguns minutos. Depois fechou a Bíblia e disse aos pais: — Agora, esperem. A oração foi lançada. O óleo foi derramado. O que for acontecer, será bênção — seja milagre ou descanso.

Antenor apertou os olhos, contendo o choro. Anna permaneceu em silêncio, acariciando os cabelos da filha. Vitória, a cadelinha, se aproximou do padre e sentou-se ao lado dele, como quem reconhece um emissário da paz.

Do lado de fora, uma brisa atravessou as janelas entreabertas. Tocou as cortinas, moveu as flores na jarra, e passou de leve sobre o rosto de Oscarina.
Um suspiro escapou dos lábios dela.
Foi tão leve, que todos duvidaram.
Mas ela estava lá.

13 de Agosto de mil novecentos e quinze

Naquele dia, o tempo parecia suspenso por um fio invisível. As paredes da casa, antes testemunhas de risos,

agora apenas escutavam orações murmuradas, passos lentos, soluços contidos. As janelas mal se abriam, como se até o vento tivesse receio de entrar.

Oscarina jazia em sua cama, frágil e imóvel, o corpo dominado por uma febre que parecia consumir não só a carne, mas a própria luz da alma. Havia uma vermelhidão anormal em seu rosto, um calor insuportável que nenhum pano úmido conseguia aliviar. E então veio o sangue.

Era pouco no começo, apenas uma mancha discreta no lenço. Mas, de repente, os lençóis brancos começaram a se tingir de vermelho, um vermelho vivo e doloroso que escorria dos cantos da boca como se o próprio coração estivesse se desfazendo em silêncio.

Anna gritou. Um grito curto, rasgado, que cortou o ar. Antenor correu até a varanda e, com a voz desesperada, chamou a enfermeira, que imediatamente telefonou para o médico mais experiente da cidade.

Doutor Mário Nunes Julião chegou às pressas, com o paletó amarrotado e a maleta balançando nas mãos. Ao entrar no quarto, não houve saudação. Não havia espaço para formalidades. Seus olhos foram direto para o rosto de Oscarina, agora pálido, suado, tingido por manchas vermelhas que escorriam lentamente de seus lábios entreabertos.

Aproximou-se com firmeza. Colocou o estetoscópio no peito da jovem. Ouviu. Mediu o pulso. Observou a pupila. Tocou-lhe os pulsos, apalpou o pescoço.

O tempo entre os gestos era breve. Mas o silêncio entre eles, profundo.

Até que, de súbito, sua mão parou. Retirou os instrumentos devagar, pousou-os sobre a mesinha, e fixou o olhar sobre os pais que o observavam com a alma suspensa.

Antenor tentava encontrar esperança no olhar do médico. Anna tremia inteira, de pé, segurando o terço com tanta força que as contas pareciam querer partir-se.

O doutor engoliu seco. Sua voz saiu rouca, como se o nó na garganta lutasse contra cada palavra:

— Ela... ela se foi.

Anna soltou um suspiro que era metade grito, metade oração. Caiu de joelhos ao lado da cama. Chorava sem som, sem força. Apenas as lágrimas escorriam, com o rosto encostado nas cobertas manchadas.

Antenor fechou os olhos, levando as mãos ao rosto. Seu peito arfava. Um homem grande, calejado pela vida, dobrado pelo que nenhum trabalho duro jamais conseguiu: a perda de sua filha.

Doutor Julião sentou-se numa cadeira. Puxou o tinteiro e uma folha timbrada. Com letra firme, quase solene, escreveu o documento com a frieza necessária, embora cada palavra lhe pesasse como uma pedra sobre o papel:

"Dr. João Guilhermino,

Nesta cidade, hoje, às sete horas da manhã, faleceu Dona Oscarina Cruz Guimarães, de cor branca, do sexo feminino, com vinte e um anos de idade, solteira, de profissão doméstica, natural e residente do Estado do

Espírito Santo, filha legítima de Antenor Guimarães e Dona Anna Guimarães, tendo sido a morte proveniente de Tuberculose Pulmonar."

Terminou a frase com um ponto que parecia mais um prego cravado no peito dos pais. A assinatura veio depois, breve, segura, como quem sabe que a medicina, às vezes, apenas acompanha a vontade do céu.
Levantou-se, então, e, com a mesma dignidade com que escreveu o papel, olhou para Antenor e Anna e falou:

— Há mortes que vêm como castigo. Outras, como alívio. E há aquelas raras... que são como retorno. Oscarina não foi derrotada. Ela amou, ajudou, lutou contra a dor sem reclamar. Ela viveu com o coração aberto — e partiu com ele limpo.

Fez uma pausa e, com os olhos marejados, continuou:

— O sofrimento de vocês não será esquecido. Mas saibam: onde quer que ela esteja agora, está em paz. Está envolta em luz, acolhida por braços que nenhum de nós aqui pode ver — mas que a receberam com carinho.

Antenor se aproximou do corpo da filha. Passou a mão pelos cabelos dela, ainda úmidos de suor. Fechou-lhe os olhos com um gesto delicado, como quem cobre uma flor para protegê-la do vento.

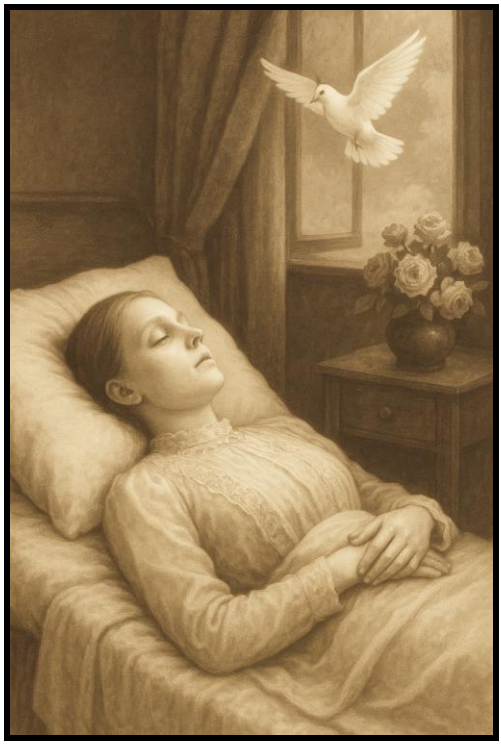
— Vai com Deus, minha menina… — sussurrou.

Anna depositou o terço entre as mãos da filha e recitou um último versículo:

— "O Senhor a deu, o Senhor a tomou; bendito seja o nome do Senhor." (Jó 1:21)

O sol começava a surgir, tímido, entre as nuvens cinzentas. A luz entrava pela fresta da janela e iluminava o rosto de Oscarina. Um raio dourado, leve, quase invisível, tocava seus olhos fechados.

E naquele momento, mesmo na dor mais profunda, a casa inteira se encheu de um silêncio diferente. Um silêncio que não era vazio — era sagrado.



O Adeus Final

A tarde caiu envolta em névoa, como se o céu se recusasse a abrir o sol em respeito à dor que cobria a cidade. Havia um silêncio especial naquele 13 de agosto, um daqueles silêncios que tomam conta das ruas quando alguém especial parte — mesmo que o mundo pareça não perceber.

No antigo Cemitério Municipal de São José dos Campos, hoje rebatizado como Padre Rodolfo Komorek, uma pequena multidão se reunia para o enterro de uma jovem que, embora silenciosa, havia deixado marcas profundas em todos que dela se aproximaram. Oscarina Guimarães, com apenas 21 anos, descia à terra no jazigo número 3933, envolta por flores, orações e lembranças.

A urna era simples, de madeira escura, adornada apenas por um arranjo de rosas brancas — as flores que seu pai escolhera na floricultura, dias antes, quando ainda sonhava em vê-la sorrindo. Agora, as pétalas que antes falavam de vida, choravam com todos ali.

Antenor e Anna estavam lado a lado. As mãos unidas, os rostos desfeitos. Não havia palavras. Só havia a dor que não precisa ser dita. Aquela dor antiga, funda, que os pais carregam quando enterram um filho — uma inversão do mundo que nenhum coração deveria conhecer.

Mas o que mais comoveu a todos naquele fim de tarde não foi o pranto dos parentes, nem os cantos entoados pelo padre, nem mesmo o caixão sendo baixado à terra.

Foi Vitória.

A pequena cadelinha, companheira inseparável de Oscarina, caminhava entre os pés das pessoas sem ruído, com os pelos embaraçados pela ausência de cuidado, os olhos úmidos, como se compreendesse tudo. Quando o caixão desceu, ela se aproximou da beira da cova e, sem latir, sem chorar, apenas deitou-se ali, junto ao túmulo, e não saiu mais.

Os dias se passaram.

Vitória permaneceu.

Sob o sol, sob a chuva, deitada à sombra dos ciprestes, ao lado da lápide que dizia: "Oscarina Cruz Guimarães"

Os funcionários do cemitério passaram a alimentar a cachorrinha, que ali permaneceu fiel, dia e noite. Tentaram levá-la embora algumas vezes, mas ela sempre voltava. Sabia onde pertencia. Era ali, junto à dona, que seu coração descansava.

Anos depois, Antenor recebeu a notícia de que Vitória havia falecido ao lado do túmulo de sua filha. E, como uma última homenagem que as unisse para sempre, mandou fazer uma estátua da pequena Vitória. Um escultor da cidade moldou com delicadeza cada curva, cada orelha caída, cada detalhe do olhar. Não era só um cão. Era memória viva.

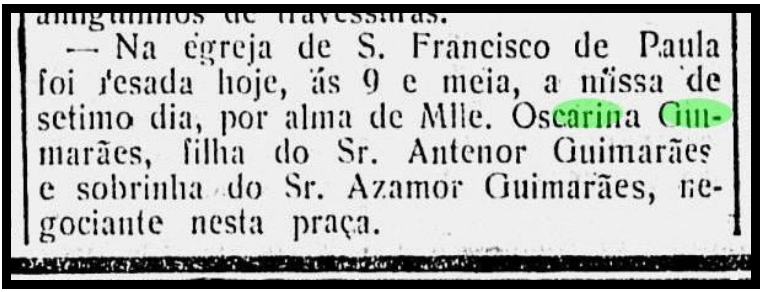
A estátua foi colocada sobre o túmulo, exatamente onde Vitória costumava se deitar. Desde então, todos que passam pelo jazigo 3933 param por um instante. Alguns rezam. Outros sorriem. Muitos choram. E todos entendem.

E até hoje, passados mais de cem anos, a Prefeitura de São José dos Campos reconheceu o túmulo

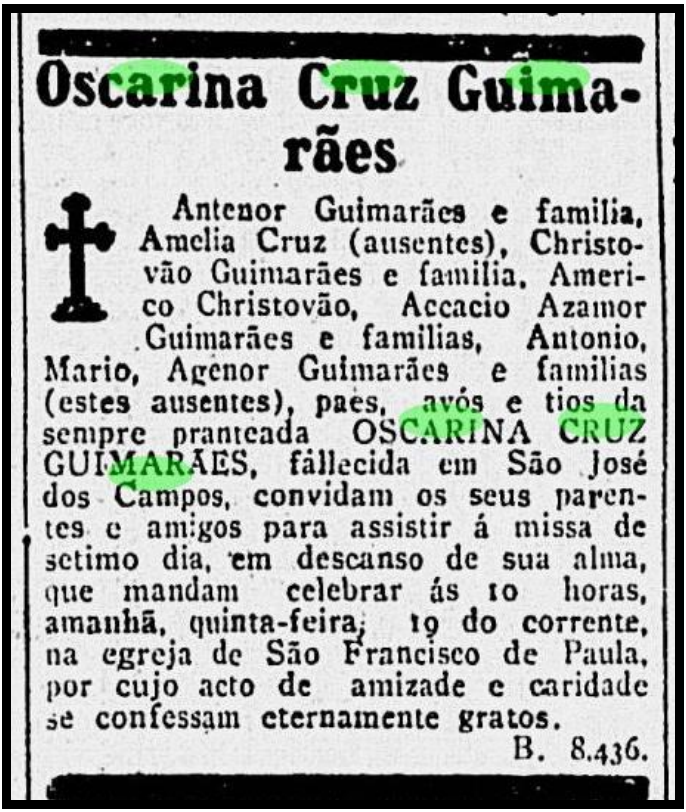
como patrimônio histórico da cidade. Diariamente, dezenas de pessoas percorrem os caminhos do cemitério e, ao se depararem com a pequena estátua da cachorrinha sobre o jazigo 3933, param diante daquela cena silenciosa e comovente. Muitos perguntam. Outros apenas contemplam. Todos querem saber: quem foi Oscarina? E por que um animal permaneceu ali até o fim? Assim, a história de amor e fidelidade entre uma jovem e sua companheira de quatro patas continua viva — sussurrada entre as lápides e guardada na memória da cidade.




OSCARINA CRUZ GUIMARÃES
16_8_1893__13_8_1915
NATURAL DE VICTORIA
CAPITAL DO ESPIRITO SANTO
BRANCA
DE
SUA FAMILIA



— Na egreja de S. Francisco de Paula foi rezada hoje, ás 9 e meia, a missa de setimo dia, por alma de Mlle. Oscarina Guimarães, filha do Sr. Antenor Guimarães e sobrinha do Sr. Azamor Guimarães, negociante nesta praça.



Oscarina Cruz Guimarães

Antenor Guimarães e familia, Amelia Cruz (ausentes), Christovão Guimarães e familia, Americo Christovão, Accacio Azamor Guimarães e familias, Antonio, Mario, Agenor Guimarães e familias (estes ausentes), paes, avós e tios da sempre pranteada OSCARINA CRUZ GUIMARÃES, fallecida em São José dos Campos, convidam os seus parentes e amigos para assistir á missa de setimo dia, em descanso de sua alma, que mandam celebrar ás 10 horas, amanhã, quinta-feira, 19 do corrente, na egreja de São Francisco de Paula, por cujo acto de amizade e caridade se confessam eternamente gratos.

B. 8.436.



rico Ferraz.

Oscarina Cruz Guimarães

1º. anniversario

Antenor Guimarães e familia convidam as pessoas de sua amizade, para assistir a missa que mandam celebrar na Cathedral de Bispado, no dia 14 do corrente, (segunda-feira), ás 8 horas da manhã, pelo descanço eterno de sua idolatrada e inesquecivel primogenita – OSCARINA CRUZ GUIMARÃES.

A todas as pessoas que se dignarem de comparecer a esse acto de nossa religião, confessam-se, desde já, muito agradecidos.

Victoria, 5 de Agosto de 1916. 9—1